

SERÕES

N.º 68 - FEVEREIRO 1911



MUSEU D'ARTE - GAINSBOROUGH (1727-1788) Escola inglesa. - Miss Robinson

Summario

MAGAZINE

	PAG.
MISS ROBINSON (<i>Frontispicio</i>)	82
A EVOLUÇÃO DA VALSA (<i>33 illustrações</i>) por ADRIANO MERÊA	83
A SIMPLICIDADE DOS REIS DE ITALIA (<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALEN-KAR	97
OS CARANGUEJOS DE DAN-NO-URA (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>) por WENCESLAU DE MORAES	101
O PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA (<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>) por PADRE ALVARES D'ALMEIDA	106
FÉ ANTIGA (<i>2 illustrações e 2 vinhetas</i>) por HIPOLITO RAPOSO	113
OS NOVOS SOCIOS BRAZILEIROS DA NOSSA ACADEMIA (<i>6 illustrações</i>) por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS	120
CHRONICA AGRICOLA (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>)	127
HISTORIAS ROMANTICAS DA IMPERATRIZ EUGENIA (<i>1 vinheta</i>)	131
O DEFEITO (<i>Soneto</i>) por THOMAZ D'EÇA LEAL	132
A ARANHA (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>)	133
RESENHA PORTUGUEZA (<i>8 illustrações e 1 vinheta</i>) por PORTUGAL DA SILVA	137
THEATROS (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>) por PORTUGAL DA SILVA	143
NOTICIA BIBLIOGRAPHICA (<i>4 illustrações e 2 vinhetas</i>)	69
PELO MUNDO FORA (<i>12 illustrações e 1 vinheta</i>)	147
CHRONICA DA MODA (<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>)	158



Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugûesa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portugûesa

Locuções latinas e estrangeiras

Historia e geographia

O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográficas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugêsa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portugêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

Num volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3\$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões



Historia _____
_____ Sciencia
Romance _____
_____ Arte
Actualidades _____
_____ etc. _____

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores
e artistas portuguezes e brasileiros.

Assignatura annual, 2\$200 réis
Semestre, 1\$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Atenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCIONARIO.

N.º 68



FEVEREIRO 1911



MUSEU D'ARTE. — GAINSBOROUGH (1727-1788) Escola inglesa. — Miss Robinson



A evolução da valsa

TUDO leva a crer que, dentro em pouco, uma das sociedades internacionaes de arte será consagrada aos interesses da choreographia. Ha dois annos celebrou-se em Berlim um congresso de professores de dança, e para assistir a um outro, realisado ha alguns mezes em Paris, não faltaram delegados especiaes da Inglaterra, Russia, Italia, Austria, Suissa, Grecia e Estados Unidos da America. Como varios dos congressistas apresentassem os modelos *dernier cri* das creações choreographicas, o *yankee*, para não deixar n'outras mãos a balda da excentricidade, advogou, como propicia á arte que representava, a instituição d'uma nova escola americana, destinada ao estudo dos gestos nos animaes. . .

Não estamos habilitados a referir se tal ratices gesticulatoria conseguiu reunir muitos proselytos. Houve, porém, um ponto em que todos os interessados concordaram, e esse vem a ser — que mau grado os esforços dos

Noverre actuaes, a dança definha a olhos vistos. Com effeito, a sua decadencia é manifesta. Se por um lado, o talento authenticico de Isadora Duncan se empenha em lhe restituir o prestigio d'outras éras; por outro, a dança em commum, que tanto favoreceu a sociabilidade no seculo ultimo, para resistir agora a uma queda quasi inevitavel, teve que pactuar com o maxixe e o *cake-walk*, consentindo que a valsa no seu volteio elegante, alterne com tão grosseiros exotismos.

Ao que chegou a valsa, decretada pelo bom tom nos salões do Directorio, e que veio a ser a alma e a vida dos bailes sumptuosos da aristocracia do segundo imperio! Ella, que no reducto da sua extrema distincção, resistiu, impavida, ás apostrophes de Byron e de Hugo, encontra-se agora humilhada ao lado de momices dançantes, emquanto a douta gravidade d'alguns esthetas lhe deprecia a musica, considerando-a um genero inferior.

Inferior em quê? Em dispensar complicações technicas, alheia a escolas e ideias dou-

trinarias? Em se mover dentro de restricta esphera, fiel á divisão ternaria, sem a liberdade e a variedade rythmica de outras fórmulas musicas?

Certamente, a valsa não dá o arrepio do sublime, não excita n'um espirito educado a admiração profunda que elle experimenta perante uma construcção sonora de concepção e proporções grandiosas; no entanto, conta entre outras características a finura e a airocidade, bem mais que o preciso para que só o mau gosto enjeite os seus encantos. Assim julgaram Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, Chopin, todos elles auctores de valsas. Beethoven não só legou porção d'ellas, como até para thema d'umas das suas *variações* mais notaveis, escolheu uma valsa de Diabelli; e em Schumann, o musico do aneio e da amargura, tantas são as valsas a esmaltar a sua Obra, que até no seu famoso *Concerto em lá menor* se encontra uma valsa brilhante fechando a composição.

Um genero de musica com tão insignes cultores, merece, indiscutivelmente, as honras d'um historico, comquanto cada um, segundo o seu arbitrio, lhe marque o ponto que entender no horisonte da arte.

A valsa, em allemão *Walzer*, de *wälzen*, litteralmente rolar, a valsa, diziamos, é desde longos annos a dança predilecta na Allemaña, e ainda não ha muito tempo a julgavam originaria d'esta nacionalidade. Hoje, de pesquisa em pesquisa, chegou-se á conclusão, com assentimento unanime, de que a valsa tem tantos seculos, quantos nos separam do tempo de Luiz XII de França. Segundo alguns eruditos e uma erudita nossa conhecida: a cravista Wanda Landowska, foi de lá que ella veiu, d'essa Provença abençoada,

onde ainda em pleno feudalismo, do lyrismo amoroso do povo brotara o gosto de trovar, acompanhando o que já existia de dançar. Porque convém recordar que durante a estagnação d'espirito que foi a Edade Media, apesar da opressão do regimen, do obscurantismo das superstições tenebrosas, apesar de todos os soffrimentos moraes, nunca se deixou de dançar. Dançava-se e cantava-se. Era ao som de canções toscas, informes, sem rythmo nem symetria, que o povo dançava as rondas de que ainda ha vestigios na infantil dança de roda; e como isso ainda não bastasse para alliviar os animos d'um ambiente de martyrio, imaginaram-se as procições em que a dança entrando a princi-



UMA FIGURA DA «VOLTA»

pio como attributo do rito religioso, depois degenerou na licença e na orgia grosseira de uma época brutal de costumes. Não foi pequena a quota de Portugal para essas danças ambulatorias em que em nome d'intuitos purificativos, se cometia toda a casta

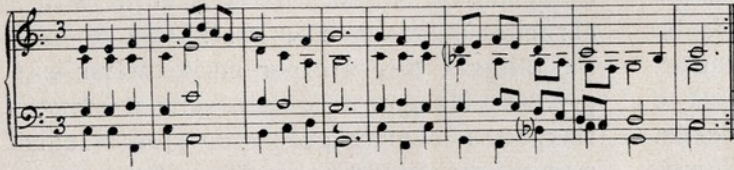
d'impudor á custa das sombras nocturnas. D'este modo, o clero que a principio se mostrou favoravel á dança, teve depois que prohibil-a. Mas como em se tratando d'interdicções officiaes a complacencia tem sido de todos os tempos, nem todos os bispos commungaram nas mesmas ideias condemnatorias; e assim succedeu que ao passo que n'algumas dioceses ella se conservava interdicta, n'outras era exercicio a que o povo se entregava tão confiadamente, como diversos bispos e abbades n'um baile historico, por occasião do concilio de Trento, onde, a despeito da purpura e dos achaques, dois cardeaes mostraram as dançarinas prendas.

Até aos alvôres da Renascença, a dança era, em geral, passeada. Davam-se as mãos

Volta, e na qual alguns dizem esta se ter fundido, se pudemos conhecer com que musica se dançava, devemol-o a composições

valsa. Como a *Volta* medieva, o *Laendler* dançava-se movendo-se os pares independentes e no mesmo sentido circular. A musica subordinava-se tambem ao rythmo ternario, 3 por 4 ou 3 por 8. Sob a designação de *Laendler* existem muitas valsas minusculas de compositores antigos e modernos, Raff um d'elles, se bem que nem sempre encontremos n'ellas observada a fórmula typica da melodia em colcheias, succedendo-se vagorosamente e em movimento continuo.

Um bom exemplo do *Laendler* figura-se-nos o bailado do *Freischütz*, que pelo seu caracter popular, tão bem quadra com o



GALHARDA DE CLAUDE GERVAISE

dos francezes Guèdron e Claude Gervaise e dos inglezes William Byrde e Orland Gibbons.

O fragmento d'uma *galharda*, de Claude Gervaise (compositor e violista do seculo XVI) aqui apresentado em redução pianistica, tomámol-o da publicação de Henry Expert — *Les maitres musiciens de la renaissance française: Danceries*, 1^{er} volume. E' complemento da *Pavana* sobre a canção: *Mamye est tant honneste et saige*. Está esta *galharda* escripta para quartetto com a indicação de *superius, tenor, contratenor* e *bassus* nas suas respectivas partes, á maneira da musical vocal da época.

Apezar da ausencia da *Volta* e da *Galharda* na musica allemã, desde a segunda



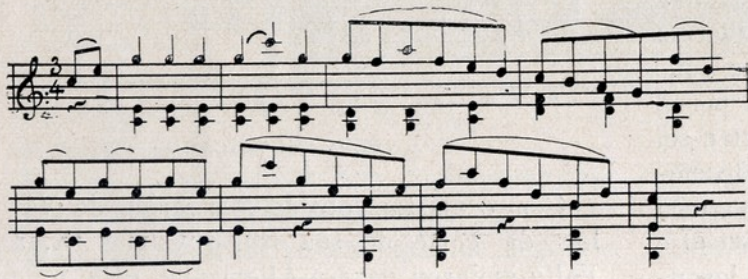
LAENDLER DO 1.º ACTO DO «FREISCHUTZ»

1.º acto da celebre opera de Weber.

Com excepção da *ronda infantil* não se conhece dança de maior recato. Simples, discretamente affectuosa, toda ella a respirar compostura e graça pudica, eil-a em breve propagada a toda a Allemanha do Sul e á Bohemia e á Styria, tornando-se nos casaes e nas granjas o entretenimento favorito da mocidade. Quando, descida a noite, o luar convida á confidencia, quantos corações se entreabriram por aquelles prados fóra, quantos noivaram de pulsar ao rythmo do *Laendler*, suave como o aroma do feno e o fio d'agua na fonte!

Após o *Laendler* vem um outro genero de valsa rustica, já menos singella, menos curta tambem, pois que traz consigo o *trio*, e a *coda*. São as valsas conhecidas por *Deutsche Tänze*, ou *Teutsche*. Mozart escreveu mais de cinquenta, das quaes apresentamos uma com o respectivo *trio*.

E tambem Beethoven as compôz, como se



TRIO



VALSA DE MOZART

metade do seculo XVII, é na Allemanha que, depois, a meio do seculo XVIII, vamos encontrar no *Laendler* novos traços evolutivos da

vê na que se encontra logo no começo da pagina seguinte.

Em Hummel, a valsa distingue-se apenas pelo comprimento. Tinha nove numeros a que elle compoz em 1808 para a inauguração do Salão Apollo em Vienna.

Enfin Schubert vint... e ao influxo do seu genio forma-se a valsa moderna, tanto outra na elegancia, na frescura, no typo dançante em que a melodia corre fluente, mas contornando-se de graciosidade. Toda a espontaneidade do engenho creador de Schubert, toda a alegria sã e descuidosa da sua juventude bohemia sentem-se, palpitam, n'essas valsas na maioria compostas d'improviso nas reuniões intimas que elle frequentava e de que era a alma com a sua roda d'amigos, uns musicos, outros poetas, companheiros inseparaveis já na esturdia, nas tertulias do café, já n'essas excursões ao campo, onde a alma de Schubert simples e affectuosa, se dilatava e se nutria d'inspiração ao contacto e na contemplação da sua dilecta Natureza.

Quem percorrer as valsas, *Laendler* e *Deutsche Tänze* de Schubert, desde as duas primeiras collecções (*Original Tänze*, op. 9) até às *Letzte Walzer* op. 127, encontrará n'estas obras, escriptas entre 1817 e 1827, certo numero de efeitos, cuja adopção n'outras valsas dezenas d'annos depois, poderosamente concorreu para afamal-as.

O effeito do syncopado, que tanto anima a valsa do *Fausto*, eis onde Gounod parece tel-o respigado:



VALSA DE SCHUBERT

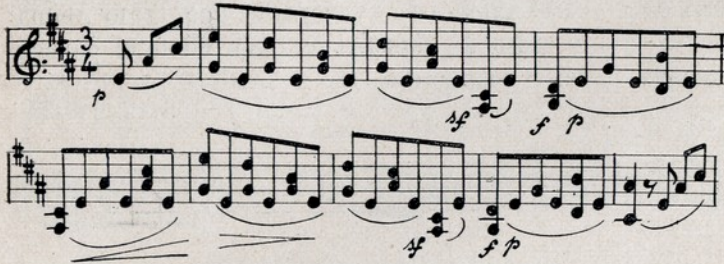
Se para oppôr ao ar buliçoso d'esta valsa buscarmos outra d'expressão fundamente sentida, nenhuma como a que tambem apresentamos do mesmo auctor, tão intima de suavidade, e por muito tempo attribuida a Beethoven. Intitularam-na os francezes *Désir*, á falta da nossa palavra saudade para traduzir *Sehnsucht*.



FRANZ SCHUBERT

Determinadamente dançante, a valsa de Schubert, á parte a *introducção* e a *coda*, obedece na fôrma á construcção rythmica regular. Poucos exemplos se encontram em contrario; um ou outro, como o da valsa em *fá*, 10.^a da collecção op. 127 não passa de méro capricho de momento, sem que Schubert pretendesse amplificar e enriquecer a fôrma da valsa, de maneira a erguel-a da superficie terrena da musica de baile ás altas

regiões da musica instrumental, como Weber, tambem auctor de valsas para dançar, o havia feito em 1819 no famoso



VALSA DE BEETHOVEN

rondó brilhante, denominado *Convite á valsa*.

A citação d'esta obra, por muitos titulos notavel, relaciona-se com um ponto impor-

tes, e profundamente suggestiva, quasi representativa! na introdução, — a valsa perfeitamente pianistica, creada por Weber na obra supracitada, torna-se emotiva e aristocratica em Chopin, agreste de melancholia em Stephen Heller; inflamma-se, faisca de virtuosismo em Liszt; em Schulhoff e Lysberg não vae

além d'apparatososa; em F. Thomé limita-se a uma boniteza elegante; em Saint-Saëns mostra-se fantasista e humoristica; em Rubinstein deslumbra de fulgôr e de viveza

cl. 8 máy 1821 B. Schubert

1.

2.

V. S.

[Berlin: Kgl. Bibliothek]

AUTOGRAPHO DE SCHUBERT

tante no assumpto que se tem aqui versado, aquelle em que a valsa, bifurcando, segue rumos oppostos, se não quanto á base rythmica, pelo menos, quanto a intuitos expressivos. Uma limita-se a ser dançada; outra, pretendendo que a escutem, integra-se no typo da valsa de salão, subdividida depois em infinitas qualificações. De brilhante, emplumada, opulenta de côr e de melodia varia, frondosa d'effeitos, rica de kontras-

caprichosa; em Brahms é d'um frescor adoravel nas suas proporções delicadas; e em Widor, escassa d'idéas, interessa pela habilidade technica, temperada na fi-



LE DÉSIR

nura e no bom gosto d'um artista requintado.

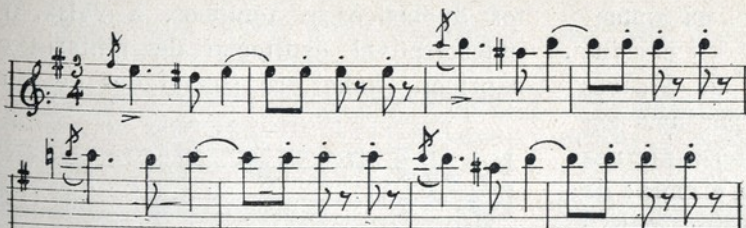
Claro que isto é simplesmente tratar de relance a valsa pianistica, citando-lhe apenas os principaes cultores e os traços geralmente característicos. Mais, muito mais,



DAS LEBEN EIN TANZ

ella merecia, e de boamente lhe consagravamos attenção condigna, se não fôra o receio de tornar demasiado extenso este estudo. Ficará para melhor oportunidade, como poderá tambem ficar a valsa no poema symphonico, no bailado e na opera, desde que n'ella appareceu no 2.º acto de *La Cosa Rara* de Martin y Soler, em 1785, na Opera de Vienna, até á scena do luar de Werther, onde Massenet utilisou com tacto de mestre a forma do *Laendler* no aspecto rythmico e na feição campestre.

Agora, o que sobretudo importa é a valsa para dançar. Retomemos, pois, o fio da sua evolução, abandonado em Schubert, occupando-nos de Johann Strauss, Joseph Lanner e Labitzky, trindade coeva e notavel de auctores de valsas escriptas segundo o padrão de Schubert. Todos elles directores de pequenas orchestras de baile, facil lhes foi, por esse meio directo, conquistar para



PESTHER-WALZER

as suas obras a popularidade que as de Schubert não fruíram em vida do immortal compositor.

Foi a época de *Das Leben ein Tanz*, de Strauss; de *Pesther-Walzer*, de Lanner; de *Elisabeth*, de Labitzky; e de outras valsas

de larga popularidade que fizeram as delicias da juventude de Vienna de 1830 a 1850. Depois, outro compositor surgiu, a quem estava reservado dar a forma definitiva á valsa viennense, conservando-lhe sempre, a par de outras qualidades caracteristicas, a força irresistivel do rythmo. Esse cultor extraordinario da valsa, gloria da musica choreographica, como Offenbach da operetta, foi Johann Strauss, filho. Dir-se-hia que Strauss e os seus competidores, satisfeitos com a valsa apenas plastica, lhe haviam dito: *habeas corpus*. Strauss, filho, infinitamente mais artista, parece ter-lhe segredado: *habeas animam*, e aquecendo o intui-



CARICATURA DE J. STRAUSS POR OCCASIÃO DO SEU JUBILEU

to á chamma azulada do seu estro, creou o typo supremo da valsa por muitos imitada sem que ninguem a excedesse.

N'umas impressões de viagem recentes,

Blasco Ibañez refere, na sua prosa quente e nervosa, que a Valsa de Strauss é o braço musical de Vienna. Effectivamente, aqui



ELISABETH

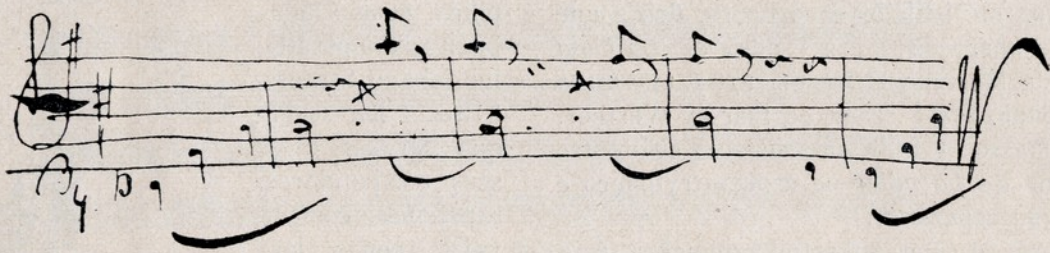
há a admirar um producto de arte em que o genio do auctor e o genio d'uma raça se fundiram de tanto se aproximar; d'ahi resultou para a valsa uma exuberancia e uma exaltação de vida, onde circula a flux o es-

Strauss, o auctor da *Salomé*, varios temas se encontram inspirados em valsas de Johann Strauss, e ha tres annos, quando em S. Car-

los se executou essa discutida partitura, não faltaram ouvidos experimentados apontando essa influencia pelo menos n'um dos desenhos mais repetidos da opera.

Aqui em Lisboa, apesar de bastante martellada no teclado dos pianos, a valsa de Strauss apenas uma vez deu occasião a que se experimentasse a sua impressão deliciosamente extranha,

quando esteve no theatro hoje Nacional, uma *troupe* hungara com uma orchestra de cordas, em cuja sonoridade se mesclava o timbre crystallino d'um psalterio. Sem exaggero, foi uma revelação! Sob a acção gal-



Johann Strauss

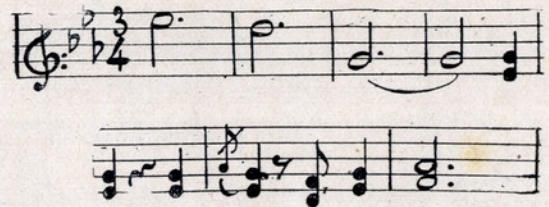
LE BEAU DANUBE BLEU

Autographo de J. Strauss, filho

pirito d'uma capital que nenhuma outra eguala nas frivolidades do luxo, na animação estonteante, nas exterioridades e seducções da garridice. Escuta-se de Strauss uma das valsas mais typicas, e por uma associação d'impressões que suggere, alguma cousa nos diz do feitio plastico e moral da viennense, do seu pendor amoroso, mais á flor que do vivo d'alma; parece-nos até vér emergir das irizadas volutas da valsa a figura inconfundivel da elegante de Vienna, orgulhosa das suas fórm flexuosas e do ouro fulvo do seu cabello farto.

Convem até não esquecer que a melodia de Strauss exerceu um certo influxo entre compositores allemães dos mais grados. No poema symphonico: *Zaratustra*, d'um outro

vanica d'uma execução riquissima de effeitos dynamicos e agogicos, a valsa, n'uma indescrivel exaltação de fantasia e de capricho, tinha ora suavidades de caricia,



GROSS WIEN

ora sacudimentos de sobresalto.

Estiveram os hungaros aqui haverá duas duzias de annos, apresentando-se poucas ve-

zes; tão poucas que muitos apreciadores de musica deixaram de ouvi-los. Um d'elles, homem de gosto e distincto amator musical, estava n'essa occasião em larga digressão pelo estrangeiro. A' volta, perguntando-lhe nós que escutara de novo na patria de Mozart e de Schubert, respondeu-nos que a sensação mais inedita de todas as que por lá experimentara, déra-lh'a o por elle tanta vez trauteado *Beau Danube bleu!* E curioso é que essa revelação da valsa de Strauss não a tivera elle d'uma orchestra numerosa, das que é costume tocarem nos grandes casinos mundanos, onde a luz electrica vaporisa a sua desmaiada claridade sobre requintes de elegancia e fulgôres de pedrarias. Tal sensação tão impressiva em musica de baile, recebêra-a d'um bando de zingaros de tez bronzeada e semi-rotos, tocando ao impulso do seu temperamento vibratil no recanto d'um parque, á hora macia em que o sol ao deixar-nos, tamisando-se pelas arvores, gera nos animos esse estado d'anceio indefinido em que a aza do devaneio nos transporta aos intermundios do mysterio.

Ultimamente, a valsa de Strauss, se não se desnacionalisara, perdera bastante de character sob a influencia da *Valsa-Boston*, d'ahi trazida para Vienna e Paris, com longa escala por Londres. Strauss fazendo reverter a valsa ao



LE TORRENT



JOHANN STRAUSS, PAE

seu antigo movimento lento, déra-lhe com a gravidade de certo ar distincto, taes atavios de forma, taes artificios technicos, que para que nada faltasse á sua pretensão modernista, até na valsa que melhor marca este desvio de forma: a *Kaiser Walzer*, o emprego do *Leitmotif* é uma das characteristics. Foi uma transfiguração da valsa viennense, e uma decepção para os que a admiravam na vivacidade melódica, na flexibilidade rythmica, apta para os varios contrastes que lhe excitavam o instincto livre, todo estouvamento e franqueza. Como estamos longe do auctor do *Blaue Donau*, de *Wein, Weib und Gesang*, de *Künstler-Leben*, de *Wiener Blut* e de tantissimas valsas que deram a Strauss reputação universal!

Comparando, por exemplo, as duas primeiras e ainda outras valsas famosas, com a *Gross Wien*, uma das notaveis, pertencente ao fim da carreira de Strauss, que differença entre o comedimento d'esta e o estremeimento de vida das outras!

Embora a musica de baile, mórmente a valsa, fósse a que cimentasse a fama de Strauss, tambem elle compoz varias operettas, instrumentadas com gosto e dextreza, mas nas quaes, como em *Suppé* e *Millöcker*, os rythmos, quasi sempre dançantes, privam



LA VAGUE



LES CENT VIERGES

a musica das condições necessarias ás partituras destinadas á scena.

Indubitavelmente, Johann Strauss, filho, merece contar-se entre os melodistas mais ferreiros do seculo passado. Wagner e... Offenbach, os dois pólos do genio na scena lyrica, tinham-no em particular estima; e de Brahms, seu admirador e seu intimo, corre como certo que dando uma vez a sua quota para um album de autographos, n'elle escreveu os primeiros compassos do *Beau Danube bleu*, commentando em baixo: *Leider, nicht von mir!* (Infelizmente, não é meu).

E Paris? esse Paris dançante de Luiz Filippe e da segunda Republica, o Paris da *polka*, da *mazurka*, da *schottish*, da *redowa* e que aberto a toda a casta d'exotismo choreographico, a toda a deformação absurda, inventou a absurda valsa a dois tempos?... Esse Paris do Murger, que chamava á valsa *passo de carga do amor*; de Gavarni, cujo lapis descreveu o valsista romantico, fatal, de attitudo atenorada e ganforina impenetravel; essa capital da França e do espirito, com que valsa dançava então? Com a tumultuosa *Indiana*, de Marcaillou e *Le Torrent*, do mesmo auctor, da qual estampamos o começo, as mais d'accordo com a extravagancia que tornou a valsa dançada a dois tempos, de que Alfred de Musset foi en-

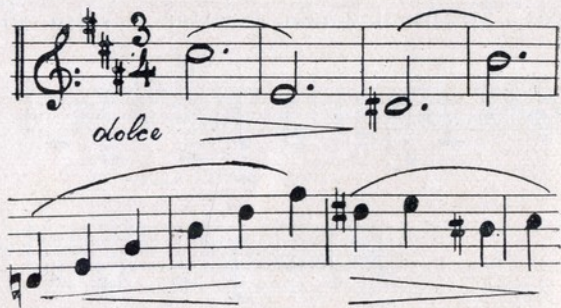
thusiasta, uma especie de *Course à l'abyrne!*

Do bailado-pantomina d'essa época, gloria da Taglioni, Carlota Grisi e Fanny Cerrito, algumas valsas, principalmente as de Adam, subiram do tablado á scena politica e mundana dos grandes bailes officiaes sem, no emtanto, lograrem o exito reservado alguns annos depois á valsa de Métra, incontestavelmente o mais notavel entre os auctores francezes de musica de dança. Todavia, ao contrario do que se deu em Vienna d'Austria com a valsa de Strauss, a valsa

de Métra está longe de poder-se considerar a insignia musical do povo parisiense. Afóra certa elegancia, nenhuma outra qualidade do espirito gaulez. E essa mesma elegancia é pesada e sempre obtida pelos mesmos effeitos d'uma ondulação de movimento, feita de curvas largas mas molles e pobres de contorno, sempre o mesmo em todas as valsas. De maneira que sem se poder negar a Métra a individualidade, qualidade rara em musicos de baile, a sua valsa tem o seu

tanto de *pommade* embora com perfume fino, o que quer que seja de oleoso e flacido. Uma das mais conhecidas: *La Vague*.

Outra, completamente outra, a valsa de



LA FILLE DE MADAME ANGOT

Lecocq, surgida por entre as travessuras da operetta. Essa é que é genuinamente pari-

d'esse periodo em que o arrebitado Trénis pontificava nos salões, n'ella se devem ter antecipado as seducções irresistiveis da valsa da *Angot*, em tudo e por tudo perfeita como assimilação do estylo d'essa epoca. Ha no desdobramento da sua linha melodica, deliciosamente contornada, tal abandono e garridice, tanta finura e graça insinuante nas suas sinuosidades caprichosas, que outra não podia ser a valsa n'esse periodo como nenhum escravizado pela moda, que sem escrúpulos revivêra a antiguidade nas tunicas á Céres e á Flora das vaporosas *merveilleuses*.

Se com a referencia especial d'estas duas valsas, invadimos os dominios da operetta, é porque as marca um relevo e uma individualidade ausentes na musica de baile de muito compositor fecundo. Gungl, Joseph Strauss, Fahrbach e outros auctores, cuja enumeração seria longa, fôram méros imitadores de Joahn Strauss. Emile Waldteufel, o auctor de tantas valsas afamadas, ora se inspira em Strauss, como se pôde

observar nas *Fleurs*, ora segue o seu compatriota Métra na tepida molleza da tão vulgarisada *Très jolie*.



LES FLEURS

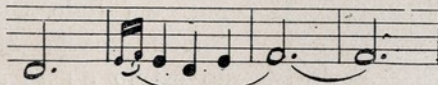
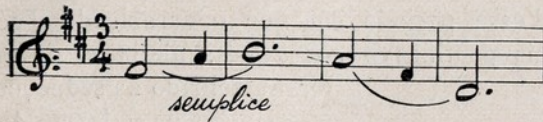


JOHANN STRAUSS, FILHO

siense no espirito ligeiro e scintillante, no desembaraço e franqueza de movimento com que é lançada, como, por exemplo, a das *Cent Vierges*, que, ainda assim, não vale a da *Angot*, a perola das valsas francezas. Leitor, entre outras lacunas de que ha-de padecer este estudo, uma existe que nos apressamos a accusar: Se nos perguntassem com que valsas se dançava em Paris durante o Directorio:

Lorsqu'au bruit des canons dansait la République,

confessamos, a pesar nosso, não saber que responder. Mas qualquer que fosse o auctor, se a musica possuia o cunho mundano



TRES JOLIE

Um musico viennense que actualmente explora com gosto e fortuna a *Valsa-Boston* no seu languido arrastamento, é Rodolph Berger. A *Amoureuse* e *Loin du pays*, principalmente, justificam os creditos do auctor.

Em Italia, a valsa é quasi artigo d'exclusiva importação. As caducas valsas de Ardit, escutadas á Patti em todas as latitudes e algumas outras de Mattei e Bucci, teem sido pouco para o consumo choreographico do paiz.

Por cá, haverá cincoenta ou sessenta annos, não faltou voga á importada valsa de Godfrey, *Les gardes de la reine*.

Gemiam-na os pianos ao cahir da tarde, quando a luz já não dava para bordar escarcellas a missanga, ou alvos coelhos a lã, que depois de encaixilhados, eram decoração favorita das salas burguezas de então. N'essa época, uma outra especie de valsa apreciada, era a valsa de retalhos melodicos de varias operas. As vinte miniaturas da capa de *Hommage á Verdi*, por Emilio Lami, representando scenas de operas verdianas, revelam com sufficiencia a indole da composição.

Em fins do ultimo seculo, andaram na berra em Lisboa as vâlsas de Fabião Fi-

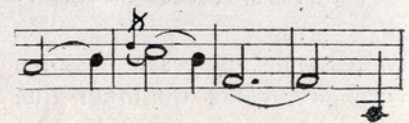
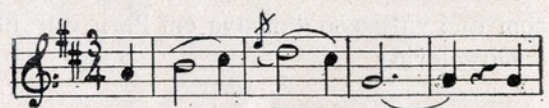
gueira, que, embora se não recommendassem pela originalidade, eram sobremodo dançantes, denunciando no auctor, a par de pronunciada tendencia para o genero, uma certa elegancia amavel, grangeadora de numerosas sympathias.

Entre nós, valsa com jus a um logar de destaque em estudo como este, só conhecemos — *Ella!* de Cyriaco de Cardoso, uma composição que deu brado em Lisboa e no Porto, cêrca de 1866. Constituem-na uma *introdução* e uma *coda*, dentro das quaes existem quatro numeros de valsa. Tres d'elles, sensivelmente moldados nas fórmulas dominantes da época, não conteem maior attracção que os notabilise; apenas á primeira

das tres valsas é applicavel o epitheto de bonita. Mas no 4.º numero ha uma parte, a que produzimos, por varios titulos digna de assignallar-se.

Em primeiro logar, é de originalidade notavel. Ha 45 annos, a sobreposição de figurações rhythmicas differ-

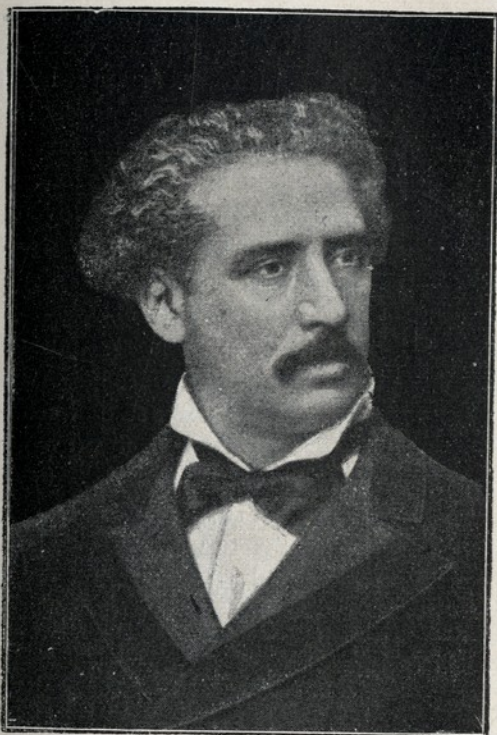
rentes, cuja combinação se obtem por meio da alteração de valores, embora muito anteriormente se empregasse, não era costume adoptar-se na musica de baile. Por consequencia, tental-o já representa um arrojo de factura indicador d'um espirito não vulgar.



LES GARDES DE LA REINE



JOHANN STRAUSS DIRIGINDO A SUA ORCHESTRA NUM JARDIM PUBLICO DE VIENNA



OLIVIER MÉTRA

Mas tentar esse caprichoso parallelismo rithmyco n'um movimento de valsa, conseguindo assim obter um periodo musical tão completo e tão feliz d'inspiração, é o que se póde considerar uma *trouvaille*. Depois, escutando-se este pedaço de valsa, só um temperamento de gelo poderá deixar de vibrar com o fremito de paixão que o atravessa. Ha n'elle na vehemencia do aneio, bem expresso no insistente desenho musical, como què a sêde de amor levada ao supplicio na loucura d'um desejo impossivel. Quem escreveu uma pagina tão curiosa de factura e tão sentida de expressão foi, incontestavelmente, um musico de talento. Em Portugal tem sido pouco avultado o numero de compositores em que elle brilhasse; mas Cyriaco de Cardoso, no seu feitio de bohemio um tanto sentimental, foi um d'elles, embora em vida muitos lhe não reles, embora em vida muitos lhe não reles, conhecessem os meritos, uns por inveja, outros por tolice teimosa.

Nada conhecemos mais, entre nós, para registo especial. Consolemo-nos, entretanto, com que a Hespanha, nação muito superior á nossa no ponto de vista musical, pouco poderá apresentar de valia na

especialidade. Valsa bonita escripta em Hespanha, apenas uma nos lembra: a do *Chateau-Margaux*, de Caballero, e essa mesma pautada n'um genero de valsa muito francez a que pertencem, *Valse des blondes*, de Louis Ganne, *Sourire d'Avril*, de Dépret, *Valse bleue*, de Margy, e tantas outras, sorridentes, evaporadas, vivendo muito d'aquelle artificio peculiar na figurinha coquette e fragil em que Cheret e Ferdinand Bach synthetisaram com subtilidade a parisiense dos nossos dias.

A valsa *Chaloupée*, digna criação de *apaches* pelas suas contorsões e seus bruscos sacudimentos, citamol-a apenas a titulo de curiosidade.

Recentemente, duas valsas teem alcançado suffragios numerosos. Pertence uma d'ellas á *Viuva Alegre*, de Franz Lehar.

A outra, quasi inutil será dizer que é — *Quand l'amour meurt*... de Octave Crémieux.

Toda a gente conhece este deliquio em *ternario*, com os collapsos das *suspensões* e afrouxamentos continuos de andamento a suggerirem lascivas melancholias.

A primeira, plena de seiva e de frescura na liberdade do rythmo e na palpitação de vida, é a valsa para a juventude, a valsa que alenta communicando alegria, convidando a amar e cantar, como uma antiga



EMILE WALDTEUFEL

ELLA!

valsa de Strauss, assim denominada. A outra, no seu langor de morfina, dá a im-

A VIUVA ALEGRE

pressão da carícia, mas da carícia felina, da carícia perfida, emergindo da volúpia por entre as ardências do desejo...

Se reunissemos estas duas valsas, alterando-lhes os varios numeros de que se

do menosprezo soffrido nas salas, é porque assim o querem os novos, que estirados entre a indiferença e a insipidez, sem coração que lateje, sem espirito que se inflamme, um dia hão de partir para a viagem sem bi-

QUAND L'AMOUR MEURT...

lhete de volta, na pateta illusão de que viveram — deixando passar em claro a mocidade.

ADRIANO MERÊA.



O PALACIO DE RACONIGI

A simplicidade dos reis de Italia

Vida burgueza de Victor Manoel III e da rainha Helena — Suas predilecções — Cosinheira de si mesma



UE se passou na famosa visita do tsar da Russia a Victor Manuel III, em Racconigi? As chancellarias não o disseram ainda, nem a esta revista litteraria interessa muito sabel-o. Foi escolhido aquelle sitio por motivos de defeza pessoal ou porque Victor Manuel III evita o mais possivel o apparatus protocolar? E' provavel que na conjunctura pesasse esta ultima razão. Quem sabe quanta simplicidade se revela na vida familiar de Victor Manuel III, não estranhará que a visita se fizesse conforme os sentimentos do rei italiano. De facto, já vae longe o tempo em que as almas ingenuas comprehendiam os reis, como ainda hoje se pintam nas cartas de jogar — de manto, corôa, sceptro e fartas barbas. Agora — com excepção do *Kaiser* —

envergam trajes como os de qualquer burguez — chapéu de côco, fraque ou simples rabona, não esquecendo as luvas de mil ou mil e duzentos. Só o *Kaiser* é que não larga o uniforme militar, salvo quando caça, e ainda assim, o fato de caçador obedece a certo figurino, com arremedos de uniforme.

Pelo contrario, Victor Manuel faz diversas excursões campestres, á paizana; quasi que aborrece as recepções espartosas ou de gala. Para elle, a vida da familia, a simplicidade, o ávontade caseiros, são as coisas que mais convém ao seu temperamento; o fausto convencional, a imponencia dos uniformes, as curvaturas dos aulicos enfadamento; o formalismo da etiqueta, secca-o.

Dado que no encontro de Racconigi se trataram assumptos de politica internacional, não haja duvida de que tudo foi dito e com-

binado *inter pocula*, como quem gisa uma partida de caça; e que, para mais, presidiu ás conversações a graça e a doçura da rainha Helena, essa formosa montenegrina que adora, tanto como o marido, a vida simples, burgueza, das boas mães de família.

Ambos sabem que em Roma poucos gabam o desdem régio pelas festas pomposas, pelos bailes que durante semanas constituem a preocupação dos chronistas e o assumpto das conversações em todas as salas. Que importa! rei e rainha têm gostos e preferencias analogas; rei e rainha são concordes em evitar as fadigas de exhibições espectaculosas; para ambos, a tranquillidade do seu lar é um prazer positivo, solido, que offusca todos os outros. Como bons burguezes, esse

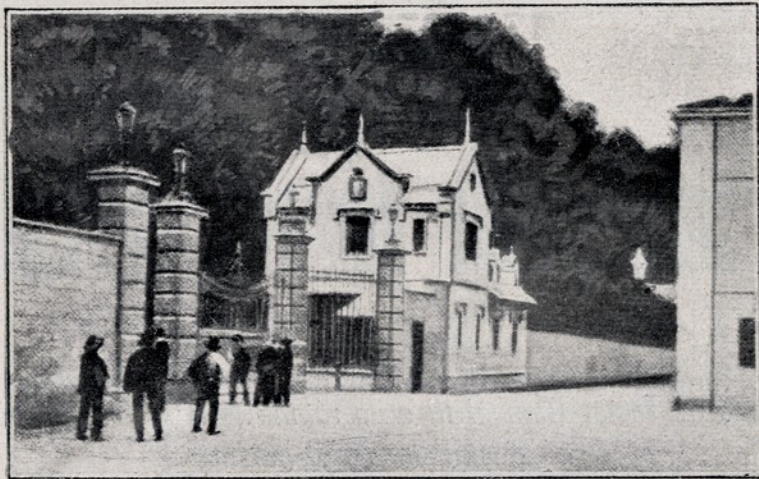
prazer exige não ser devassado por estranhos. Com effeito, rei e rainha, fóra das occasiões e exigencias protocolares, tomam as suas refeições a sós, cara-a-cara. Nem camaristas, nem ajudantes, nem damas de serviço:

marido e mulher, na sua torrezinha de amor, livres de olhares maliciosos e indiscretos, podendo dar largas aos seus affectos, ás suas idéas, aos seus sentimentos. Orgulho? Não: apenas o gôso de um direito — o direito de ser marido sem entraves, o de traduzir pela palavra o que se pensa ou sente, certissimo de que lá fóra se não commentará o que o rei disse, ou a rainha disse, entre o assado e a sobremesa.

O rei Victor Manuel III teve a coragem, pouco habitual nos monarchas, de reduzir o trem de sua casa até ás proporções que, dada a posição de um reinante, se devem considerar modestissimas. Como bom burguez,

adora os passeios ao campo, onde jámais se aborrece. Uma bella manhan, marido e mulher sentam-se n'um automovel, em que a creadagem previamente accommodou a refeição dos regios passeantes, e eil-os ahi vão, campina fóra, contentes como collegiaes em ferias, um tanto ao acaso. O ceu italiano sorri na sua eterna graça de rival da Hellade; as paizagens succedem-se na macieza da sua atmosphaera propicia ao sonho: rei e rainha respiram a grandes haustos, sentem-se felizes. A andadura do automovel afrouxa, á medida que se aproxima a hora da sua refeição; provavelmente, os regios estomagos já sentiram quaesquer rebates de appetite. Além, sitio delicioso! está uma chan, a offerecer um suave tapete de verdura

que o bom Deus estendeu sobre a terra fecunda; acolá, solemne, acolhedor, posto que um tanto hieratico, a pruma-se um pinheiro secular, descendente, talvez, dos que ha mais de dois mil annos presencearam coisas espan-



ENTRADA DO PALACIO DE RACONIGI

tosas, quando Roma expansiva e absorvente, «regia os povos». Que sombra fawnia esse robusto pinheiro concede á paisagem! Não poderia ser ali? Pois seja!

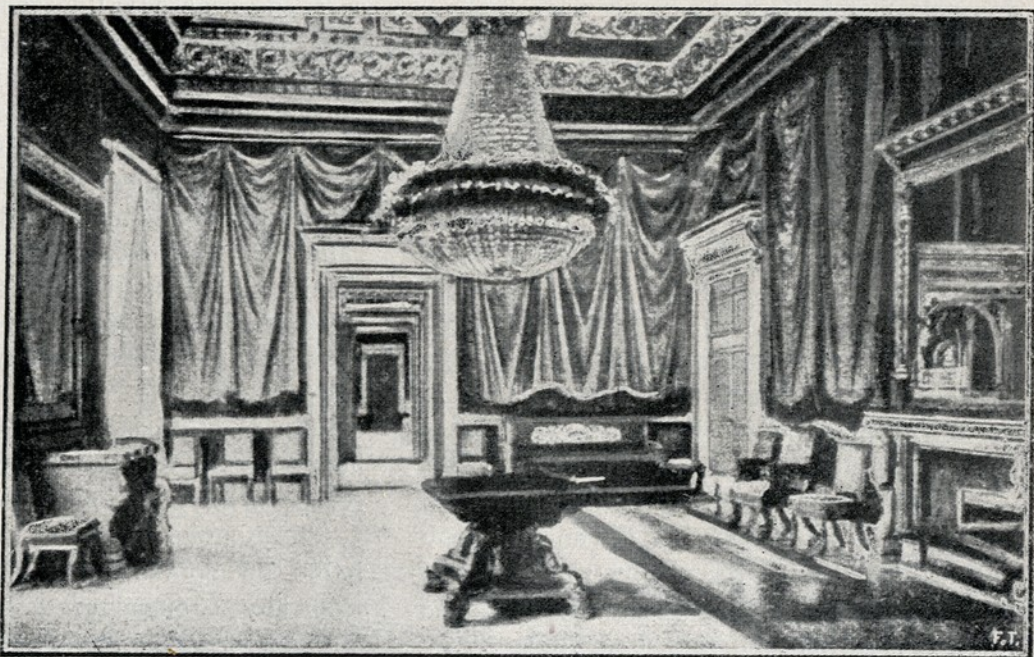
Parou o automovel: rei e rainha apêam; a toalha estendida no chão cobre-se de virtualhas simples. Se Victor Manuel tem de cór os melhores versos dos grandes poetas cujo vinco ainda é sensível na litteratura de hoje, imaginará que vem fazer-lhe companhia no repasto, as mais graciosas divindades da phantasia greco-romana. Até o grande Pan fará ouvir ao longe a sua frauta, bem apreciada das faceis nymphas. Um verso de Ovidio, a proposito, fará talvez sorrir a rainha Helena; e um de Horacio e outros de Virgilio: parecerá a ambos que a paisagem

vibra em unisono com os frascarios poetas da civilização pagan. Não é verdade que esses momentos, em que marido e mulher falam sem testemunhas e dão todas as largas á sua imaginação, valem mais, muitissimo mais que os formalismos da côrte, os sorrisos compostos de cortezãos e cortezans, as falas humildes dos que, amanha, serão talvez os primeiros a morder a mão que lhes foi cornucopia de favores, distincções e honrarias?

Estão radiantes os dois excursionistas. E que apetitosa refeição! Pudera: foi talvez manipulada pela propria rainha. Não se admirem: por que é de saber que durante a sua residencia em Monte Christo, mais de uma vez, a formosa montenegrina que hoje se senta no throno de Italia, se não dispensa de cozinhar o piteu da sua predilecção. E' que ella foi educada modestamente, sob os principios austeros da côrte do Montenegro, no culto das occupações que constituem apanagio principal da mulher que ámanhan será esposa e mãe. A sua educação foi tão rígida que só lhe permittiam, como passatempo, o exercicio da arte. Com effeito, a rainha Helena desenha, pinta a oleo e adora a musica, sendo, senão uma pianista notavel, pelo menos uma amadora de sensibilidade fina, e é essa fina sensibilidade que preside á sua execução brilhante.

Quando o protocolo o exige ou aconselha, as portas do Quirinal abrem-se, de par em par, ás grandes personagens do mundo offi-

cial, e até mesmo a outras que, em côrtes de etiqueta mais impertigada, ficariam excluidas de pizar as alfombras régias. Os dois bailes annuaes do alcázar italiano não attingem o requinte, a distincção, a elegancia que os meticulosos exigiriam, por contraste com a fama de recepções supinamente faustosas e que passaram quasi aos dominios da lenda. Os convites para aquelles dois bailes são lançados com mais longanimidade que escrupulo, em obediencia aos chamados direitos adquiridos ou ás tradições de jerarchia. Victor Manuel III, desdenhoso das etiquetas bronzeadas, gosta de se rodéar de gente moça, de pares novos. As



UM SALÃO DO PALACIO DE RAGONIGI

mulheres são damas da côrte, os maridos são gentishomens do rei. No palacio do Quirinal, um Petronio, chronista de elegancias aristocraticas, poderá notar o conde e condessa Guicciardini, o marquez e a marquezeta Calabrine, o conde e condessa Luca Bruschi, o conde e condessa Trinitá. Ao lado das damas da côrte—que devem fazer dois mezes de serviço, por anno, recebendo a titulo de indemnisação a quantia de quatro mil liras—notará as damas de palacio. Aquellas são escolhidas entre toda a nobreza italiana; estas, recrutadas nas principaes cidades da Italia, só devem serviço na terra de suas residencias, quando os reis,

é claro, por lá passarem. Não têm, portanto, a obrigação de habitar Roma, nem o seu numero é fixo. As damas romanas da côrte não assistem senão ás grandes ceremonias, ás festas de gala e pertencem ás mais nobres familias da Italia; por exemplo, a princeza de Teano, irradiante de belleza e mocidade, nora da duqueza de Terranova; a princeza Strozi; a condessa Rasponi; a princeza Borghese del Vivaro e a princeza Colonna di Sonnino, mulher do ex-sindico de Roma. A côrte de Roma, a côrte de hoje, não se preocupa muito com o exclusivismo peculiar á *vieille roche*; antes se compraz em ter por figurantes, nas grandes recepções festivas, um grupo de senhoras notadas pela sua belleza.

Não era assim a côrte antiga, a qual se escravizava ás subtilezas de protocolo e á fama dos grandes nomes da heraldica. Côrte e aristocracia andavam, á compita, a vêr qual exhibia mais pompa e luxo nas suas festas. Já Stendhal nos fala laudatoriamente dos bailes principescos dados pelo banqueiro Torlonia, o que prova como em Italia se não perdeu a tradição dos Medicis, grandes senhores e principes, a par de aristocratas da banca, do dinheiro, do *dio del oro*. Quando o rei Humberto festejou as suas bodas de prata, o principe Affonso Doria offereceu ao imperador Guilherme II, no seu palacio do Corso, um serão que ficou notavel nos fastos da pompa romana. Tão fóra do commum foi o luxo da festa em honra do *Kaiser* que este, encantado, levou o requinte do agradecimento aos pontos de dizer ao principe, seu hospedeiro, que jamais lhe poderia pagar, no seu palacio de Berlim, com uma festa d'essa guisa. O *Kaiser*, que não desadora as phrases campanudas, foi provavelmente sincero no cumprimento endereçado ao Doria, mas talvez que no intimo pensasse que a nobreza italiana ainda sabe pôr uma nota delicada de arte na

sumptuosidade das suas festas, o que nem a todos é dado fazê-lo, por maior que seja o poder do dinheiro.

Victor Manuel III é que não se dá a martelar muito na imaginação para deitar a barra adiante no fausto dos grandes senhores italianos; dir-se-ia até que, abrindo de par em par os seus salões, não desgosta que por elles passe um sópro de quasi democracia. Frescura, mocidade — eis os titulos que mais lhes aprazem. Comtudo, fóra d'essas recepções marcadas pela etiqueta, o que Victor Manuel e a rainha Helena mais prezam é o encanto, as doçuras familiares, o riso dos filhos, as graças d'essas criancinhas correndo pelo parque, ou percorrendo-o ás cavallitas em nédios burricos, dando largas á phantasia sempre esperta, exuberante dos cinco aos dez annos. Porque a verdade é que tudo massa cá n'este mundo, excepto a ventura de um lar domestico, onde uma esposa adivinha e applaude os pensamentos do marido; onde cada dia que passa sobre as cabecinhas gentis dos filhos traz novas sensações, novas peripecias e dá logar a observações, a ditos ineditos que rebentam das imaginações infantis, com uma espontaneidade que assombra e constituiria uma litteratura surpreendente de alcance psychologico e pittoresco, se os pais, quer sejam reis, burguezes ou simples artifices, se dessem ao trabalho de notar, dia a dia, hora a hora, momento a momento, o que sai da cabeça de uma criança, imprevisamente, a proposito do mais insignificante episodio das suas brincadeiras ou das suas palrices.

Sentem-se dest'arte felizes os reis de Italia? Tudo auctorisa a crêr que sim; e ninguém é mais apto para confessar a sua felicidade, que a propria pessoa a dizer da sua ventura, suppondo que é sincera, que não pretende illudir-se a si e illudir os outros...

ALLEN-KAR.





Os caranguejos de Dan-no-Ura

O nosso seculo XII inicia a idade media japoneza e o estabelecimento no paiz do feudalismo militar; constituindo um dos capitulos mais nervosamente agitados, se não o capitulo mais nervosamente agitado, mais sanguinariamente irrequieto, mais delirantemente atrevido, da inteira historia do Japão; ainda esmaltado pelos brilhos coruscantes da lenda maravilhosa, a qual nunca deve ser posta de parte, antes convem relembral-a a cada instante, quando queirâmos relançar, em todo o seu relevo, a intensissima originalidade da alma d'este povo.

Duas familias de alto prestigio, de descendencia imperial, os Taira ou Heiké, e os Minamoto ou Genji, dirigem os grupos militares, intrigam na côrte, dispõem dos soberanos, disputam-se primazias, abraçam-se em odios reciprocos; até que, irremediavelmente incompatíveis, uma esmaga a outra, elimina-a, suprime-a do scenario. O drama guerreiro do Nippon reside particularmente nas aventuras dos Taira e Minamoto; ainda hoje largamente invocadas pelo povo, offerecendo mil e mil motivos ao theatro, á arte, á litteratura.

Os Minamoto são os representantes heróicos de Hachiman, o deus da guerra; notáveis, desde remotas éras, pelas suas innumerables proezas.

Os Taira distinguem-se desde logo pelo seu immenso orgulho. Um Taira, Masakado,

é o grande rebelde da historia japoneza, o unico que reclama para si a corôa dos Mikados, declarando-se independente; isto em 939. Alguns nobres fieis reprimem a revolta.

Masakado, pela sua insolita ousadia, compromette por algum tempo a importancia dos Taira, que são forçados a ceder aos Minamoto as provincias centraes, sendo empurrados para oeste. No começo do seculo XII, um Taira, Tadamori, consegue ganhar de novo as boas graças da côrte de Kyôto. A Tadamori, como chefe da familia, succede seu filho Kiyomori, homem cruel, ambicioso sem limites, que logra tornar-se, pelo seu genio, um dos primeiros vultos que registra a velha historia do Japão. Em 1156, Kiyomori julga opportuno vir habitar a côrte; põe no throno um soberano de sua sympathia, exilando ou assassinando todos os chefes Minamoto. Kiyomori dá depois ao Mikado uma sua filha em casamento, nascendo um menino, que foi Antoku, da união. Não tarda que o soberano se veja forçado a abdicar: e é então Antoku, com tres annos, que investe as insignias imperiaes. Kiyomori morre em 1181, com sessenta e quatro annos de idade, n'um palacio sumptuoso que mandára construir para si em Tukahara, onde hoje é Kobe; o seu ultimo desejo, expresso aos filhos que o rodeiam, é que sobre o seu tumulo deponham a cabeça de Yoritomo, o chefe principal dos Minamoto,

confessando-se arrependido por lhe haver poupado a vida.

Em 1182, Yoshinaga, um Minamoto, bate os Taira e apodera-se de Kyôto. Yoshitsuné, que é um irmão natural de Yoritomo, continua a campanha por ordem d'este, incendiando o palacio de Kiyomori, perseguindo os fugitivos até Shimonoseki; e é alli, junto á pittoresca bahia de Dan-no-Ura, que se trava a mais terrivel batalha — batalha de exterminio, — de todas que as guerras civis do imperio commemoram.

A batalha é terrestre e é maritima; ou antes, é uma mistura de guerreiros, de ca-

dor Antoku, e com elle sua avó, viuva de Kiyomori, e a imperatriz sua mãe, filha d'aquella, e toda a côrte feminina. Quando a viuva de Kiyomori conhece que a sua causa está perdida, toma nos braços o soberano, acarinha-o e lança-se com elle no oceano. Das outras damas, umas corajosamente seguem-lhe o exemplo; outras, as timoratas, são varridas á força para o mar. Todos os Taira acabam esmagados, ou afogados, n'uma tremenda confusão; aproveitando comtudo os ultimos momentos de agonia para morderem com os dentes e para arranharem com as unhas os inimigos que



UM EPISODIO DA BATALHA DE DAN-NO-URA
(De uma gravura antiga)

valleiros — Taira e Minamoto, — que invadem as praias proximas; e é um cardume de barcos, aos centos, aos milhares, coalhando o mar; e são os longos estandartes brancos, com o bambu heraldico dos Minamoto, e os longos estandartes rubros, com a borboleta heraldica dos Taira, que fluctuam, que se agitam; e são as lanças que brilham, e os sabres que reluzem, e as flechas que vóam, e uma carnificina sem igual, que se traduz em gritos, em urros, e no sangue ás golfadas que tinge as areias e as aguas. . .

Vencem os Minamoto. N'um dos barcos dos Taira, encontra-se o pequenino impera-

lhes passam ao alcance. O ultimo Taira, que logra vêr-se illeso no meio da carnagem, abraça-se com a ancora de um dos barcos e mergulha no abysmo.

Assim morreram os Taira. *Morreram*, não; que o odio que os animava contra os Minamoto era tamanho, que a raiva de se vêrem supplantados era tal, que até a paz da morte lhes seria defesa. Erram perpetuamente os seus espiritos por sobre a bahia de Dan-no-Ura, ora carpindo, ora berrando, ora espumando em colera. Por longos tempos a seguir, os habitantes do lugar, ao aproximarem-se da praia, ouviram distincta-

mente os seus queixumes, ou viram fluctuar, pela noite escura, lumes estranhos, que eram os lumes de seus olhos esgazeados; e não raros barcos se afundaram por allí, victimas dos desmandos d'aquellas almas em revolta. Depois, erigiu-se cerca um templo em memoria dos Taira, e um cemiterio hypothetico, adjuncto, onde se

collocaram lapides e se gravaram os nomes dos chefes mais famosos, procedendo-se a officios funebres em regra; o que acalmou um tanto as iras dos espiritos.

Hoje, mais de sete seculos decorridos sobre o drama, os principaes vestigios que subsistem d'aquelles guerreiros vencidos e afogados são os *Heiké-gani*, uns caranguejos particulares á costa de Dan-no-Ura, nos



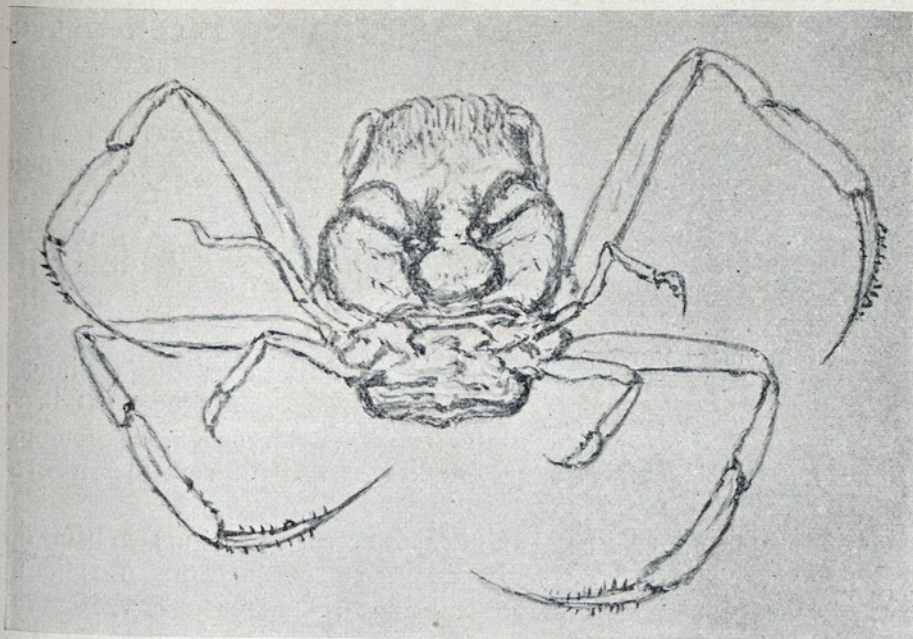
CARANGUEJO DE DAN-NO-URA

(Fotografia)

quaes se encarnam — affirma o povo — as almas dos Taira que n'aquelle sitio pereceram. A affirmação não é gratuita. Basta a gente relancear o reverso de um d'aquelles extraordinarios caranguejos, para que se fique em pasmo, em sobresalto, perante esta assombrosa circumstancia: — na casca do animal, destaca-se em relevo um rosto humano, estranho, muito estranho, rude, arro-

gante, feroz, como era o rosto do *samurai* dos velhos tempos; para mais, medonhamente contrahido n'uma estupenda carantonha, onde se patenteiam esboçadas, embora mui por alto, as simultaneas characteristics da agonia, do desespero, do rancor irresignado e irresignavel, da maldição eterna, proferida contra os destinos implacaveis.

Sim. Aquelle



CARANGUEJO DE DAN-NO-URA

(Desenho)

rosto, impresso na casca de todos os caranguejos de Dan-no-Ura, e só n'elles, só pode suggerir a explicação a que alludi. A tradição memorada é discutivel; a tradição cantada é discutivel; a tradição escrita é discutivel; mas perante a evidencia, perante a tradição gravada, quasi ideographica, perante semelhante rosto humano — com o seu nariz abatado, com os seus olhos já meio-cerrados, com a sua grande bocca crispando-se em esgares, com as suas fundas rugas traduzindo os diversos sentimentos, — a descrença parece incompativel. Sim, os Taira afogados encarnaram-se n'aquelles caranguejos; creio-o. Em todo o caso, e mesmo para o loiro do Occidente mais embebido em scepticismo, os caranguejos de Dan-no-Ura offercem um exemplo frisantissimo d'isto, ainda mal conhecido

e mal denominado, a que chamarei a *Alma-das-coisas*, tão palpitante no mundo asiatico, particularmente no Japão; e que é o que emana da paisagem, da arvore, do bicho, do rochedo, e ainda da boceta, do vaso, da ventarda, do *kimono*, accusando-lhes qualidades, intenções proprias, de ordinario impregnadas de graça, de ironia, de sarcasmo; *Alma-das-coisas* que, por si só, cava um

abysmo impenetravel entre a familia occidental e a familia extremo-oriental.

Eu fallo, compulsando documentos. Ha pouco tempo, um amigo, que retirava de Kobe para Macau, comprou em Shimonoseki alguns caranguejos de Dan-no-Ura, mandando-m'os para cá pelo correio. Aqui os tenho enfileirados, sobre a secretaria, em

frente dos meus olhos. Como eu embasbaco ao contemplal-os! Que revelações psychologicas me offerecem!...

Desejei fornecer a estranhos o ensejo de sentirem o que eu sinto, no caso que aponte. Como porém fazel-o? Lembrei-me da photographia, e mandei photographar um caranguejo. Aqui apresento o retrato aos curiosos; mas, mercê da chateza d'esta arte ignobil — se arte é, — aqui tendes todo o rigor nas dimensões, toda a minucia nos detalhes,

mas falta muito de parecença, de dom de suggestão, comparado o retrato ao original.

Pensei após recorrer a um artista do pincel; detive-me porém ante o ridiculo que o caso poderia merecer. E vae então, tiro-me dos meus cuidados, empunho eu proprio o pincel com mão tremente, falta-me o dom artistico, mas sobra-me a vontade...



TUMULO DE KIYOMORI, EM HIOGO

e eis o esboço que posso offerecer-vos, deixando muito a desejar, mas talvez preferível ao *cliché*.

Quanto aos meus caranguejos, continuam fazendo-me companhia. E quero ser sincero até ao fim: — entorneço-me, quasi até ás

lagrimas, quando os vejo; trato-os com toda a deferencia que se deve a almas penadas, a authenticos exemplares dos espiritos dos Taira.

Pobres Taira!... A sua immensa colera absolve-os dos seus immensos crimes!...

Kobe.

WENCESLAU DE MORAES.





O pastor da Serra da Estrella

(CONCLUSÃO)



LEM do amor pelo cigarro, o pastor tem ainda outro, mas este forte e puro, lavado nos ares da serra: o amor da mulher.

Nos fins de junho, quando a estiagem principia a queimar os pastos da serra, os pastores procuram os arredores das aldeias situadas nas faldas, onde os gados encontram, viçosas, a herva milhã, a folhagem dos milhos, as ramarias dos batataes serodios e a relva nascida nos restolhos do ultimo pão ceifado.

E' nesta quadra do anno em que a natureza fecundada se encontra já despida das flores virginaes, que o pastor escolhe a sua noiva, de manhã ou de tarde, á hora das *Ave-Marias*, quando as moças voltam de deitar as presas cheirando alegremente aos aromas fortes dos renovos, mostrando abaixo da saia curta as pernas brancas, levemente afoqueadas da reacção produzida pela agua da rega.

Idyllios não ha.

O rustico da Beira, geralmente, não namora a moça — «fala-lhe». Physicamente é um animal bravio, moralmente é um espirito sadio e simples.

O feitiço da volupia raro lhe tolda a razão pratica.

Uma moça pode ser linda e honesta, mas se fór doente, para o effeito do casamento, não lhe merece mais attenção que uma ovelha eivada...

«Rapariga trabalhadeira, que deite mão a tudo», que saiba tractar dos filhos e dos borregos — eis a mulher para a vida.

Depois do encontro, vae «falar» ao pae da noiva.

Se lha recusa, facilmente se resigna, e até no mesmo dia acontece ir falar a outra. Succede, porem, algumas vezes, serem os paes os casamenteiros dos filhos, sem estes o saberem.

Duas hortas vizinhas, um gado de meias, quaesquer outras conveniencias materiaes determinam um casamento.

Os filhos geralmente accéitam.

Um dia, reúnem-se os parentes em casa

da noiva para se fazerem os pregões que o senhor abbade ha-de ler na Igreja Parochial, depois de tocada a vez do meio.

Se o noivo é da mesma terra da noiva, esta pequena festa de esponsaes mal transpira do intimo recato do lar; caso contrario, o noivo tem de pagar um beberete aos patricios da noiva, como brinde e multa de lhes roubar uma moça da terra.

A transgressão deste costume tem originado dissabores, e não raras vezes tragedias sangrentas.

Apregoados os futuros esposos, em seguida á missa conventual, dá-se aos rapazes solteiros um curto banquete acompanhado de danças que, embora um pouco differentes, fazem recordar o *Salto* e a *Ezpatá Danza* dos seus avoengos. Estes dançavam o *Salto* bailando em semicirculo formado por cajados dispostos na terra; os pastores de hoje fecham o circulo reunindo os cajados no centro.

A *Ezpatá Danza*, bailado triste e lento, dançado pelos avós de lança na mão, parece reviver nas danças morosas que hoje executam de cajados na mão, como hastes de lanças sem ferro. A maior innovação neste genero choreographico, está na admissão de mulheres, de braços arqueados, imitando na fricção dos dedos o estralejar das castanholas andaluzas.

Assim, comendo, bebendo e dançando ao ar livre, se festeja a primeira das tres proclamações.

No dia seguinte a noiva começa trabalhando nas prendas consagradas, devidas ao noivo: um lenço de mãos bordado a linha de côr, um par de peúgas, umas ceroulas e duas camisas com os peitinhos bordados a linha branca.

Ai da noiva que não soubesse talhar e fazer uma camisa!

A moça que ignora a confecção destas peças pode mandar fazer mortalha de solteira e guarda-la no fundo do arcaz, até que a morte venha busca-la, velhinha, secca e virgem para a alcova do tumulo.

De uma rapariga assim, dizem os moços «que não tem mãos».

A mãe quer a filha amparada? Uma moça quer noivos ás duzias?

Aprenda a talhar, a sachar, a semear, a regar. Em seguida aprenda a fiar e a tecer. Enquanto não urde uma teia, a ser-rana não é uma mulher. Por isso um tear, para ella, é um sonho tam caricioso como o do piano para a burguezinha que principia a afidalgar-se.

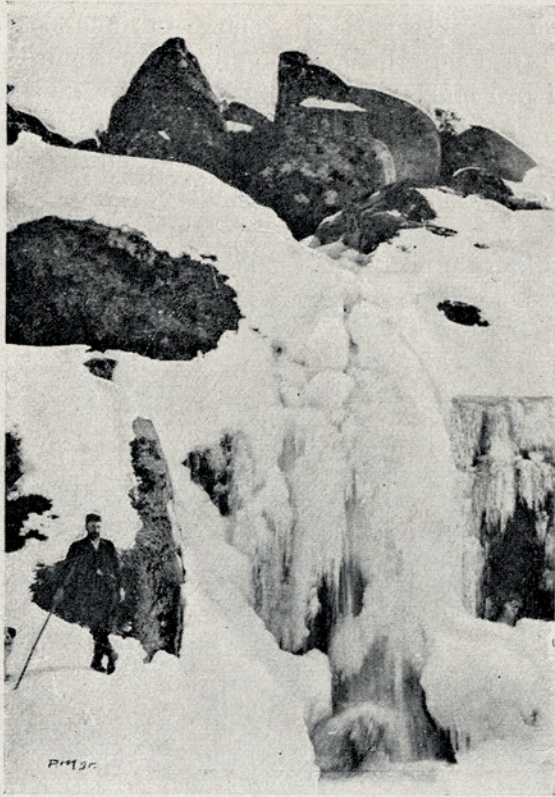
Aprender piano!... Aprender a tecer!...

Saber tecer é encher de harmonias o trabalho com que se ganha a vida. Os

pentes do tear gemendo saudades dos cannavias donde vieram quando os pés da tece-deira os calcam pelas peanhas, o som ruidoso produzido ao bater o fio no panno tenso como a pelle de um tambor sonoro, o cantar da lançadeira rullando como a aza de uma ave presa a voar de mão a mão, os gestos rapidos e graciosos da moça garganteando canções alegres, compassadas pelo ondular dos seios livres no chambre largo de panno, todas estas harmonias rusticas e vigorosas, parecem saltar-lhe dos dedos correndo sobre mil fios de linho como sobre mil teclas de marfim.

A tece-deira, como a burguezinha, fala com o noivo junto do seu piano.

O noivo olha-a impaciente, «aguarda o seu falar», mais confiado na fraqueza de um fio que se parta do que na fraqueza da



CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO INVERNO

moça que se distraia. E' n'um intervallo da palestra, enquanto se ata um fio partido, que muitas vezes se atam os laços de um noivado.

Os teares começam a fechar-se quando os primeiros calores de abril começam a abrir as flores das cerejeiras e os passarinhos voltam da emigração. Se á vinda do cuco a teia não está fiada, um passarito travesso chamado *Patachim*, vae escarnecer as moças, piando-lhes do beiral do telhado: «*Patachim, Patachim, fui pró mar, vim do mar, achei as teias por fiar! Preguiçosas, mandrionas!*»

Segundo as avósinhas interpretes, muito entendidas na linguagem das aves, é isto o que diz a avesita no seu piar alegre e metallico.

A fiagem da teia antes do regresso do cuco é tam importante e decisiva na vida de uma moça, que num caso de doença as companheiras concluem-lha, não vá o maldito *Patachim* denuncia-la ao noivo...

E' desta teia por ella semeada, fiada, urdida e tecida, que a noiva talha e faz a camisa para o noivo.

Qual é a princeza que offerece ao noivo uma prenda assim?

Esta camisa acorda momentaneamente um calido sensualismo cujas chammas se espraíam e des-temperam, suavizando-se, na recordação das veigas semeadas de linho fresco.

Aquelle linho da camisa foi semeado pela sua mão, quando um sol do meio dia lhe empastava os cabellos suados nas faces mádúras, como cerejas vermelhas quentes do sol.

Crescido o linho, para o não maguar, quando entrava na leira, subia a saia já curta acima dos joelhos, atava-a em volta da cinta com o lenço enrolado em forma de corda, e assim, ia deslizando, com mimo e cautela, pelas feveras tenras, encaminhando a rega, as pernas núas, abertas, que o viço do linho alto afogava na verdura fresca.

O linho assim foi crescendo, amadurando, sob o carinho dos seus olhos quentes, por entre os murmurios das regas e das cantigas de amor. Foi tambem ella quem o levou enfeixado ao rio, desfibrando-o depois no poial granítico, fiando-o, urdindo-o e tecendo-o.

A camisa não tem um fio que ella não molhasse nos labios, não tem uma fibra que lhe não deslissasse nas mãos. Enxugava o fio humido de o passar na bocca no calor dos seios e arrancava-lhe as arestas com as pontas dos dentes alvos.

Esta camisa que faria espumar um satyro e delirar um poeta, sómente desperta no pastor um *ah!* de sereno conforto, ao vesti-la no busto de uma virilidade rustica e casta.

A epocha que precede o casamento é cheia de trabalhos afanosos, pesados. A fidalga e a burguezinha de nervos românticos passam a mocidade estiradas

sobre uma cadeira fôfa, sorvendo antecipadamente na taça da phantasia sobreexcitada o mel de uma lua distante... Depois de exgotada a saúde nos delirios da phantasia, a volupia destas mulheres repousa cançada, enfraquecida, como um pouco de champagne no fundo de uma garrafa aberta...



PASTOR

Os noivos da serra, como as aves castas, previdentes, só tem um pensamento: fazer o ninho. Para isso trabalham afadigadamente, noite e dia, até á hora de entrarem na Igreja.

Quando esta hora se approxima, cumpre-se uma cerimonia interessantissima, já obliterada em alguns povoados.

O noivo acompanhado de todos os paren-

grinaldas artificiaes de laranja almiscaradas no *atelier* da florista.

A flor da laranja symbolisa a docura de uma lua que passa... O floco do linho representa o vigor do trabalho fecundo, o calor de um ninho que se renova.

Um bello talento moderno, descobrindo uma correlação pycologica entre as altitudes da serra e as eminencias do espirito,



REBANHO E PASTORES

tes e amigos, vae bater docemente á porta fechada do pae da noiva.

— Quem está? perguntam de dentro.

— Gente de paz.

— Que deseja?

— Honra, mulher, formusura e fazenda.

— Entre que tudo encontrará.

Abre-se então a porta, e a noiva com todos os parentes e convidados reúnem-se ao *acompanhamento* do noivo, seguindo todos para a Igreja. Não raro a noiva apparece ainda salpicada das linhas do trabalho, trazendo no cabello pequenos flocos de linho.

Estes flocos são as suas flores de laranjeira, rosas mais lindas e auspiciosas que as

recommendava os ares das montanhas ás almas degeneradas e corrompidas. Dizia elle: «assim como do alto da montanha os valles e os cerros parecem pequenos, assim as cobiças das grandezas e as intransigentes paixões mundanas d'ali parecem mesquinhas.» Aos corações escaldados na volupia dos prostibulos, ás almas sequiosas de natureza pura, pode receitar-se: «Vão á serra, porque na serra criam-se as idealisações altissimas, como são altas as suas rocas, gosam-se os sentimentos puros e as sensações puras, como são puras as aguas que lá se bebem e os ares que lá se sorvem.»

Apesar da corrupção transmittida pelas cidades e villas, nos povoados visinhos da

serra vae-se ainda conservando o amor natural. Se «o amor é como o vento», o vento constante da montanha faz ao coração o que faz aos pulmões: dilata-o, abrindo-lhe capacidade para maior somma de affectos.

Um grosseiro episurista sobreexcitado com ostras e champagne pode amaldiçoar o gelo de um tal amor; o homem normal bem-dirá a ablução da neve que vivifica, produzindo uma reacção saudável, e maldirá a volupia abraçada que esterilisa o espirito e amortece o corpo.

Mas o amor dos serranos não é frio como as geleiras dos *Cantaros*: gosa a temperatura amena dos lençoes de linho alvo. Fresco como o lençol de linho casto, guardado na arca... Quente como o lençol de linho n'um leito de nupcias, perfumado de alfazema e cravos...

Amor que principia por uma acção de graças ao Creador, e termina por um canto em honra de natureza... Amor de um só Deus e de uma só mulher!

O poeta christão que visitasse algumas aldeias da serra encontraria, para assumpto do seu poema de amor, um costume adoravel.

Nestas aldeias ha só um pudor, uma só castidade, embora a theologia e a sociedade considerem estas virtudes mais melindrosas na mulher. Quando succede o caso excepcional de nascer um filho a um par amoroso cuja união não fosse abençoada pelo abbade, n'um caso de traição, o rapaz sabe já que nem a moça mais pobre o aceitará

para marido, e se elle, obstinado em violar o principio da dignidade, procurar mulher em terra alheia, difficilmente a mãe a receberá como nóra e todas as mulheres da aldeia lhe voltarám as costas.

O sentimento do pudor é tã vivo nestes camponios que mesmo os rapazes violadores do sexto preceito se julgam manchados.

E' o principio da monogamia evangelica em toda a sua nobreza egalitaria e delicada.

Embebedos destas doutrinas puritanas, os noivos da serra realisam os seus casamentos, isentos de anciedade e ciume, pedindo a Deus na mesma oração que lhes dê muitos filhos e muitos... borregos.

A sua viagem de nupcias é feita á Senhora do Desterro, muitas vezes passado um anno de casados, já com um filho nos braços. Neste dia vestem-se os melhores atavios.

A romaria é uma festa religiosa onde as lithurgias dos varios cultos, mais ou menos adulterados e confundidos, se ce-

lebram em homenagem á Mãe do Ceu.

Sob o ponto de vista religioso, o pastor é tambem um documento precioso para o estudo dos cultos em Portugal. Naturalista e animista durante os tempos proto-historicos, recebeu pelos tempos fora o influxo de todos os cultos, dos quaes conserva traços mais ou menos fundos.

Cantando uma *Avé-Maria*, lembra um christão artigo de fé vivissima. Cantando a *Canção á Estrellinha do Norte*, recorda um celtibero saudando a Estrella da Manhã — a *Estrella de luz duvidosa*.



GUIAS

Em materia religiosa, o pastor parece ter seguido este principio: «Para gloria de Deus quanto mais melhor.»

Assim acontece andar o pastor como um pagão passeando os gados enfeitados em volta do templo, enquanto a mulher deita de costas no altar o filho de mama, para que a Virgem o faça bom e robusto.

Apesar de o Christianismo ter dominado nelle todos os cultos, o Pastor faz de Deus

No seu coração rustico creou-lhe um amor que tem a rudeza da montanha e a impetuosidade indomavel das torrentes que cahem da serra.

Quando a Virgem lhe mostra uma nova ermida alvejante, um novo rochedo caiado, não ha abysmo que possa contê-lo, seja qual for a distancia a que o chame, haja embora mil obstaculos para se lá chegar. As neves sãm planicies mimosas, as ventanias corren-



• REBANHO ATRAVESSANDO A RIBEIRA DA CANIÇA

uma ideia imperfeita; dando-lhe um lugar muito secundario nos seus votos e orações.

A Virgem resume para elle todo o poder, toda a graça e toda a gloria do ceu. Christo, com quanto seja Deus, é comtudo um filho... Raros sãm os votos dirigidos a Deus.

E' a Virgem que lhe cura a mulher, os filhos e o gado; que lhe dá chuva na estia-gem e calor na invernia; que lhe guarda as ovelhas do lobo e alma de Satanaz; que lhe ha-de mandar á serra, na hora da morte, dois anjos faiscentes de luz para levarem a sua alma á presença de Deus.

Por tudo isto o Pastor ama a Senhora do Desterro com todos os encantos, superstições e exageros de uma paixão honesta.

tes que o levam, os ramos da cordilheira braços que o attrahem, alliviando-lhe o cansaço da romagem.

A's vezes é uma capellinha milagrosamente suspensa sobre o negrume de um abysmo! Para se lá ir resar uma Avé-Maria e levar um punhado de rosas, é preciso arriscar a vida, mas não ha velho nem creança que tenha medo de lá ir.

Adorando com todo o ardor da sua alma rude, o pastor da Estrella confunde a lma-gem da Virgem com a imagem da mãe, e possuindo a ingenuidade do *Jongleur de Notre-Dame*, offerece-lhe o coração, o ca-jado e o pifaro.

No alto desabrigado da serra não ha ou-

tra casa que não seja a da Virgem, nem outra imagem de mulher que não seja a della. Talvez por isto o pastor tudo lhe pede e tudo lhe conta: sonhos e agruras, esperanças e desanimos. A sua alma recatada vê nella uma mãe que o não descobre e tudo pode dar-lhe.

Muito em segredo, tudo ruborizado da confidencia, vae pedir-lhe de joelhos que lhe guarde e abonance o olhar negro da moça linda, sadia e trabalhadeira, que elle traz de ha muito no sentido.

Quando se aproxima o tempo da criação dos rebanhos, é tambem na capellinha, sobre os degraus do altarsinho granitico, que elle vae pedir o bom successo das crias novas. E' ali que elle vae chorar inconsolavel a morte do cão amigo.

E' no supedaneo que elle desabafa as suas queixas contra os lobos da serra que lhe ensanguentaram, alta noite, as cancellas do redil.

A' Virgem tudo se diz, á Virgem tudo elle pede.

Por tudo isto, o pastor dá-lhe o *coração*.

Mas tambem que alguém a offenda... Então ninguém o contem. E' por isso que o affecto rude do pastor teima em lhe offertar o *cajado*.

E nas madrugadas serenas de abril, sobre o dorso azulado da Serra da Estrella, donde se avista metade de Portugal, elle ergue, no seu *pifaro* de freixo, um hymno á Virgem, mais religioso e solemne que uma *Avé-Maria* de Perosi echoando nas magnificencias da Capella Sixtina!...

Quando á noite os sinos das ermidas diffundem nos ventos a doçura das *Avé-Marias*, ungingo-os de paz e harmonia, o pastor recolhe-se a dormir na anfractuosidade da rocha, e immerso n'um sonho mystico, vê a Senhora do Desterro sentada na aba da serra enorme, como a mãe sentada a beira do berço, a embalar a montanha que já foi berço, lar e tumulto de seus avós...

Guarda, 1910.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.





FÉ

ANTIGA



OR vinte e quatro de junho, entre a Estrella e o Tejo, espigam já os trigoaes e o centeio esguio, todo maduro, tomba de manhã á noite, no aço curvo da foice.

O sol, de escaldar nas voltas do solsticio, acrejou de repente as searas, secando no meio dellas em tres dias, as gotas de sangue das papoilas.

Vai a terra restituindo com dobrado proveito quanto lhe lançaram menses antes em semente e cuidados.

A vida canta em orgias de seiva, ha vigor nos campos e esperança nos lares, ás orlas das varzeas, os parreiraes enlaçados audazmente pelos amieiros, alargam os braços carregados de cachos verdes e nas latadas que correm através das terras baixas, as gavinhas espiraladas recurvam-se anciosamente á procura dos estios.

Por cima, a norte, cortando o azul, a linha acutangula da serreria onde tremeluzem á noite, por entre carvalhaes, as fogueiras dos pastores nas malhadas que até parecem sinaes de agoiro á timidez dos vian-dantes.

Nos bardos, pacificamente, dormem os gados, sob a caricia do vento e cães rafeiros, em furia de rasgar as fauces, respondem ao proprio echo, uivando aos lobos que a fome ás vezes obriga a descer em alca-teia para a raiz da montanha, a assaltar as rezes novas.

Estrellas mal brilham do alto, dissolvidas

na prata liquida das noites enluaradas e nos restolhos anda a redemoinhar uma poeira fina, reluzindo incertamente ás lufadas da ribeira, pela extensão desigual dos alquei-ves.

Passa nos ares o cheiro a feno, cortado de fresco nos alagadiços onde abrem por toda a estação o seu sorriso branco, milhões de corollas de malmequeres.

Suspiram de longe os sapos nos algares e só as arvores parecem ouvir, de pensativas — as aldeias dormindo da fadiga dos dias longos, naquella solemne paz, tam boa que até seria doce morrer nella.

Quem sobe a um penhasco, vê erguidos em frente dos casebres, os rolheiros de molhadas, esperando o tempo das eiras em que hão-de levantar-se depois, encimados da cruz, altos cones de palha — emquanto pas-sam cada manhã as regadiás, levando a frescura á novidade dos milharaes que co-mecem de florir para a fecundação.

— Bons dias! — grita uma voz da som-bra do caminho.

E do alto da roda alcatruzada vem caindo a saudação dum homem quasi nu, tirando agua por horas sem termo, no meio dum es-cachoar confuso.

— Olá, bons dias, tio Gaspar!

— Muita agua, hein?

— Nunca se chega a ver o fundo ao poço, louvado seja Dees! Dá volta á varzea toda e mal se sente minguar! — accrescentou elle, ao alongar a vista pela verdura aquosa do milho por onde o sol já andava brincando.

— Grande milharal! Como elle não vi outro este anno! Basta para te encher a arca de pão.

— Se cumprir bem . . . — tornou-lhe o cam-ponês, saltando na areia.

— Ora, não ha de cumprir! Neste sitio! Boa terra e agua quanta queira!

— Bem o preciso eu... a familia cresce...

— E' verdade, lá tens outro pequeno, — mais um: é no que medram os pobres, em filhos!

— Mas este parece-me que não chega a vestir calças de vara, coitadito! — lastimou o pae.

— Então porquê?

— Vamos *passa-lo* á noite: só se S. João lhe valer...

— Ah! elle é isso? Pois então mal está o pequeno: morre ou fica defeituoso para toda a vida. Já não tenho fé nessas bruxarias.

— Lá vamos experimentar, pouco custa.

— Não ha medicos nem boticas para esse mal e os santos, desde que a esmola é pouca, revoltam-se contra ella e não querem saber de desgraças.

— Sempre é bom acreditar: a gente quando se vê nestas afflicções, com um filho perdido... Eu ia até ao cabo do mundo para lhe dar remedio: é cá uma magua que que nem posso dormir!

— Ora, adeus, adeus! O que mais ha são filhos. Não te bastam os que já tens?

— São os que Nosso Senhor nos quer dar. Elle que os manda...

— Sim, sim, depois enchem-se de familia e o braço dum homem não chega para tudo. Filhos, quantos menos, melhor.

— Não os tem, tio Gaspar, não os tem, senão falaria doutro modo. Cada filho que nasce é uma alegria nova que entra pela casa adentro. Aqui ha annos, ouvi eu num sermão que os filhos são pedaços da alma e que um pae é para cem filhos. E não ha coisa mais certa.

— Ora, ora! que ideias!

— O amor pelo primeiro parece não poder ser maior e quando vem o segundo, ha outro tanto amor para lhe querer. Tenho visto tomar o ceu com as mãos, quando ha muita familia e pouco que lhe dar, mas nunca vi pae nem mãe nas nossas serras que quizesse por vontade deixar ir para sempre algum dos filhos. Pobrezinhos, sim, vestidos da lã das nossas ovelhas e comendo leite, quando o ha — todos os querem ao pé de si para lhes dizerem adeus, á hora da morte.

— Miseria e mais miseria, é que por aí se vê: em casa do meu compadre Catraia,

uma brôa esfatiada já não chega para dar a roda toda. Os jornaes, pequenos, e graças quando os ha, quem o não ganha não o póde gastar: só roubando!

— Oh! lá isso!

— Pois não, mas era o que os ricos mereciam. Quando andei na linha, ouvia dizer aos assentadores que tudo devia ser dos pobres que trabalham e que ainda havia de vir o tempo de cada qual ter onde pôr uma horta. Ainda tu tens esta fazenda, mas o trabalho que é preciso para daqui tirares algum lucro! Não ha nada melhor do que chegar á praça com dinheiro e comprar, á escolha, como na Borda d'Agua!

— Mas só esta alegria de ver crescer as coisas! As figueiras, já eu as plantei todas, aquellas latadas, enxertos novos, teem uvas que é um louvar a Deus!

Quer vossemecê um bocado de pão? — perguntou elle levantando a jaqueta da relva molhada.

— Bem hajas. Vou-me lá tambem até ao Casal. Até logo.

E de sacho ao hombro, tomou pela que-lha ensilvada donde se erguiam confusamente azas de borboletas, voando ao sol nascente, coado pelos ramos das moitas — emquanto João Roque considerava o volume inquieto da agua na presa, tasquinhando um pedaço de centeio com azeitonas

*
*
*

O S. João é o tempo dos cravos vermelhos nos alegretes e nos canteiros da terra feliz das hortas onde se abrem cada manhã, num sorriso triumphal, as custodias de oiro dos girasoes.

A's tardes, vagueiam pelos caminhos enramados, pares de namoro, noivando, quasi tontos de cio, e parece que a gente nova arde no affecto sensual que humedece as pupillas dos rapazes e faz morder os peitos das moças, em febres de desejo.

O fumo dos rosmaninho e alecrim das fogueiras invade as moradias, levando a saude sob a benção do santo que o povo festeja no ciclo da fecundidade, ultrajando o velho Propheta, erradio á borda dos lagos sírios, comendo raizes e mel silvestre, casto e místico, a negar a Vida!

Em seu louvor, erguem-se mastros a cada esquina, á roda dos quaes vai dançando a mocidade, estonteada de perfumes fortes que excitam a audacias de amor, salvam-se fogueiras com galhardia, emquanto sacodem os ares morteiros infernaes.

Ao sol poente, cordeiros a balar nas solidões verdes do mato, como deuses pagãos penando saudades, junto ás veredas dos bosques antigos.

Por este tempo florescem os muros sobre que se inclinam pesadamente as ameixieiras que entram de arroxear, afogadas na verdura farta dos castanheiros subindo ás encostas ou assombreado os valles em troncos musguentos — velhos patriarchas que viram morrer tres gerações de vegetaes.

A flôr do castanheiro cheira a mel e com ella se entretecem as capellas brancas de que vão coroados os anjos e as virgens que morrem nas tristes serranias, pelo tempo da floração.

Arvore santa na frescura das fontes, rica de sombra, alimento na castanha, abrigo e defeza na morada rustica, berço e tumba, lenha para a lareira na eternidade dos invernos que tudo deixam fluido, diluindo as fórmas das coisas nos nimbos cinzentos da madrugada.

Na crista dos pinheiros, sobre os renovos escamosos, as rolas turturulhando, recolhem nas azas macias, os esplendores moribundos do sol, ao tempo que das ramagens se erguem vozes soltas que parecem vir da mesma terra e um lamento perpetuo do peso da vida.

E quando as moças se juntam para a faina das sachas, em dias eternos, abrazados de sol, vae a fila dos saiotos subindo e descendo as leiras da planicie onde as canções ondulam como o trigo. . .

*
* . *

Longo meio anno anciaram por esta noite Maria Luiza e João Roque.

Aquelle filho, tam bello e forte ao nascer, de um choro prolongado no berço, ficara quebrado que era uma dôr de alma.

A avó, ao vê-lo assim, limpava grossas

lagrimas ás pontas do lenço, mas instruida na experiencia do mundo e no habito de confiar á fé o bom exito das coisas, encolheu os hombros para concluir num desengano:

— Tem de se passar, acabou!

Aquillo era um defeito, mas já muitos se tinham visto sarar. S. João havia de acudir-lhe, não fôsse o pequeno morrer.

Mas ao saír naquella manhã, logo a velha pensou tristemente que de fevereiro a junho ainda o neto tinha de soffrer tanto que maior milagre lhe parecia viver até á noite das fogueiras do que alcançar nella, pela graça do Santo, a saude e a cura.

De melhor aviso seria procurar já os officios da Marçagôa, mulher de virtude acreditada e que ao proprio vigario levava a melhor em rezas e esconjuras do demo.

A má lingua do povo affirmava que ella herdara da mãe os novellos da bruxaria e o segredo de descobrir e conservar aservas boas.

Mães que por ella passavam, escondiam-lhe do mau olhado os filhitos maleitosos e a miudagem da rua fazia-lhe figas nas costas, quando a viam passar gemendo e coxeando, curvada sobre uma canna — não fôsse a velhaca dar-lhes quebranto.

Assim conseguia a Marçagôa o respeitoso temor dos terreanos de Montalvo e dos ca-saleiros da serra, pela redondeza de quatro leguas velhas.

Havia exemplos da sua virtude em creaturas e gado e quando alguém mais temerario ou descrente, lhe chamava intrujona, logo outros, na taberna ou nas pedras do adro, acudiam a defendê-la, citado casos.

Aconteceu até que o filho do Matheus *das pelles*, quando veiu de licença, caíra com quartãs teimosas e todos á uma, na fonte e a caminho das vindimas, attribuiam a malaria a vingança da Marçagôa, por lhe ter chamado bruxa com desdem.

Acreditavam muitos que ella vivia entre Deus e o Demonio, pactuando com ambos, para lhes harmonizar os poderes de que dispunha, como era melhor a serviço dum e outro.

Para toda a gente de Montalvo, era principal dever, antes da missa e das coisas divinas, propiciar a Marçagôa e evitar-lhe as más inclinações.

Homens tímidos que madrugavam meses seguidos para as regas, juravam entre cruces e pragas, te-la visto voar em forma de sombra, *por cima de toda a folha.*

Taes razões decidiram a sogra do João Roque a procurar a bruxa no seu casebre entre pissarras, mal telhado e terreo, já a



FOI ENTRANDO VAGAROSAMENTE

caminho do cemiterio donde não viriam inquietá-la almas penadas de parentes defunctos.

Resguardava-lhe a cama um pequeno taboado, á direita, onde um Santo Antonio se defumava detrás do vidro, perto, um gato arqueava o lombo mosqueado para assustar com piruetas alguns frangos recentemente trazidos, ainda presos do arco da cesta, pipilando de estranheza.

Na parede, estacas com molhadas de hervas, pucaros de barro para os cozimentos e outras coisas de cuja applicação só ella tinha o segredo.

A Marçagóa era muito velha — raras pessoas se lembravam já em Montalvo, de uns ciganos a deixarem abandonada no campo. Nem ella sabia bem donde viera quando ali appareceu um dia de manhã, a esmolar pelas portas,

Com os annos foi crescendo na desconfiança da gente que pasmava de vê-la á noite contar as estrellas e deitar pedrinhas de adivinhação, junto dos palheiros onde lhe davam dormida.

Pedia a mão ás creanças para lhes ler a sina, escutavam-lhe palavras que ninguem entendia e para todos fóra sempre um sér nefando, pessoa de outro sangue...

A sogra do João Roque foi entrando vagarosamente e viu a um canto do lar escuro a cabeça da bruxa apertada num lenço branco e caída na tripeça das esconjuras.

— Esteja com Deus, senhora Rosaria.

— Deus a guarde, tia Felicia — gemeu a bruxa.

— Está melhorzinha?

— Como Deus é servido... já agora, só a cova!

— Longe o agoiro, credo! Olha lá, ou! Tam cedo se quer partir então? E quem nos havia de livrar do demo as creaturas?

— Cuide cada qual de cumprir a vontade do Senhor e só delle pode alcançar...

— Ora! mas nem sempre a gente é ouvida.

— ... tudo, porque a sua bondade é infinita.

— Pois sim, mas...

— Tia Felicia, olhe não desconfie do Senhor, é a fé que nos salva.

— E pela fé de Christo quero viver até á morte! Foi assim que me creou sempre minha mãe, na gloria viva!

— Sem a fé, o mundo é um cego engano, a vida, uma floresta onde o sol

forte quebradura! Parece já uma pessoa de sacramento, coitadinho!

— Quem no havia de dizer? Ora veja lá! O pae e a mãe, tam de saude, ambos dois...



IA ABRINDO O TRONCO LISO DE UM CARVALHO

nunca é visto e os males e molestias do corpo e da alma podem ser a perdição de muitos.

— E quando elles se trazem logo quasi do ventre da mãe, como foi o meu neto?

— Então o seu neto...?

— Lá ficou quebrado, pois então! E que

Mas Nosso Senhor pode ainda dar-lhe remedio: já se teem visto exemplos.

— Com a vontade e a virtude da senhora Rosaria... eu vinha...

— Eu? Ai! mas eu sou uma pobre creatura como as outras, aos olhos do Senhor...

— ... que até já trouxe estas envoltas e ligaduras — para o que fôsse necessario.

— Mas...

— Ponha-lhe uns preceitos, sim, senhora Rosaria? Ande, ponha, que ninguem é capaz de me salvar o neto daquella mácula. Dizem que livra de soldado, mas eu antes o quero são e sem reixa.

— Vossemecê, tia Felicia, tambem podia... até... Ora eu...

— Ponha-lhe os preceitos e Nosso Senhor lhe porá a mão e a virtude: ponha-lhos que não ha-de perder nada — insinuou a velha, recuando para a porta.

— Mulher de Barzabú, que eu não peço ao Senhor por pagas! — rosnou a bruxa, mostrando o branco dos olhos.

— Pois então, até logo — tornou-lhe Felicia sem ouvir.

Depois de se benzer, a Marçagôa lançou na ala azulada das achas um fasciculo de hervas que foi misturando, humedecidas de agua de orvalho que tinha num frasco e defumou as envoltas e o cueiro que Felicia poisara na tripeça. Enrolados, ainda quentes, deixou-os ficar até virem por elles.

Semanas seguidas repetiram-se os defumadoiros, em segredo, mas a avó ia conhecendo que a virtude da bruxa era vã e chegou a tornar-se-lhe convicção a suspeita de que a Marçagôa só fazia por delongar a cura para aumentar os lucros.

Raiosa do logro, começou a contar o caso á vizinhança e numa tarde em que se cruzaram na rua, insultou-a bravamente e quasi lhe bateu, a conselho do padre Custodio, seu confessor, que chamava ás artes da Marçagôa, *maleficios diabolicos*.

Resignadamente e com maior fé, tornou velha a decidir:

— Tem de se passar, acabou!

*
* *
*

Na tarde do Santo, quando o sol dobrara os pinheiros e as sombras resuscitavam lentamente, um serrador ajoelhado entre as moitas do Brejo, ia abrindo o tronco liso dum carvalho novo, no receoso cuidado de não molestar a arvore a cuja vida outra vida dali a horas seria confiada.

Lascas de cortiça apertadas nas extremidades da fenda, deixavam abertura a bastar para caber livremente o corpo do pequeno.

Pelas onze, tudo vai a caminho: a noticia cêdo espalhada, interessava todo o povo que a tal gente só tinha motivos de bem querer.

Um bando chalreador alastra pelo campo onde crepita o estalido vitreo dos restolhos, em direcção á moita, e sobre o muro, junto ao portão, fica de vigia o João Roque para lhes gritar o aviso da meia-noite.

Esmorecem agora sons perdidos de adufes e violas, passando ao longe, cantigas em côro, vozes claras correndo para as fontes, ao abandono já as fogueiras apagadas onde o lume vermelho vive em brazas, recolhido na molleza da cinza.

A' volta do carvalho aquietou-se a gente para escutar as horas: dum lado o *João*, do outro a *Maria*, creanças tenras que a cerimonia exige, vindas a convite de Maria Luiza e que duas velhotas astutas vão instruindo nas palavras e nos gestos para concluirem tudo com ligeireza e a tempo.

O silencio alarga-se, longe, uma cantiga solta desfaz-se em echo, no ar humido e tranquillo. Morrem as symphonias dos bichos da terra, nos relvados guturejam as vozes frescas das rãs e ao redor de uma lanterna que allumia o carvalho, tantas dezenas de vidas só escutam... e no sobresalto cuidam estar ouvindo horas constantemente.

Uns minutos mais de suspensão: bateu a primeira e logo o João Roque gritou do muro uma ordem prolongada.

— Agora! Já! — echoaram muitas vozes.

Tremeram os pequenos da responsabilidade do acto, pasmados no meio daquelle círculo de gente, amosendada no restolho e começaram logo:

— Em louvor de S. João: Maria!

— João!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— João!

— Maria!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— Maria!

— João!

— Toma lá este menino quebrado e dá cá um são!

— Já tinham dado as horas todas, quando acabaram — disse alguém da roda.

— Mentira! mentira! — acudiram velhas iradas. Nem os cachopinhos o podiam fazer mais depressa! Olha agora! . . .

— Ainda deu uma badalada depois — asseverou um homem.

— E é verdade, é verdade!

— Verão a virtude que ha-de ter — ouviu-se por entre dentes.

— Cale-se, sua lambisgoia!

— O que ella queria, era que lhe convidassem a filha.

— Pois, não fôste! Já tem mais maldade que uma pessoa velha — justificava a Felicia. Até a gente se envergonha do que agora se vê: criação como dantes!

Ella veio mandada pela Marçagôa, é espiona.

— Deixá-la ser; eu não havia de ficar com o neto assim, por toda a vida. Ella não lhe fazia nada, a impostora!

— E o que S. João não fizer, não no fazem pessoas do mundo — assentiu uma velha, adeantando-se com as camandulas pendentes do braço magro.

— Decerto! Decerto! — apoiaram todos.

Emquanto se rumorejam ditos e remoques em torno, dois homens fortes vão ligando com as fitas do fato da creança o tronco aberto, para que o carvalho *solde*, defendido dos calores.

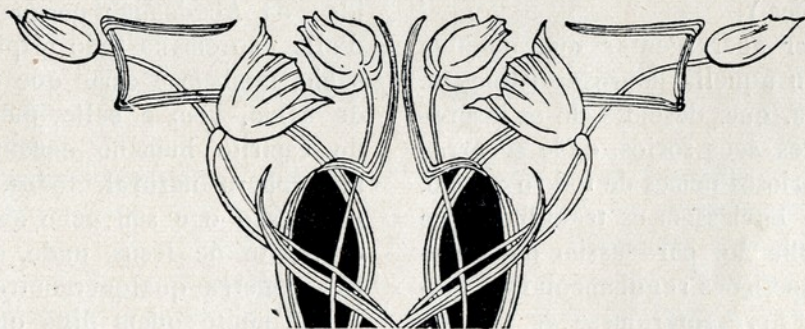
Desordenadamente vai tudo em rustilhada para os lados do portão e de pé, ante a pequena arvore entrapada com as roupas do filho que se afasta aos vagidos, João Roque fica-se olhando a sombra e a rama — não começasse ella logo a secar e a morrer-lhe no mesmo instante a esperança da vida e da saúde do pequeno.

Passam dias, todos os olhos se fixam amorosamente na arvore sagrada e boas novas iam chegando a casa de João Roque.

Cada domingo, pelo estio adiante, a pedido da mãe, pessoa entendida certificava para lhe tranquillizar o alvoroço que a arvore mal perdera o frescor, e decorrido um anno sem passar por ella, conforme o rito, Maria Luiza pôde ir, logo de manhã, com o filho são, beijar o tronco verde que dera ao seu lar triste a consolação e o allivio, com a prova do valor duma fé antiga.

Do livro — *Boa Gente* (inedito).

HIPPOLYTO RAPOSO.





Os novos socios brasileiros da nossa Academia

Os SERÕES prestam a sua homenagem aos illustres brasileiros ultimamente propostos para a nossa Academia, inserindo um artigo do brilhante escritôr sr. José Antonio de Freitas, que no «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, se referira já a essa justissima consagração.

EM sessão da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa fôram apresentadas, como titulos de candidaturas a socios correspondentes estrangeiros, as obras dos meus eminentes compatriotas srs.: Sylvio Romero, barão do Rio Branco e Ruy Barbosa. (Foi esta a ordem das apresentações.)

Faz-se mister accrescentar que nenhum d'elles sollicitou aquella honrosa distincção. Foi a Academia, que, desejosa de os inscrever na lista dos seus socios, onde se arrolam os mais gloriosos nomes de todo o mundo, pediu-lhes que enviassem os trabalhos, que houvessem publicado, para assim dar cumprimento ás disposições regulamentares. Vieram as obras, apresentaram-se as propostas, que em breve serão approvadas, e seguir-se-ha logo depois a eleição.

A minha vida cheia de trabalho não deixa que eu frequente com assiduidade a Academia. Tenho pena, porque lá conversa-se bem, e... não se diz mal. Porém vamos. Sa-

bendo o que se ia passar, fui á sessão, a que me refiro, e tive a enorme satisfação de ouvir que, se não fôsse contrario á lettra dos estatutos, n'aquella mesma noite ficariam eleitos, por aclamação, os tres altos representantes da mentalidade brasileira. E tenho a certeza de que, não só elles, mas todos os nossos patricios exultarão com a amavel idéa da Academia; porque, se é certo que d'ella não emana tudo o que é bello, bom e sabio, tambem é certo que tudo o que se faz de sabio, bom e bello, todos os progressos do espirito humano encontram ali a sua atmospherá natural, todos teem a sua repercursão e o seu echo nas salas do velho Convento de Jesus, onde, em compensação, não penetra qualquer outro ruido exterior.

Ha muito quem diga que a Academia é um adorno superfluo, uma instituição que de nada serve e nada faz. Mas para demonstrar que o seu trabalho é uma realidade, basta observar que entre os academicos encontram-se homens de provada competencia na pratica dos negocios, homens

levantados a posições eminentes em todos os partidos, jurisconsultos de primeira plana, adeptos da sciencia pura, philosophos, historiadores, poetas, romancistas, dramaturgos, que os utilitarios podem considerar objectos de luxo, mas que são os auctores de quasi todos os trabalhos, aqui tirados a lume, e que tão poderosamente importam não só á vida intellectual, mas á boa fama do paiz. E depois... como todas aquellas competencias são bastante variadas para excluïrem a monotonia, e bastante confins para que nenhuma se desinteresse dos trabalhos, que preoccupam as outras; como todas se esforçam no descobrimento da verdade, as dissidencias de opiniões não perturbam a harmonia entre os academicos. Latino Coelho conversava uma noite inteira com El-Rei D. Luiz, Teixeira de Queiroz abraça fraternalmente Antonio Candido.

Felicito com a maior sinceridade os que já se podem chamar novos academicos, cujas qualidades fortes e preciosas não se faz mister ennumerar.

Todos conhecem e apreciam no sr. Sylvio Romero o escriptor, que tem marcado um subido logar na historia da litteratura do ultimo quartel do seculo XIX, e principios do seculo XX. Admiram todos a extensão e vigor do seu espirito, a variedade e solidez dos seus conhecimentos, a segurança e independencia dos seus juizos, a alliança, emfim, da

cultura mais vasta e da mais livre intelligencia. E, no tocante ao seu methodo, o que se póde dizer que não seja um elogio? E' que, effectivamente, o sr. Sylvio Romero conta como um erudito, generaliza como um philosopho, escreve como um artista.

O sr. barão do Rio Branco é um brasileiro em toda a força, todo o poder d'esta gloriosa palavra. Brasileiro por nascimento, brasileiro por temperamento, brasileiro por

gosto, brasileiro sobretudo pela alma, o que faz com que a sua enorme popularidade seja do melhor quilate. E fallo assim, porque, em geral, a popularidade é uma necessidade de engrossamento, que repugna ás nações sinceras. O homem popular torna-se uma especie de comediante, que tem de forçar a voz, o gesto, o pensamento, tem de erigir uma caricatura de si mesmo para sensibilizar o publico. Ora, a popularidade do sr. barão do Rio Branco provém de elle ser o mais brasileiro que um estadista brasileiro póde ser.

Justamente coroado de honra e gloria, em seguida á questão das Missões e da Guyana Franceza, a sua figura prestigiosa impunha-se para as altas funcções de ministro das relações exteriores. Começou a exercel-as em circumstancias difficeis, que ninguem ignora, e que não tenho espaço para recordar. Era uma obra que exigia os maximos cuidados, uma obra semeada de atritos e de perigos; mas a actividade, a intelligencia, a franqueza e a lealdade do





W. H. H. H. H.
Rio, 4 de Maio de 1910.

Banco de
12



sr. barão do Rio Branco levaram a bom termo a espinhosa tarefa.

A sua lealdade e a sua franqueza, disse eu, e repito. No longo periodo, em que tem desempenhado o cargo de ministro do exterior, o sr. barão do Rio Branco tem sido um modelo de diplomata moderno. Não usa de reticencias e de phrases ambiguas para dissimular; não pretende enganar os outros á

força de parecer lhano e desartificialioso. Por baixo da sua simplicidade de trabalhador e do seu dom de sympathia está um caracter: tem o sentimento manifesto de uma politica firme e recta, e de seu pae recebeu como herança um tom de auctoridade e lealdade, que dão um credito muito pessoal ás suas pala-

avras. Por isso, quando o barão do Rio Branco affirma as intenções pacificas do Brazil, quando elle diz que o Brazil só trabalha pela paz, para a paz e para os fructos da paz, não ha invejas, não ha intrigas, que consigam fazer duvidar de que uma acção invencivel orienta as almas brazileiras n'aquelle sentido, e de que a consciencia popular deseja exclamar um dia como os egypcios, quando chegavam ao Amenthis: «Nunca fiz chorar pessoa alguma!»

No dia em que o sr. barão do Rio Branco assumiu a direcção da politica externa, o povo brazileiro disse-lhe, em voz unanime: «Confio em ti, e no ardor do teu patriotismo. Continúa a servir o Brazil, como até hoje, e o teu nome será abençoado.»

O barão escutou sempre aquella voz, e por isso, quando resolver descançar, poderá retirar-se, como dizia Platão, sob uma bella esperanza, deixando o salutar exemplo de um homem que ama apaixonadamente o seu paiz, um homem que trabalhou muito, pensou muito e, no exercicio do seu cargo, mostrou sempre o respeito inquieto da verdade, a vontade nobre de ser verdadeiro.

Vamos ao terceiro candidato, o sr. Ruy

Barbosa, uma das principaes glorias do Brazil.

Jurisconsulto eminente, dispondo dos recursos mais completos — clareza e methodo, sciencia juridica, vigor urgente de raciocinio, imaginação habil em descobrir o argumento, e em apresental-o á mesma luz em que o comprehende —; dispondo, como orador, de uma facilidade de palavra sem rival, e de uma intelligencia maravilhosamente prompta para tudo apprehender e as-



Gonçalves Cruz

similar; possuindo, como escriptor, todas as luzes do estylo, *lumina dicendi*, o sr. Ruy Barbosa tem crenças profundas e inabalaveis. Acredita em Deus, no Direito, na Verdade e na Belleza, e aproveita todas as occasiões de as defender e exaltar, fazendo-o sempre com um brilho e um talento que honram a sua patria.

Haja vista do que se passou na conferencia de Haya que para nós brasileiros foi um triumpho assignalado. N'aquelle parlamento inter-governamental, constituido pelo escol dos jurisconsultos, diplomatas, politicos, militares, sabios de todo o mundo, os mais claros entendimentos offuscaram-se com o esplendor do talento de Ruy Barbosa, grande a todas as luzes, a quem a *Review of Reviews* julgou de sua obrigação consagrar um numero especial. Registo com a maior satisfação o tributo de Stead nas paginas da

sua celebre revista; e não me digam que manifestações d'este genero não passam de palavras vãs, como as que se trocam nas salas, e servem muitas vezes para mascarar ciúmes e odios inveterados. Pelo contrario. Não ha coisa mais elevada e mais bella, do que a homenagem prestada ao pensador de uma raça pelos filhos de outra raça. São esses os raros momentos, em que o espirito humano, amante das alturas, inimigo do ho-

rizonte, ergue altivo o seu vôo acima das barreiras, que levantam as diferenças de linguas e temperamentos.

* * *

A chronica já vae longa; mas eu preciso de fallar ainda de tres outros brasileiros, que tambem fôram propostos socios da Academia por lembrança d'esta — os srs. drs. Oswaldo Gonçalves Cruz proposto na primeira classe, Alberto d'Oliveira e Tobias Monteiro propostos na segunda.

O dr. Oswaldo Cruz, pôde-se classificar, sem favor, como um dos soberanos da sciencia, um dos grandes bemfeitores da humanidade. Os seus trabalhos theoricos enriqueceram, com effeito, o patrimonio scientifico; os seus trabalhos praticos salvaram já a vida de mi-

lhares de seres humanos, e salvarão a de muitos milhões, se houvermos de juntar os beneficios futuros áquelles que já produziram. O saneamento do Rio de Janeiro é obra muito mais solida do que a pedra de todos os monumentos.

No prefacio das suas *Premières Méditations* escreveu Lamartine: «Nasci impressionavel e sensível: estas duas qualidades são os dois principaes elementos de toda a poe-



sia.» Pois impressionavel e sensível é também o dr. Alberto d'Oliveira, um dos poetas lyricos melhor dotados da sua geração e do seu paiz.

Pouca gente conhece em Portugal a obra d'este encantador poeta; mas a Academia, concedendo-lhe a honra de o eger, por certo concorrerá para que sejam aqui devidamente apreciadas as *Meridionaes*, o *Livro de Emma*, o *Leque*, as *Flôres da Serra*, e tantas outras composições, em que algumas idéias eternas se exprimem sob o veo diaphano das metaphoras e allegorias, e em que uma technica perfeita corre parelhas com o brilho das imagens, o dom do rythmo, e a faculdade tão preciosa e tão rara de encontrar symbolos de uma clareza e belleza flagrantissimas.

A apresentação da candidatura de Tobias Monteiro é uma alegria e uma honra para o *Jornal do Commercio*, onde o seu talento e o seu character são apreciados desde longos annos.

E' claro que lhe não vou cantar aqui as alleluias, porque a sua modestia me não perdoaria uma ladainha de cumprimentos.

O que, porém, não posso deixar de recordar é que elle tem lido e viajado bastante, e que as suas leituras e viagens deram-lhe uma excellente philosophia. Admira

e ama o Bello sob todas as formas, fala levemente de coisas graves, ou gravemente de coisas leves, adubando-as sempre com a philosophia, a que alludo.

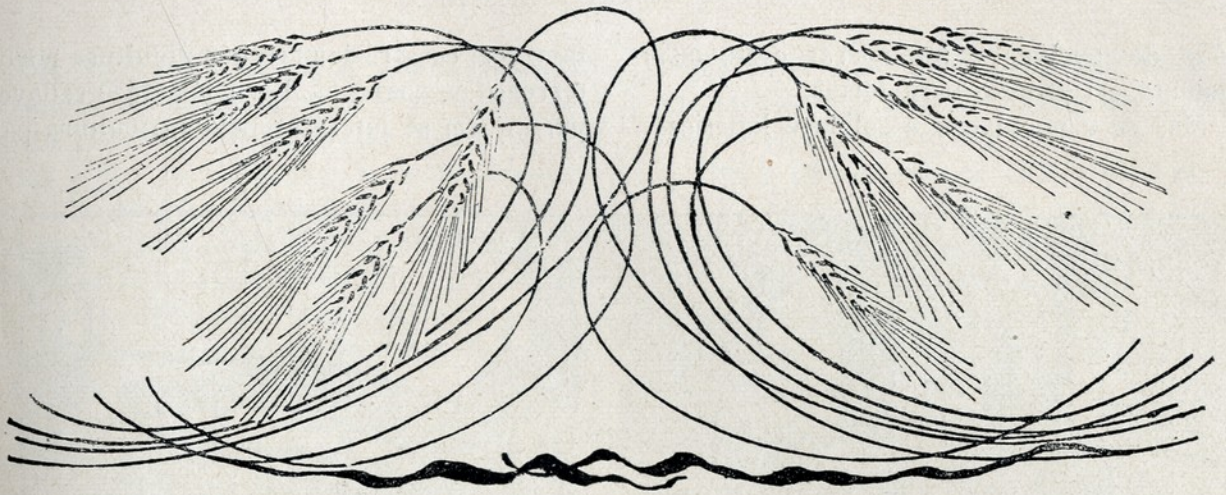
E depois... que linda maneira de escrever! Quando nos conta as impressões da sua viagem á Europa, em companhia do sr. Campos Salles; quando nos apresenta, nas *Car-*

tas sem titulo, o estudo do meio politico brasileiro, sem azedume nem pedantismo; quando etrata as principaes physionomias da côrte portugueza, em 1897; ou quando nos pinta as margens poeticas do Ypiranga, tapizadas de flôres, com que se ennastra o «véo de noiva», o estylo de Tobias Monteiro corre umas vezes limpido e claro como a agua das fontes, outras vezes cheio de allusões, de poesia breve, de imagens frescas e novas, mas sempre elegante, sabroso, indivi-

dual. E a par d'elle notam-se os elementos essenciaes da robusta originalidade de Tobias Monteiro: fidelidade escrupulosa de observação e de testemunhas; sinceridade de evocação, que consegue reanimar o passado desaparecido; flexibilidade e fertilidade de um espirito aberto a todas as curiosidades e proprio para todos os estudos; franqueza e independencia absoluta dos juizos e das reflexões.



Tobias Monteiro



CHRONICA AGRICOLA

O Alemtejo, celleiro de Portugal

E' do Alemtejo que provém a maior parte do trigo que annualmente abastece o mercado interno português.

A producção é, sem duvida, bem diminuta para as necessidades do consumo nacional: mas que abundantissimas colheitas se poderiam obter na vasta provincia do sul, se ella se achasse sulcada de canaes de irrigação, arroteiada por inteiro com o auxilio de poderosas machinas, colonisada por uma densa população trabalhadora!

As provincias portuguezas, nenhuma talvez como o Alemtejo tem a individualisá-lá tantos caracteres typicos, definidamente seus. Não ha, na pay-sagem alemtejana, o colorido suave, a brandura de tons, a variedade de relevo que, tantas vezes, nos prados, nas campinas, nos valles, nas escarpas das provincias do norte, nos dão uma sensação grata de bem estar e quietação. Na luminosidade intensa que nos cerca no Alemtejo, na monotonia desolada das charneças cobertas de piorno, de

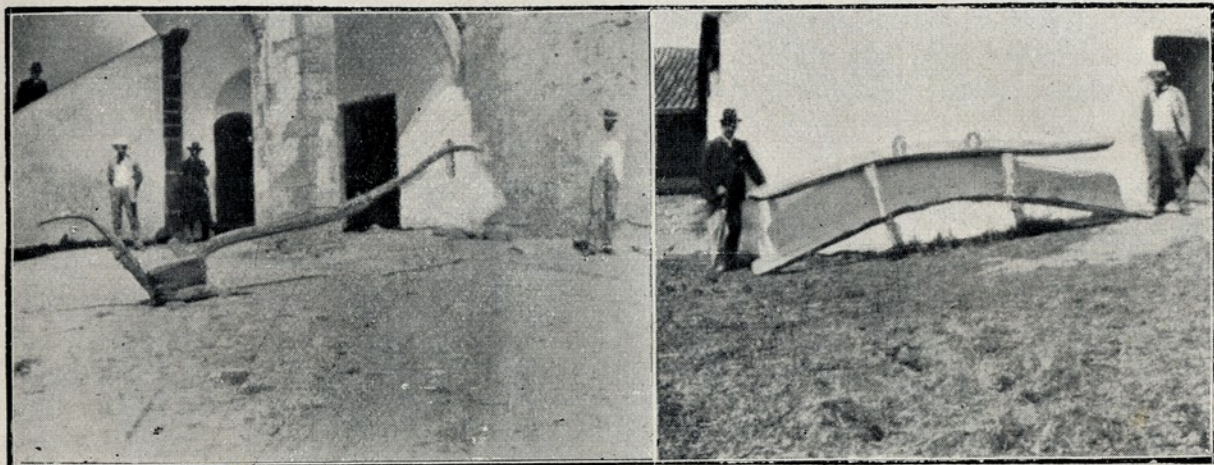
estevão, de giestaes, na extensão das cearas rijamente queimadas pelo sol, na amplidão grandiosa dos sobraes e azinhaes, nas massas abundantes de olivêdo, ha o quer que seja que indica a necessidade aspera d'uma lucta continua, recomeçada cada dia, do homem contra a natureza. Não é esta a gleba que o arado mais acaricia do que rasga, é o solo secco, rijo e ingrato muitas vezes, que é preciso mobilisar rudemente, revolver com vigor.

Por isso, só uma raça robusta e energica, de hombros musculosos e vontade firme, se

póde desenvolver e retemperar neste meio violento, só proprio para fortes.

Mas se a população é solida e laboriosa,

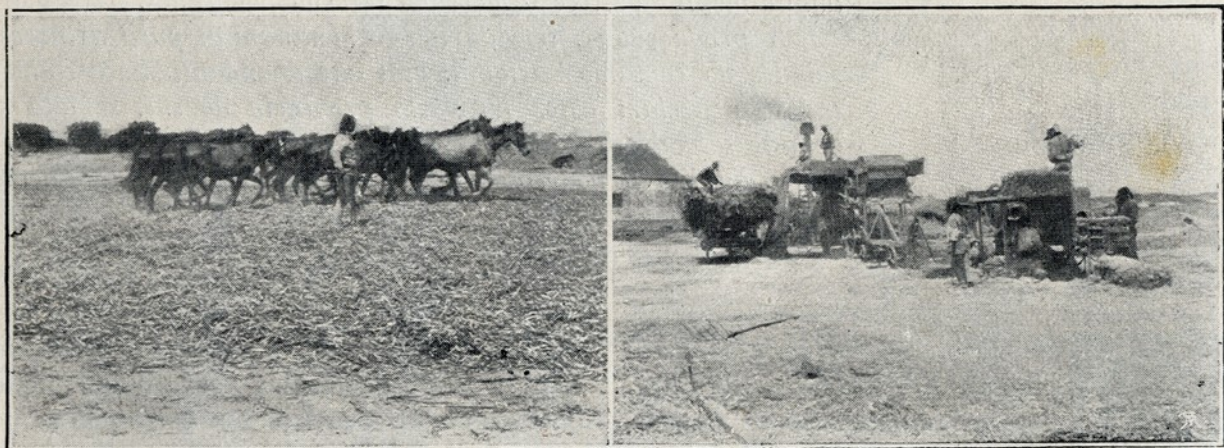
tam, sem cessar, de entregar á cultura novos terrenos de charneca. E' realmente agradável para quem se interessa pela agricultura pa-



O arado de azinho ou de oliveira e o pesadissimo rojão, são ainda d'um emprego muito frequente em todo o Alemtejo. As duas photographias que publicamos acima, tiradas na celebre herdade da *Sempre Noiva*, dão bem ideia da imperfeição d'esses primitivos instrumentos de amanho do solo.

é, em compensação, reduzidissima, e os processos e instrumentos de trabalho são, as mais das vezes, deficientes e imperfeitos. Ha, é verdade, algumas dezenas de lavradores, inteligentes, illustrados, que pódem dis-

tria, vêr, nalguns montes alemtejanos, d'uma construcção tão caracteristica, tão genuinamente portugüesa e meridional, a locomovel, a debulhadora, a grande surribadora, o escolhedor de sementes do ultimo modelo.



Ao passo que a debulha *a pé de gado* ou a trilho consegue apurar n'um dia de trabalho uns escassos dois a quatro moios de trigo debulhado, as poderosas e perfektissimas debulhadoras modernas preparam no mesmo espaço de tempo quinze a vinte moios de cereal. E' curioso comparar o trabalho sereno, virgiliano da *cobra* d'eguas, e o labôr intenso, de caracter accentuadamente industrial, d'uma eira moderna.

pôr de avultados capitaes de exploração, que não hesitam em se apetrechar com o material agricola mais aperfeçoado, e tra-

Mas estas excepções são bem poucas, e de fôrma alguma nos pódem illudir. A grande maioria dos agricultores alemtejanos,

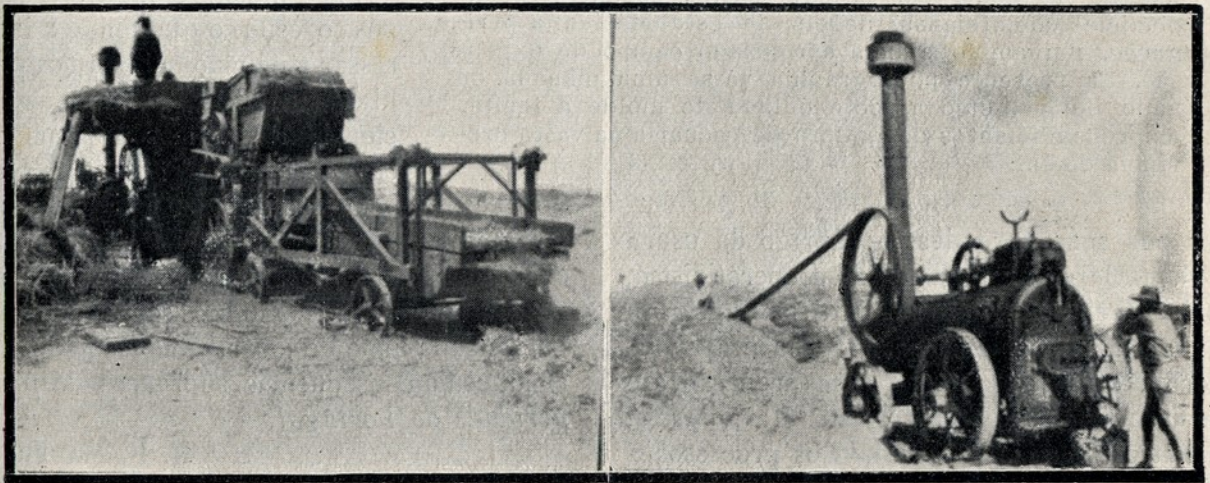
aliás operarios agricolas d'uma dextreza manual só excedida talvez no nosso pais pela dos trabalhadores do Ribatejo, tem uma alfaia rural verdadeiramente primitiva, que, a par dos inconvenientes directos que acarreta, traz ainda como consequencia collocá-los n'uma dependencia mais estricta das irregularidades do nosso clima, que, na realidade, sob o ponto de vista da sua influencia na agricultura, está bem longe de ser, ao sul do Tejo sobretudo, a maravilha que, não sabemos porquê, a cada passo se ouve apregoar.

De resto, o incremento que teem tomado as arroteias de charnecas nestes ultimos

nente, mas cuja applicação não deve ser continuada, sob pena de causar no organismo estragos irreparaveis.

Ora a lei dos cereaes conserva-se em vigor ha annos já; calcule-se como se achará debilitado o organismo agrario nacional e que formidavel choque elle não soffrerá, quando o privarem da enorme protecção á custa da qual exclusivamente consegue sustentar-se.

São outros os methodos, outras as medidas a tomar para que o Alemtejo venha a ser para Portugal o que os estados do Centro e Oeste são para a União Americana: o celleiro abundante que forneça á população



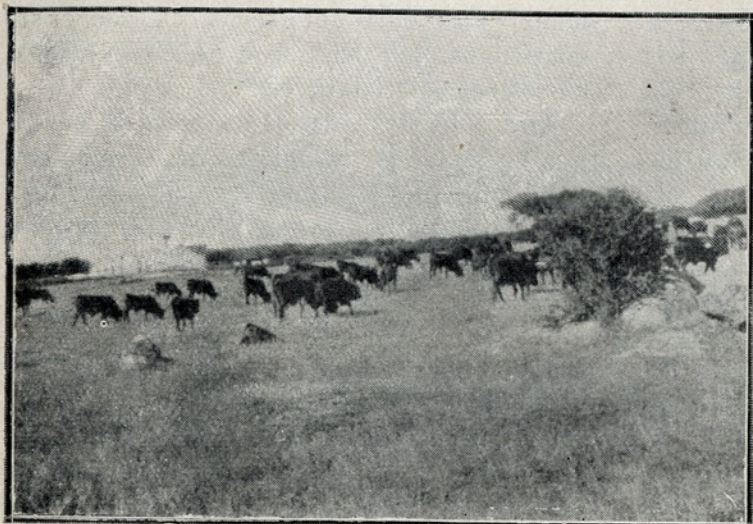
As debulhadoras modernas, engenhos complicados e admiravelmente organizados, as locomoveis, de tantas e tão uteis applicações n'uma exploração rural bem conduzida, são machinas caras e que por isso parecem estar só ao alcance dos grandes proprietarios, possuidores de bastos capitaes. Mas a associação vem facultar aos lavradores pequenos os meios de se utilizarem da alfaia agricola mais moderna e valiosa. Os syndicatos da debulha, por exemplo, comprando as machinas necessarias ao trabalho da eira e pondo-as á disposição dos seus socios, mediante o pagamento d'uma reduzidissima taxa, realisam essa obra tão necessaria da generalisação do uso dos grandes mecanismos agricolas.

annos, constitue um symptoma fracamente animador: esse desenvolvimento cultural, que bem podemos considerar ficticio, é, indubitavelmente, devido apenas á protecção talvez exaggerada que faculta aos proprietarios a lei dos cereaes.

Ora, como ha tempos disse n'uma notabilissima conferencia um agronomo que é uma das primeiras capacidades scientificas do nosso paiz, a lei sobre os cereaes póde afoitamente ser comparada a um remedio violentissimo, um d'esses alcaloides energeticos que num dado momento se ministram a um doente cuja vida está em perigo immi-

do pais a base essencial da alimentação, o cereal panificavel.

Um vasto systema de irrigação, cortando o Alemtejo com longos e bem distribuidos canaes, supprindo a falta ou irregularidade das chuvas — a colonisação intensa, attrahindo aos vastos terrenos do sul alguns milhares d'esses braços que todos os annos partem do Douro, Minho e Beira em tão grande quantidade, para enriquecer com o seu esforço e as suas faculdades productivas as republicas da America do Sul — a organização do credito agricola, collocando os lavradores em condições de introduzir melhoramen-



A criação de gado, em grande escala, encontraria nas planícies alemtejanas, depois de estabelecida a irrigação, um amplo e bem apropriado campo de expansão. Na presente photographia vê-se uma manada de gado bovino, cujo aspecto é bem de molde a incitar empreendimentos de exploração pecuária na vasta provincia do sul.

tos nas suas herdades, ao abrigo da usura — uma larga propaganda do cooperativismo, unico meio que lhes permittiria utilizar-se da alfaia agricola mais moderna e aperfeiçoada, empregar adubos bem preparados e comprados por um preço justo, etc. — esses, e outros semelhantes, seriam os processos a pôr em execução. Assim o Alemtejo, hoje tão abandonado da cultura em tantos pontos, se converteria numa região fertilissima, como se diz que o foi no tempo dos arabes, produzindo copiosamente cereaes das melhores variedades, cortiça capaz de affrontar a concorrência hespanhola e a argelina, hoje já tão ameaçadora, azeites finos e pouco acidos, vinhos de bons typos, azeitonas de conserva saborosas e gradas, inclusivamente fructas, cuja cultura e exportação se poderiam desenvolver tão facilmente em algumas zonas privilegiadas.

Com a expansão da actividade cultural, coincidiria. é claro, o augmento e melhoria dos gados, indispensavel complemento de toda a exploração agricola. E d'este modo, com a criação em grande

escala de porcos, de bois, de cavallos e muares, viria a constituir-se um importantissimo factor de enriquecimento.

Os exemplos dos americanos do norte, dos italianos, e de tantos outros, tornando feracissimas regiões incultas e agrestes á força de trabalho industrioso e fecundo, são bem de molde a animar, e a fazer prevêr d'um modo seguro o pleno exito dos processos que indicámos, aliás bem conhecidos e de reputação solidamente firmada por diversos e repetidos successos.

Mas nunca é inutil, crêmos nós, o esforço que tende a interessar a opinião publica nos problemas capitaes da economia nacional. E estamos fundamente convencidos de que num pais onde a grande maioria da população vive na dependencia da agricultura, a coordenação de todas as actividades, a comprehensão clara do caminho a seguir, o trabalho de cada um e de todos bem orientado, dariam, como consequencia suprema — a prosperidade de Portugal.

R. F. MAYER.



Os carros conduzem da eira para as proximidades do monte a palha que ha de constituir as enormes *almearas*. A vasta planura das ceareas ceifadas, fortemente illuminadas pelo sol, a enorme area por onde se espraia a cultura do trigo, são bem characteristics da paisagem alemtejana, na zona onde a provincia tem sido activamente arroteiada.



Historias romanticas da imperatriz Eugenia



TRIUMPHOS, tragedia e lagrimas, eis a vida da exilada Imperatriz, que vive em Inglaterra ha uns trinta e oito annos.

Quando, ainda creança, uma mulher bruxa, phphetisou que

ella seria na vida, intimamente associada com as violetas, o emblema dos Bonapartes, esta prophacia foi tristemente confirmada quando casou com Napoleão III em 1853 na idade de vinte e sete annos. Foi a grande belleza de Mademoiselle Eugenia de Montijo, que sobretudo attraheu a attenção do Imperador. Dois annos antes do seu casamento, Engenia tinha estado uma temporada em Paris com sua mãe, e em todos os divertimentos dados nas Tuileries, causou furor a sua distincção, elegancia e belleza.

Marechaes galanteadores, generaes e altos dignitarios da cõrte, a enchiam de cumprimentos, emquanto a admiração de Napoleão augmentou ainda mais, com a ousada bravura e graciosidade que ella mostrou nas magnificas caçadas organisadas em Fontainebleau e Compiègne.

Conta-se até um graciosos incidente succedido n'uma d'essas caçadas. N'uma linda manhã de outomno, o Imperador passeava no parque acompanhado pelos seus convidados, entre os quaes se contavam Eugenia e sua mãe. A juvenil condessa chamou a attenção para uma folha de trevo, tão coberta de pingos de orvalho que brilhava como uma joia de diamantes. Quando terminaram o passeio, o Imperador deu ordem

imediatamente a um dos seus ajudantes para partir para Paris. No dia seguinte o ajudante voltou, com uma rica joia representando uma folha de trevo, lindamente imitada em diamantes, e n'essa tarde n'um jogo de prendas que se organisou, Mademoiselle de Montijo recebeu a folha de trevo em prenda de jogo.

Este presente tão apreciado n'esse tempo foi considerado mais tarde pela Imperatriz como um talisman.

A joia foi posta de parte quando ella enviuvou, mas no dia em que o filho, o Principe Imperial, partiu para a guerra, a mãe tornou a pol-a; mas ainda d'essa vez o trevo de diamantes trouxe tragedia á sua vida. O Principe morreu na guerra, e n'essa occasião a Imperatriz pegou na joia e mandou-a a uma sua amiga intima, com as seguintes palavras: «Usa-a sempre em nossa memoria.»

A Imperatriz, na epocha de seu casamento, diz miss Jane Stoddart no seu livro intitulado «Vida da Imperatriz Eugenia», era a mulher mais linda do seu tempo. Era de altura mediana, de figura delgada e graciososa, com a tez conhecida em França por *bloude ardente*. Os olhos azues escuros eram assombreados por espessas pestanas, o cabello dourado cahia em canudos na testa baixa e branca. As sobrancelhas bem marcadas em linha curva, davam um caracteristico á linda physionomia. O nariz era levemente arqueado, as faces e queixo delicadamente modeladas, e os labios curvos exprimiam delicadeza e sympathia.

A Imperatriz era tão corajosa e boa como bella. De facto, em todas as circumstancias

desgraçadas da sua vida sempre deu provas de grande coragem.

N'uma occasião que esteve em Biarritz, ouviu dizer que a filhinha d'uma sua amiga estava gravemente doente com diptheria, e não só lhe mandou logo o seu medico, como visitou amiudadas vezes a creança moribunda.

Quando o cholera devastou a França no verão de 1866, Eugenia, com uma heroica coragem, resolveu visitar os doentes no hospital de Amiens. Nunca, durante o seu reinado de dezeseite annos, como Imperatriz consorte, ella esteve mais perto do coração dos francezes como quando visitando os doentes dirigia a palavra a cada um d'elles com todo o carinho e caridade.

Desde os primeiros annos do seu reinado que a Imperatriz Eugenia foi considerada como a mais elegante de França. Gostava apaixonadamente de vestidos luxuosos, assim como a maioria das mulheres formosas;

e contam que quando Eugenia fugiu para Inglaterra, o seu guarda-roupa foi avaliado em 4.000:000 francos. Um dos seus habitos dispendiosos, era calçar uma unica vez cada par de sapatos.

Presentemente a Imperatriz Eugenia passa a maior parte do anno, n'uma casa no campo: alli tem uma vida socegada, empregando o seu tempo a escrever as suas Memorias, as quaes serão traduzidas para Inglez e Allemão.

Esta morada campestre da Imperatriz Eugenia está recheiada de reliquias interessantissimas. Ha um quarto chamado o do estudo do Principe, cheio de recordações do Principe Imperial, incluindo a sua espada, os seus livros, o seu uniforme, e o carrinho que lhe serviu em creança. Os numerosos retratos de familia que decoram as paredes das salas de recepção, são tambem muito interessantes e curiosos.



O defeito

*Não és incomparavel na belleza,
Nem da sórma possues o dom perfeito
Que extasia, e nos faz inflar o peito
N'um commovido applauso á Natureza.*

*Mas tens um «quê», na lúbrica lindeza,
Que, sendo para as outras um defeito,
Em ti produz um gracioso effeito
Que mais exalta a tua gentileza...*

*É a tal feição innata, mysteriosa,
Que sobreleva a feia á mais formosa,
É o «quê» da sympathia, inexplicado,*

*Que prende, e attrae, e o amor mais nos aviva...
Pois o teu «quê», mulher, que me captiva,
É esse narizito... arrebitado!...*



Tenta-se a defesa das aranhas

Porque detestam as aranhas?

D'accôrdo que algumas são feias, — muito feias mesmo. Mas porque condemna-las a todas por isso? O mesmo seria detestar a humanidade porque os aborígenes da Australia e os Hottentotes da Africa não são positivamente o ideal da belleza grega.

Porque nem todas as aranhas são feias. E' curiôso, quasi diria lamentavel, — bom será lembra-lo! — que as mais feias são exactamente as que encontramos nas nossas casas e nas immediações. No campo acham-se algumas tão bellamente coloridas como uma borboleta. Se lhes fôsse dado argumentar, poderiam rebater-nos com a affirmação, (tão accetavel como todas as outras) de que á fealdade das nossas casas se deve o serem ellas frequentadas pelas menos notaveis da sua especie.

Tambem as atacam pela crueldade. Mais séria accusação, sem duvida, — mas que só é admissivel na bocca da variedade humana dos vegetarianos, na progressiva Europa, ou na dos dôces budhistas no Oriente remoto. E ainda a aranha só mata para viver, nunca, como nós, para satisfazer a vaidade; e matando, — não

sejamos de todo ingratos, — é um agente natural para nós benefico.

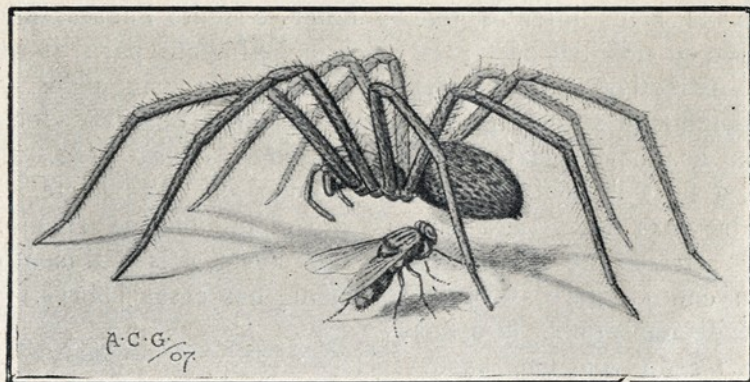
Tanto assim, que um jardineiro aranhici-da mostra sêr o homem menos sabedôr do seu officio. Se estudarmos conscienciosamente os habitantes dos nossos jardins, concluiremos que a aranha é dos pouquissimos que, sem fazer mal algum a nenhuma planta, consomem um grande numero de insectos destruidôres, só desejando que os deixem em paz. Tal não succede com as vespas, passaros e formigas, que sem duvida destróem insectos, mas são por outras formas nocivas num jardim.

Como ellas se guardam

Dir-se-á que se não vê ahi razão para as guardar, e as sustentar em casa como um entretém ou como um mimo. Como conserva-las, como alimenta-las? Que fazê-lhes?

Antes de tudo, saibamos que não é possivel guardar muitas especies de aranhas. Algumas, por exemplo, devido á forma da teia,

não gostam do captivo, e são melhor estudadas fóra de casa; como porém raras vezes mudam de poiso, muito interessantes e divertidos incidentes podem recom-pensar uma observação um



A ARANHA PARECE NÃO SER CAPAZ DE LOCALIZAR A SITUAÇÃO DA MOSCA PELA VISTA

poucoquinho attenta e paciente. As saltadoras, tambem, pela sua compleição vagabunda, sentem-se mal encarceradas, e não é em caso algum atilado o estudar os costumes de uma criatura sob condições muito diversas das que lhe são naturaes.

Por esta razão é que talvez a aranha femea caseira se presta mais que qualquer a sêr guardada, — pois o seu habito geral é conservar-se no mesmo sitio toda a vida. O marido da bôa dama em questão, comtudo, não tem o mesmo genio sedentario, — e de facto é esse longipede cavalheiro que tantas vezes assusta as bôas almas pela sua intempestiva e alarmante apparição no quarto de cama, ou na sala, pelo outomno.

Espantosas na verdade são as descripções geralmente feitas quanto à enormidade de algumas pobres victimas da ignorancia e do preconceito. Por um lado da ignorancia, pois a «aranha monstruosa», se nella houvessem reparado antes de a matar, ter-lhe-iam achado um bem pequenino corpo, comparado com as dilatadas pernas do desgraçado bicho; e por outro do preconceito, porque vindo com amorosas inclinações, estava em absoluto

innocente de todos os maus intentos que lhe attribuiam, e que a vida lhe custaram.

A repugnancia instinctiva pela aranha desaparecerá promptamente se pela primavera apanharem uma aranha-femea já crescida e a metterem, á falta de melhor, num bocal ou pote de vidro para dôce. Terá provavelmente de sêr attraida de dentro de algum buraco, num canto escuro, — o que não é muito custoso de conseguir. Se a teia fôr cuidadosamente tocada com uma hastezinha d'herva ou cousa semelhante, succederá quasi sempre o animal corrêr a agarrá-la, e então, com a ajuda de uma colhér,

facilmente se conseguirá fazê-lo entrar para dentro do frasco.

Uma vez no pote não sairá, porque as patas são de tal maneira que não podem trepar por uma superficie lisa, e porisso não se faz mister tapar o bocal. Deitando-se-lhe para dentro uma haste, breve a vereis começar a construir no fundo do pote um fiosinho, e d'esse fio, para os lados e de lés a lés, tecerá por todo o interiôr. E então, ainda que cheguem os fios até aos bordos, e ainda que atravessem a abertura, mesmo assim não será necessario tapar, porque a aranha não tentará sair.

E na verdade, porque havia de fazê-lo? Se fôr com regularidade sustentada, gosará de uma vida a que não estava habituada em condições naturaes, porque uma aranha muito positivamente não sabe se arranjará pão para o dia seguinte, pois tem muitas vezes que esperar dias até que possa quebrar o jejum. O encerramento tambem lhe não será estranho ou aborrecido, porque em suas condições naturaes ella habita um pequenino espaço, e sempre o mesmo.

Um argumento a favôr do processo é o de sêr um divertimento barato, facil de

obter, e muito interessante para crianças, — principalmente para as que não teem meios de arranjar brinquedos, — dado o seu bem conhecido e observado empenho em guardar qualquer cousa *viva*. Effectivamente, ha aranhas em toda parte, e um potesinho de vidro facilmente se arranja. Depois, o sustento nada custa, pois o alimento pulula, principalmente nas casas pobres.

O casulo

Podem com effeito imaginar-se os enthusiasmos de um rapazinho pelas acções, gestos e costumes da sua excentrica companheira.



SE SE DEITAR DENTRO DO FRASGO UMA HASTEZINHA DE MADEIRA, A ARANHA COMEÇARA' A CONSTRUIR NO FUNDO UM BELLO CORREDOR.

Por meados de maio vê-la-á começar a fazer um tecido branco de neve; sobre este, com infinita paciência, construirá um casulo, dentro do qual porá os ovos, — operação toda ella interessantissima. Prompto o casulo, haverá uma grande mudança nas suas maneiras: Em vez de devanear fantasiosamente pela teia, como até aqui, ficará perto do casulo, e construirá outros com intervallos de uma semana, até que uns cinco ou seis estejam promptos.

A' medida que os acaba adopta um estranho uso, pois que assim como os índios da America costumavam dependurar em redor das cabanas o coiro cabeludo das suas victimas, assim a aranha reunirá as cabeças, pernas e asas das môscas que matou, e as atará sobre os casulos para os escondêr o mais possivel.

Sacratissimos são para ella estes casulos, porque mesmo para comêr os não larga, mas trará cada nova mosca para junto d'elles.

Dentro de duas ou três semanas os ovos nos casulos abrem, e surgem uns cinquenta araniços recém-nascidos. Nascem já *aranhas*, e não passam matamorfoses como os insectos. A' medida que crescem a pelle torna-se muito estreita e antes de serem adultos mudam de fatiota várias vêzes. Esta operação é sempre tediosa e acanaveadôra, e por algum tempo o bichinho fica completamente exausto.

Offerece comtudo as suas compensações, pois se antes de mudar de pelle acontece que, ou resultado de uma lucta ou de qualquer accidente, o araniço tenha perdido uma perna, não é isso grave transtorno, porque ao sêr substituida a velha pelle, apparece uma perninha nova no logar da perdida.

Com vista aos senhores doutôres da cirurgia.

O futuro da filharada

Interessante caso, sem duvida; mas que succede a toda essa bicharia?

Não é facil dizê-lo. Por alguns dias vivem com a mãe numa harmonia aparentemente completa. Mas um bello dia nota-se que desapareceram todos, e o seu destino não é facil adivinha-lo. Alguns, talvez, ter-se-iam escapado a procurar futuro em mais largos horisontes. Muitos outros serviriam de alimento aos mais fortes da familia. — Porque, — lamentavel caso! — a aranha é o mais sanguinario cannibal da Natureza.

O sustento da mãe aranha

Esta triste observação suscita um problema grave: como se sustenta a aranha mãe?

De maneira facil, e, como sempre, o processo mais simples é o melhor.

Deploravelmente, não come cousa que não seja viva, excepto em circumstancias de extraordinaria raridade.

Uma vez por dia, — o que é bem

sufficiente — pega-se no pote e procura-se uma môsca em posição conveniente. Approximando com cuidado, emborca-se o pote sobre ella, Se a operação fôr realizada com vagar bastante para evitar qualquer movimento do ar, a victima não só raramente escapará, mas até voará para dentro do frasco. Um pedaço de cartão collocado sobre o bocal por alguns minutos facilitará o resto á aranha.

Chegou o momento de uma observação attenta, porque muito surprehendentes e interessantes factos se vão passar.

A primeira cousa que surprehenderá é que — ao invés do que pratica a aranha de campo — a nossa não enredará a mosca, mas agarrando-a na bôcca, a tratará como um gato a um rato, conservando-a nessa posição até acabar o repasto.



QUANDO A ARANHA CASEIRA APANHA UMA MOSCA, TRATA-A COMO UM GATO A UM RATO, ATÉ ACABAR SUA REFEIÇÃO

O arranjo da casa

Será então notado que, se se trata de uma senhõra arranjada, levará os restos para um cantinho da teia, d'onde os virá buscar mais tarde para cobrir os casulos.

Se porém fôr desmazellada, deixará a cabeça, as pernas e as asas espalhadas na teia até sêrem precisas. Outros factos ainda hão de attrair a attenção. Por exemplo, a aranha representada na figura não foi das mais espertas, porque, construindo a teia, se esqueceu de deixar saída para o bocal afim de podêr ir buscar o alimento, sendo porisso necessario cortar fios com uma tesoura para ella sair da prisão em que a si propria se encerrára.

Individualidade das aranhas. A questão da vida

Uma das mais curiosas partes d'estes pequenos estudos é o conhecimento das grandes differenças que se encontram entre individuos da mesma especie, e muitas são as surpresas que esperam quem tem a paciencia de as procurar.

Uma d'ellas é que a môsca, em vez de como geralmente se julga mostrar medo da aranha, procede como se fosse exactamente pelo contrario na realidade; e é assim que se a aranha dorme ou não tem fome, a mosca muitas vezes andarâ passeando socegradamente em volta da teia, em redor do frasco, ou até mesmo passará entre as patas da aranha ou pelo seu corpo. D'ali a interrogação natural: pode a môsca vêr a aranha? Parece que a observação cuidadosa nos leva á conclusão de que a não vê.

Se aparentemente a mosca não pode vêr a sua inimiga, breve nos parecerá evidente que a aranha é igualmente incapaz de localizar a posição da sua victima pela vista, porque a menos de uma pollegada de distancia não tentará apanha-la se a môsca se conservar immóvel. Porém o menor movimento d'esta fará vibrar os fios da teia, dando assim á aranha um perfeito conhecimento da sua posição, com os seus fataes resultados.

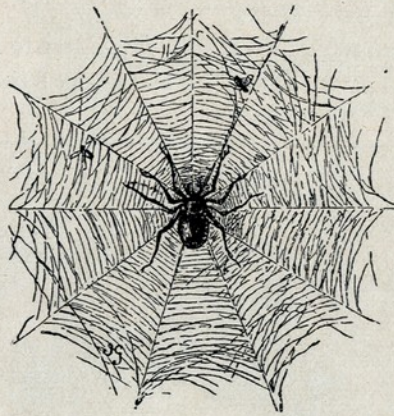
Esta limitação da vista dá-se em todas as

especies que constroem teias, as quaes tudo leva a crêr que provavelmente em caso algum vêem para fóra do alcance das suas patas. Este facto, explicado ás crianças, tirar-lhes-ia o medo ás aranhas, que evidentemente não podem têr intuitos aggressivos contra quem não vêem.

A incapacidade de verem para além de uma curtissima distancia é mais uma razão para que as guardemõs. Todos os animaes alteram os seus habitos quando captivos, e especialmente quando observados. O facto de as circumstancias do captiveiro da aranha se assemelharem tanto aos da sua vida em liberdade, e o de ella não suspeitar que está sendo vigiada, levam-na a procedêr inteiramente como sob as condições naturaes, dando-nos assim uma perfeita revelação da sua vida ordinaria e quotidiana.

E' provavelmente para muitos uma surpresa o saber que ás aranhas guardadas se deve dar, não só de comêr, mas tambem de bebêr. Podem jejuar por grandes periodos sem mal apparente; mas não podem

sobrevivêr a longas privações de humidade. E' muito facil comtudo satisfazê-las neste ponto, porque, se de dois em dois dias borrifarmos a teia, a aranha rapidamente subirá por um fio, e farejando a gôtta bemvinda, depressa a irá bebêr, com uma graciosa attitude ajoelhada.

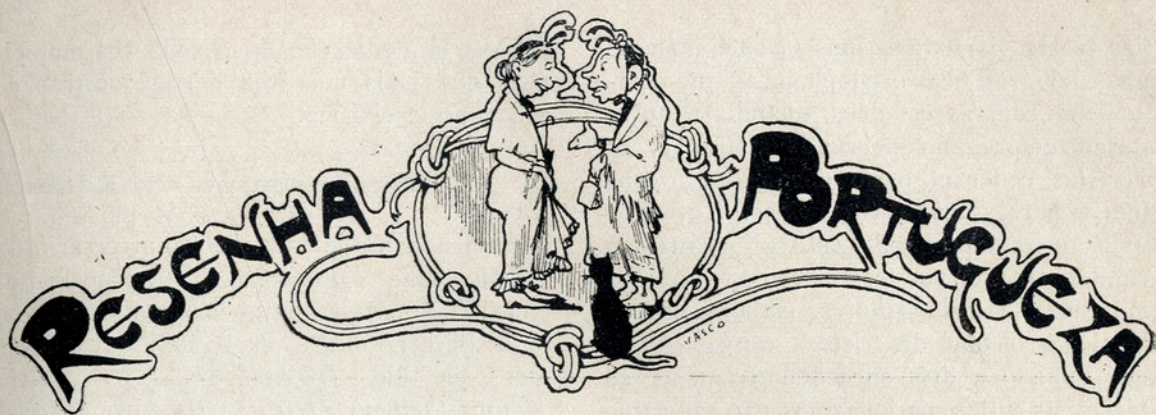


FORMANDO A TEIA

E no inverno? Conclusão

Como esta especie vive dois ou três annos, surge naturalmente o problema de como a sustentar no inverno, época em que se não encontra o seu natural alimento. Não se apoquentem porisso: se lhe fornecerem agua viverá — como quando livre, — durante mêzes sem tomar alimento.

Muitos outros casos curiosissimos poderiamos apontar; desistimos porém, afim de deixar ao leitôr a possibilidade do imprevisto, caso se resolva a fazêr a experiencia.



Duas palavras

Talvez fosse desnecessario escreve-lo, mas a um só que seja preciso esclarecer vale a pena umas breves linhas.

N'esta rapida passagem pelos acontecimentos do mez notar-se-ha que ha assumptos em que eu não toco, e o motivo torna-se facil comprehender desde que esta publicação é, e deve ser, alheia a tudo quanto mais ou menos se imbue na politica.

Apontar um facto, analysa-lo á fria razão, escarpellisa lo, afim d'ahi deduzir os respectivos corollarios desapaixonados, eis a que se limita o meu papel, que cousa alguma conseguirá afastar-me, e, sobre tudo, desde que se entrou na idade em que apenas se obedece á reflexão que é despida de enthusiasmos.

Sempre as «grèves»

Na minha chronica de janeiro referi-me a este assumpto e á maneira como o sr. ministro do Fomento legislou, prohibindo que um certo numero d'industrias, que affectam a vida social, podessem declarar-se em grève sem prevenir com uns dias d'antecedencia as auctoridades.

Mas como não se modifica o regimen d'um paiz sem um certo abalo, mais ou menos pronunciado, d'ahi o surgirem de repente tres grèves:

A dos caixeiros, a dos ferro-viarios e a dos gazomistas.

Pretendem os primeiros que os estabelecimentos abram ás 8 da manhã e cerrem as suas portas ás 8 da noite.

Não me pronunciarei sobre a exigencia,

embora deseje consignar que essa medida tomada em absoluto é sempre um erro, porque se ha lojas que n'essas doze horas teem margem sufficiente para desenvolver o seu negocio, a outras não acontecerá o mesmo sendo assim, em obediencia á lei, enormemente affectadas nos seus interesses.

O caso foi que devido a não ter apparecido a lei sobre o descanso semanal regulamentando as horas de trabalho, no dia 10 como estava promettida, os estabelecimentos fecharam quasi na sua totalidade, e os caixeiros protestaram indo reunir-se no Atheneu pronuçiando vehementes discursos.

No meio da sessão appareceu o sr. ministro do Interior, dr. Antonio José d'Almeida, que declarou pedira a sua demissão, visto que difficuldades momentaneas tinham obstado a que elle se desobrigasse da palavra dada.

Então a assembléa, como impellida por uma mola, declarou que mais facil sería ceder nas suas exigencias do que consentir que elle desse semelhante passo.

E a manifestação foi de tal ordem, a que se juntaram outras classes, que s. ex.^a decidiu não se demittir.

A dos ferro-viarios resolveu-se mais laboriosamente.

Quatro dias o paiz teve interrompida a sua circulação na linha ferrea, e embora a companhia fizesse algumas concessões, os grévistas exigiam tudo quanto tinham pedido.

Esta irreductibilidade mostrava-se cada vez mais segura, e tanto mais que os edificios da companhia estavam occupados por

elles, assim como nas suas mãos tinham as linhas telegraphicas e telephonicas que communicam com as estações, quando, a outro esforço empregado pela administração, os *grèvistas* cederam e no domingo 15 concluiu a paralysação dos serviços.

Como se depreheende estava produzindo grandes transtornos commerciaes, mas ha ainda uma causa a juntar, embora pareça pueril: é o tom de tristeza que o campo toma quando a dias succedendo-se dias, as aldeias, as villas, os logarejos não são atravessadas por aquelles monstros de ferro chamados locomotivas, levando na cauda, n'uma correria louca, *fourgons*, carruagens, homens, millionarios ou mendigos, miseraveis e almas puras, gente que planeia, que intriga, que ama, que é enganada, e tudo aquillo que mal apparece aos olhos segue como n'uma fuga sobre uns *rails* muito luzidios para desaparecer além.

E aos que vivem n'esses desertos, afastados dos centros, para lhes quebrar aquella monotonia que se traduz no silvo da locomotiva que para elles tem melodias que nós desconhecemos, que acompanham com a vista o fumo que a pouco e pouco se esvae, — e assim passa o tempo — mesmo essa distracção lhes era furtada! Como havia direito a lastimá-los!

E' ver, quando em comboio, aquelles rostos intraduziveis, acompanhando com a vista a marcha da locomotiva, velhas ainda persignando-se, e o rapazio, espicado, pegando em pedras e arremessando-as sobre a *machina infernal*.

E... apesar de tudo é um companheiro alegre, mas que elles jamais comprehenderão, quantas vezes enchendo-o de maldições, como acontece na vida em que duas almas gêmeas nunca são capazes de se encontrarem.

Grave tambem foi a dos gazomistas, e se a cidade esteve illuminada, embora de principio deficientemente,

deve-se á dedicação dos bombeiros municipaes que mais uma vez deram mostras do seu enorme civismo.

No Lactario de Lisboa

Commemorando o decimo anniversario da sua fundação, a utilissima instituição Protectora da Primeira Infancia realisou a sua festa, deixando uma excellente impressão em todos que alli estiveram.

Sans tambour ni trompette, vivendo apenas do altruismo, tem proseguido na sua santa missão, sempre espalhando o bem com uma persistencia, uma bondade, que só algum coração empedernido deixará de reconhecer.

Nos discursos que se pronunciaram, o sr. governador civil, Eusebio Leão, prometeu acabar dentro em pouco com a vadiagem infantil em Lisboa, o que será uma medida de grande alcance.

De seguida procedeu-se á distribuição de dez premios ás mães que mostraram durante o anno que melhor tratavam os filhos, vendo-se que pelo aleitamento mixto uma das creanças pesava onze kilos, e outra, pelo artificial, cerca de dez.



A ARVORE DO NATAL E OS PREMIOS

Ouvindo o relatório vê-se bem quanta somma de dedicação, quanta bondade, quanta tristeza tem a direcção, devido á carencia de recursos, por não attender todos os pedidos para se ser contemplado na distribuição do leite.



AS CRIANÇAS PREMIADAS

Fazem-se allí verdadeiros milagres, como se se pretendesse justificar o dos peixes e dos pães do Evangelho...

E para tornar mais sympathica a instituição, ás creanças foram offerecidos brinquedos na arvore do Natal, e que tanto me recordou a festa que eu promovi durante quatro annos para dar brindes aos pequenitos desprotegidos da sorte, tudo auxiliado pela caridade publica.

O general Moraes d'Almeida

Uma homenagem das mais sympathicas que occorreu no mez findo foi a que varios alumnos do sr. Moraes d'Almeida, com varios collegas no professorado, quizeram prestar a quem ha cincoenta annos exerce o magisterio com uma proficiencia, uma disciplina e uma rectidão que nunca se conseguiu desvirtuar.

D'aspecto severo, quem não o conhecesse poderia ficar intimidado, como me aconteceu as duas vezes em que fui seu alumno, mas pareceu-me bem — embora a psychologia n'essa occasião quasi me fosse desconhecida, — que aquella rudeza era como que a

mascara que afivelava para occultar a bondade que n'elle residia.

E mais tarde vi, e outros mais intimos affirmaram-me, que não me enganara na minha supposição intuitiva.

Deliberou-se que na aula de physica da Eschola Polytechnica lhe sería offerecido um banquete.

Calculam-se as sensações soffridas!

Os que ahi estavam, homens feitos, tinham-se sentado n'aquelles bancos, ouvido as lições de Moraes d'Almeida, continuando na vida com maior ou menor resultado, e annos após, viam allí festejar o venerando professor. Ao levantar-se para agradecer os brindes que frouxo de commoção! que silencio se estabeleceu, todos os corações palpitarão em unisono!

E quando elle, esquivando-se, allegava que se tinha dito allí muito exaggero a seu respeito ao exalçarem-n'o, e acrescentou: «Ha algo, porém, de verdade, é que tenho bom coração, esse deu-m'o Deus», uma ruidosa salva de palmas coroaram essas palavras, pronunciadas com tanta sinceridade, que um actor invejaria ou um auctor em cata de triumphos tanto desejaria.

Festa quente, entusiastica e sincera, é uma brilhante pagina que o general Moraes d'Almeida inscreverá na sua gloriosa vida.

Lyceu Passos Manuel

Lisboa conta actualmente mais um magnifico estabelecimento publico, cujas obras

O NOVO LYCEU PASSOS MANUEL
CONSTRUIDO NA CERCA DE JESUS

se iniciaram ha mais de quinze annos, estando mesmo por muito tempo paralyzadas.



A ENTREGA DO LYCEU PASSOS MANUEL
AO NOVO REITOR, SR. ALBERTO FERREIRA VIDAL

Refiro-me ao Lyceu Passos Manuel, situado onde era a cerca do convento de Jesus.

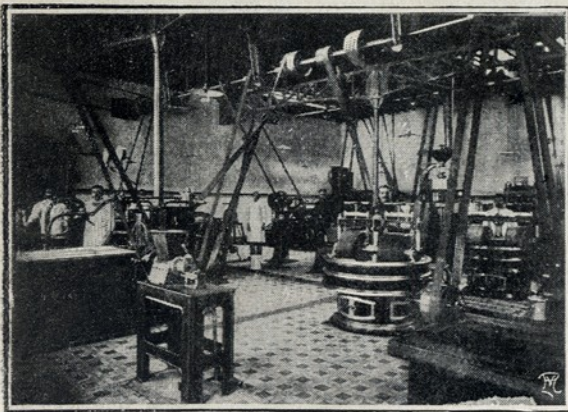
Occupa 3:000 metros quadrados, as aulas são em numero de 30, e o gymnasio, a bibliotheca, obedecem em tudo ás condições da moderna hygiene.

E assim a cidade possui já dois excellentes edificios n'este genero, e ninguem dirá que o dinheiro alli dispendido se deve considerar como mal empregado.

A industria nacional

Na Avenida das Côrtes existe ha annos uma fabrica de chocolate, *bonbons*, etc., dos srs. Iniguez & C.^a, e que, começando modestamente foi, a pouco e pouco, desenvolvendo-se, chegando afinal ao maximo gráo de prosperidade.

Inauguraram-se agora alli umas novas



A NOVA INSTALLAÇÃO

installações onde se vêem os machinismos mais aperfeiçoados, e os proprietarios convidaram o sr. ministro do Fomento, auctoridades e mais pessoas que se interessam pelo progredimento nacional a visitar a fabrica.

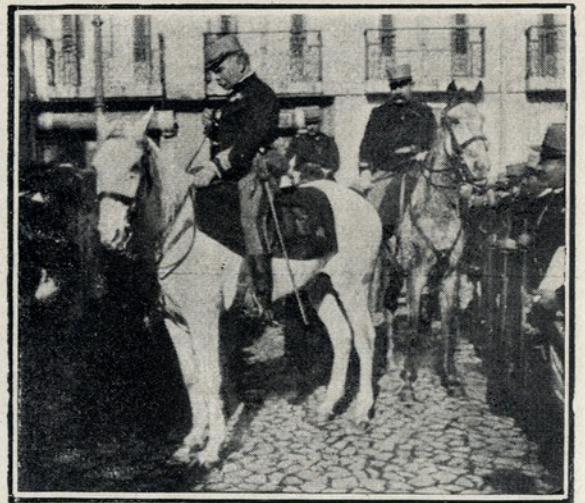
Assim as bateadeiras, as machinas para fazer blocos de chocolate, a destinada a extrahir o ar foi tudo examinado com muita attenção, e alguns dos presentes que tem estado no estrangeiro asseguram que lá fóra não ha melhor.

Excellentemente a impressão recebida.

O pessoal a postos em plena laboração, as operarias com as suas touquinhas e os seus aventaes brancos, tudo aquillo respirava aceio, notando-se um aspecto de conforto bem visivel, transmittindo a todos uma impressão agradabilissima que se traduziu em muitas felicitações aos srs. Iniguez & C.^a, que bem mostram o muito que desejam acompanhar o movimento progressivo.

Tropa para a Madeira

Teve uma affectuosa despedida o batalhão de caçadores 6, que, reforçado com outros contingentes, partiu no dia 7 no *Peninsular* para o Funchal.



O TENENTE-CORONEL CORDEIRO,
COMMANDANTE DAS FORÇAS

Sahindo do quartel d'engenharia foi formar na praça do Municipio, onde o povo lhe fez uma entusiastica manifestação.

Na Alfandega, onde embarcaram, deram-se scenas commoventes.

O despedir das familias, o acenar dos lenços a bordo n'um constante augmento, as lagrimas derramadas, o receio de não se voltar, as noites intranquillas e os dias não descansados, desassocego e intranquillidade que levam a ataques fundissimos de neurasthenia, o ar sombrio, a tristeza que pesa em volta, são tudo factores para darem uma nota impressionista.

E comtudo aquella gente, escrava do dever, em serviço da nação, lá foi, e se, por vezes deixou transparecer a saudade que a dominava, nem um só sentiu enfraquecer o animo ante a ordem recebida.

E eis o seu maior elogio.

Sousa Viterbo

No dia em que completava 63 annos, fallecia este notavel jornalista, erudito, archeologo, poeta de raça, após uma vida toda trabalho, — um nobre exemplo que elle lega.

Formando-se em medicina, todo o seu desvelo foi para a litteratura, e assim o seu *Anjo do pudor* é impecavel, e como director do *Jornal da Manhã*, do Porto, os numeros litterarios que appareciam á segunda-feira são os mais perfectos do nosso jornalismo, porque tudo lhe passava pela vista e era escolhido por elle com o mais minucioso escrupulo.

Substituiu Eduar-do Coelho como redactor politico no *Diario de Noticias*, e os seus artigos conheciam-se logo pela observação, pelas conclusões logicas, pelo seu estylo tão portuguez e tão comprehensivel, pela maneira como manejava as questões do dia, sem um doesto. sem ferir adversarios, discutindo com a serenidade que era peculiar ao seu character.

A pouco e pouco, porém, ia-o invadindo uma enorme tristeza: na sua frente, primeiro uns diminutos circulos, dansavam vertiginosamente, cahiam, e como se fossem de *caoutchouc* erguiam-se de novo, depois, com o tempo, tornaram-se maiores, tinham como que uns filamentos, e o pobre medico conheceu que era a cegueira que alli vinha, obstando-lhe aos seus trabalhos d'investigação benedictina.

Mas a seu lado surgiu uma d'essas creaturas divinaes que tomou a seu cargo secretaria-lo, com uma dedicação, uma coragem, uma resignação, sem desfallecer um instante, toda amor, e quem havia de ser senão a filha estremecida, a sr.^a D. Sophia de Sousa Viterbo?

Como esses olhos tantas vezes se deviam ter arrazado de lagrimas, como aquelle coração soffreria no transe doloroso porque seu pae estava passando. como o seu cora-



O PRIMEIRO TURNO

ção se enterneceria ante tamanha desventura!

Assim, acompanhando-o toda a vida, quiz tambem, obedecendo apenas a um sentimento tão piedoso quanto lindo, segui-lo na ultima viagem, e na longa fila de carruagens, no encalço do feretro, lá ia ella como pela estrada do Calvario, chorando, e res-

pondendo, quem sabe? áquelles que para a consolarem lhe diziam que não se affligisse tanto, visto que não havia remedio:

— Pois é por isso mesmo que eu choro!

A parada cyclista

Tambem a União Velocipedica Portuguesa quiz ir cumprimentar o governo e a Camara Municipal, e com esse intuito organisou uma parada cyclista, concorrendo para ella magnificos elementos e os mais devotados organisadores do *sport* em Portugal.

Vindos da Rotunda foram enfileirar-se no Terreiro do Paço onde cumpriram a sua missão, e nos discursos que se trocaram demonstrou-se que com exercicios d'esta or-



UM CYCLISTA REBOGANDO UMA CRIANÇA
N'UM GARRINHO

dem é que se prepara uma raça forte e productiva, devendo-se começar pela educação physica.

PORTUGAL DA SILVA.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



Almeida Garrett

O sr. Hygino Mendonça, se a memoria me é feliz, é auctor d'um drama denominado *Amor de Mãe*, que se representou ha annos no antigo D. Amelia.

Para o hoje theatro Nacional Almeida Garrett enviou o mesmo senhor uma peça em 3 actos intitulada *Pena Ultima*, onde se

debate um problema curioso, com o seu tanto de novidade, embora a solução seja o recurso de que hoje em dia se serve a mór parte dos dramaturgos, — a suppressão da personagem.

problema ao espectador, segundo o seu temperamento, a sua propensão, o seu criterio, onde se podem estabelecer accentuadas divergencias.

Como o sr. Hygino Mendonça é um escriptor muito illustrado, conhecendo bem theatro, como demonstrou quando critico na *Tarde*, evidentemente maneja com habilidade o caso, e, escrevendo em magnifico portuguez deve ter tido uma consolação: ver que os interpretes não lhe estropiaram a lingua-gem.

No desempenho citarei Palmyra Torres, uma artista de muito futuro, e a que mais estuda entre nós o feitio dos papeis que lhe confiam, porque é intelligentissima, e dá vida e relevo ao que por vezes é bastante deforme.

Tambem não devem ser esquecidos Ignacio, que apresentou os tons necessarios á figura do juiz, assim como Joaquim Costa, Mello e Mendonça de Carvalho.

O defeito da *Pena Ultima* está apenas em ser... um original portuguez, por mais doloroso que se me torne escreve-lo, desejo consigna-lo aqui.

Republica

Continuando a minha chronica anterior no respeitante á companhia franceza que funcionou n'este theatro, principiarei pela *Vierge Folle*, d'Henry Bataille, o auctor de



HYGINO MENDONÇA

Quando incommóda, mata-se; quando não se sabe bem por onde concluir, um tiro, uma punhalada, o veneno, cahe o panno, e eis tudo concluido.

E assim como os assumptos, mais ou menos confeccionados, com molho mais ou menos appetitoso, são afinal meia duzia, tambem, digam o que quizerem, tudo se traduz n'esse desenlace violento, inevitavel e fatal.

Seria talvez melhor deixar a resolução do

tres obras primas, *Poliche*, que nunca poderá ser representada em portuguez, porque não temos artista para a interpetrar, *Maman Colibri* e *Femme nue*.

La Vierge é uma obra pathetica, masculina, e seguindo uma norma estabelecida agora um tanto em theatro: raparigas apaixonando-se por homens de mais de quarenta annos.

E' um lindo artigo de psychologia a escrever, e que ha-de tentar muitos, tenho a certeza.

Como drama d'amor é palpitante, demonstrando que esse sentimento vence tudo, transpõe obstaculos, resiste ao maior embaraço para se traduzir no beijo da paixão... convertido em breve espaço no crispamento da dôr.

Bataille prêga alli o amor livre, mas como poeta, e dotado d'uma extrema sensibilidade, exalta-se com o seu character impulsivo e eis o motivo porque a ousadia reina sempre em todo o seu theatro.

Eu gostei, o publico ouviu a peça friamente.

Seguiu-se o *Aiglon*, de Rostand, que tendo por intuito exalçar as glorias francezas, sendo na primitiva o protagonista, o *Duque de Reichstad*, confiado a Sara Bernhardt, encerra pouco interesse para nós.

E eis-me defrontando com a *Rampe*, de Rotschild, scenas de theatro, cheias d'originalidade, e sobre tudo o segundo e o terceiro actos são magnificos, com um desenlace d'auctor de raça.

E aquelles que, como eu, frequentam palcos, tendo forçosamente d'ouvir confidencias, queixumes, desalentos, sentiram uma enorme impressão escutando esta peça, que é como que um brado d'alerta:

— Não gritem para ahi dizendo que teem genio, não sonhem com os applausos, não creiam que o caminho do proscenio é como o soalho de nossas casas, alli é tudo cheio de alçapões, de ciladas, d'artificios...

Fujam, rapazes e raparigas, ainda cheios d'illusões n'esse sentido, da rampa que os attrahe como a borboleta para a luz, é o conselho que lhes dá figuradamente Henri de Rothschild.

Passarei por *Mademoiselle Josette, ma femme*, que o nosso publico conhece, e de que são auctores Gavault e Charvay, os

do *Filho Milagroso*, — uma das obras primas da comedia moderna e que ha dois annos se representou com grande successo no Gymnasio. O desempenho por parte de Cormon e Calmette foi interessantissimo.

Pertence á collaboração de Maurice Donnay e Lucien Descaves, *Les oiseaux de passage*, peça com tendencias anarchistas, e onde as ultimas duas scenas, d'uma enorme sobriedade, são d'uma grandeza extraordinaria e com um dialogo soberbo.

O *Rubicon*, d'Edouard Bourdet, é peça cheia d'audacia, não perigosa para o publico, mas o caso é sabe-la manejar. E' claro que, em uma prevenção, trasladada para a nossa lingua, provavelmente o publico protestaria. Assim...

E por ultimo representou-se a *Dama das Camélias, demodée*, como por ahi diz a critica actual, esquecendo que ella, embora com 60 annos, ainda consegue encher um theatro, o que não acontecerá a 95 0/0 do repertorio actual.

Notavel o trabalho — e depois de ter sido visto de tantas maneiras é para se registrar — de Blanche Dufrêne, que é uma grande artista.

Depara-se-me outra vez a companhia portugueza com o *Encontro*, de Pierre Berton, um dos auctores da *Zazá*.

E' excellentemente feita, tendo principio, meio e fim, onde a acção é conduzida com muito tacto, embora não sejam as personagens d'um enorme interesse. Não nos fazem odiar a humanidade, mas tambem não nos obrigam a ama-la, porque, se não encontrei um ideal, notei abundancia de lyrismo, que afinal, como o romantismo, não ha direito a desprezar em theatro.

Angela Pinto, que é uma figura prima-



VISCONDE S. LUIZ BRAGA

cial, em *Camilla de Lançay*, deu mostras mais uma vez da sua enorme applicação, quando quer, e Chaby, um artista primoroso, tem uma creação no *Canuche*.

Para reaparição de Ferreira da Silva, um artista que é illustrado e que vê theatro, foi escolhida a peça de Louis Bernière, *Papillon*, cujo interesse sobe d'acto para acto, cheia de *verve* satyrica e d'um excellente humor.

Comprehendeu excellentemente o seu papel sendo muito applaudido. Sarmiento, n'uma rabula, pôde ser citado de seguida sem favor. E enumerarei ainda Brazão, Adelina Abranches e Gil.

Inserindo o retrato do visconde S. Luiz Braga, é uma homenagem que presto a quem tantos serviços tem prestado ao theatro, trazendo a Portugal, tanto em repertorio como em artistas, tudo quanto lá fóra ha de notavel.

Trindade

Amores de Principe é a operetta actualmente em scena n'este theatro, e a que já me referi quando representada na Avenida.

Estreiou-se alli Palmyra Bastos, a conceituadissima artista, que tanto na comedia como no canto é sempre uma grande actriz. O seu enorme talento, evidenciando-se cada vez mais, fez com que o publico a acolhesse n'um enthusiasmo louco, porque ella tem sido o seu idolo, e d'esses que nunca se quebram.

Muito intelligente, estudiosa, fina, venceu e collocou-se em primeira plana, e de tal maneira, que, sem discrepancia, acharam que era alli o seu lugar.

Na *Nathalia* o seu trabalho é colossal.

E' uma princeza que vemos, não se esquecendo nunca do seu titulo, nem mesmo quando occulta sob os trajés d'uma creada ou d'uma *cocotte*, e o relevo que deu ao 2.^o acto, todo aquelle phrenesi de commoção, traduziu-o com o seu prodigioso talento chegando — e foram muitos — os olhos dos espectadores a arrazarem-se d'agua, tal o sentimento que soube traduzir.

Magnifico trabalho! e que grande artista conta o nosso theatro!

Deixarei aqui os nomes de Gomes, correcto em *Puffet*, Leitão que me agradeou,

Correia que dá um tom alegre ao papel, e Medina de Sousa.

Digna de registo a encenação d'Affonso Taveira.

Gymnasio

Em festa artistica d'Augusto Machado subiu á scena a comedia em 3 actos de Paul Gavault e Georges Berr, *Ir a Roma...*, que os auctores denominaram *Moins-Cinq*, e a que Arthur d'Azevedo, no Brasil, deu o titulo de *Quasi...*



JOÃO BASTOS

Não me compete falar da peça por motivos que aos leitores não escaparão, mas dirhes-hei apenas que tem sido representada em França durante quatro epochas sempre com exito.



BENTO FARIA

O desempenho é muito harmonico sobresahindo Cardoso, Alegrim, Telmo Larcher, Cesar de Lima, Al-

bertina, Ambrosina, Laura Hirsch, etc.

Tambem n'este theatro está em scena um episodio *O Valente Balbino*, dos srs. João Bastos e Bento Faria, que deram vinte minutos de graça a um pequeno acto cheio de situações accentuadamente comicas.

Avenida

Das ultimas operettas allemãs que teem sido representadas entre nós não é o *Conde de Luxemburgo* a melhor, e mesmo a musica,

embora com trechos inspiradissimos, re-sente-se, porque depois do successo da *Viuva Alegre* espera-se sempre muito mais do seu auctor Franz Lehar.

Mas como o scenario e o guarda-roupa é brilhante, escuta-se o *Conde de Luxemburgo* com agrado e mesmo com applauso.

Seguiram-se outras operettas allemãs: a *Bella cançonetista* e a *Divorciada*, que o publico tambem não matisou com grande enthusiasmo.

Pois a musica é bonita, mas os espectadores hoje estão exigindo tambem que os poemas não sejam tão eivados de monotonia.

Apollo

Quiz a empreza d'este theatro prestar preito a Filippe Duarte, o maestro tão cheio de modestia quanto abundante de valor, e



FILIPPE DUARTE

que dirige com tanta proficiencia a orchestra d'aquelle theatro.

O illustre compositor que ainda ultimamente no *Fado* mostrou a sua altissima inspiração, teve uma noite toda enthusiasmo, e o

publico bem lhe demonstrou o affecto que lhe consagra.

Na festa da tarde, Antonio Pinheiro que é um actor muito intelligente e estudioso,

fez uma conferencia sobre operettas, n'um estylo elegante, trabalho que deve ser publicado, porque é interessantissimo.

E Pinheiro teve uma boa coragem discorrendo sobre varias peças populares, não esquecendo o *Brasileiro Pancraccio*, que tantos malsinaram e que fui eu só a defender na imprensa, embora não me assustasse a solidão.

Quanto á operetta *El-Rei Banaboia* 35, representada dias depois, o desastre foi de tal ordem, que não concluiu o spectaculo.

Rua dos Condes

Nunca me seduziram as peças politicas, embora firmadas por Sardou, convicção cada vez mais assente, e a do sr. Mario Monteiro, intitulada *5 de outubro*, não conseguiu persuadir-me que andava errado pensando assim.

Mal aproveitando os acontecimentos da epocha apparece-nos alli tudo n'uma *pêlemêle*, sem ligação, e unicamente com o fim de disputar applausos que não teem echo.

O que ha a lamentar é o tempo que se perdeu.

Chiado Terrasse

E', no genero, um dos melhores estabelecimentos onde as fitas se succedem n'uma enorme variedade, e que tem sempre uma grande concorrência.

Desde os grandes *films* d'arte, as comicas, peças theatraes, tudo alli se vê nitidamente, apresentando as novidades mais recentes.

PORTUGAL DA SILVA.

DEBILITADOS por EXCESSOS
de forças physicas e musculares,
pessoas excessivamente
NERVOSAS, curam-se comple-
tamente com a

Somatose

em pó ou liquida

(dôce ou secca)

Vende-se

nas pharmacias e drogarias



Noticia bibliographica



OMO se sabe, Sousa Martins escreveu sobre Antero um estudo célebre onde pretendeu provar que o pessimismo, as preocupações moraes e metafísicas, a arte do poeta,

provieram inteiramente da degenerescencia hereditaria, da exhaustão dos nervos. No seu livro recente — **A Arte e a Medicina: Antero de Quental e Sousa Martins**,

mostra-nos Jaime Cortesão a fragilidade de toda essa construcção simplista, architectada com presumidos factos não averiguados, com noções obscuras e fugidias, com generalizações estupefactivas

de rapidez e audácia, tudo tratado com uma ligeirêza, uma falta de logica e de precisão difíceis de excedêr. O assumpto é do maior alcance: além de tratar de individualidades tão eminentes, duas circumstancias mais o notabilizam: a de Sousa Martins têr alargado a sua idéa a pontos de a tornar uma teoria geral pathologica do genio, e a de lhe pertencêr a prioridade sobre



JAIME CORTESÃO

Nordau na exposição da doutrina. Jaime Cortesão tomou agora o problema tanto na generalidade como no caso especial de Antero, e combatendo o autôr da *Nosografia* com os factos averiguados, com a erudição e com a lógica, como profissional sabedôr que é, esboça a psicologia de Antero pela *visão interiôr* da sua obra, (verdadeira critica final para que todas as outras devem convergir) com a intuição do psicologo, do artista e do poeta. Todas essas qualidades são necessarias para falar do *genio que era um santo*, e todos ellas brilhantemente mostra Cortesão no seu livro.

Desta obra á **Doida de Amôr**, de Antero de Figueiredo, saltamos da critica e da poesia para um drama intimo de paixão. Eis uma trintena de cartas de uma mulher apaixonada: uma mulher que é uma romântica, e uma romântica que sendo uma *literata* não só escreve com o sentimento pungente de uma mulher apaixonada, mas tambem com a arte de um escritôr de officio. A heroína delira e disserta, dialoga, descreve, e o seu caso é ao mesmo tempo geral e particularissimo, commovedôr e curioso, interessante e trágico. Educada em França, após o suicidio da mãe, engolfou-se, como Madame Bovary, na estonteadôra fornalha da literatura passional. Ha um progresso, porém, de Madame Bovary a Gabriella: e é o que resulta da differença dos tempos, da distancia que vae de Walter Scott a d'An-

nunzio, de Lamartine a Baudelaire. Mais requintada, esta atmosfera produz agora uma educação não só sentimental, mas *artística*. Um dia apparece um lindo tipo de homem, prompto, fogoso e atrevido na sua maneira de se apresentar ás bellas, alto e moreno, de grandes bigodes pretos e de rasgados olhos negros. Eis, sem duvida, o marido ideal. Depois... a desillusão, o abandono, e o apparecimento por fim da verdadeira alma *artística*, requintada, subtil, superior, vogando melancolicamente nas melancolias de Chopin... E as consequencias d'essa maneira de sêr, são esse drama attrahente e fundo, essas cartas empolgantes que formam o bello livro de Antero de Figueiredo.

Ha uma certa analogia entre os quadros escritos de Alfredo Mesquita e os quadros pintados de Malhõa. Ambos fortes, ambos seguros, ambos saudaveis, ambos observam encantadamente as scenas pitorescas da nossa terra. Da leitura dos **Alfacinhas**



ALFREDO DE MESQUITA

saí uma pessoa maravilhada, de coração largo, sentindo leve a existencia, crente no bom humôr e generosidade com que foi feito o *Cosmos*, na instantaneidade fugidia, na insignificancia final dos periodos maus, difficeis ou trabalhosos da vida. Quem não tem olhos capazes de verem directamente as coisas sente-se embasbacado, satisfeito de si e de tudo, quando as logra vêr reflectidas nos olhos de um companheiro excepcionalmente bem dotado. Alfredo Mesquita tem todas as qualidades para attrair, retêr, encantar, dispôr bem a gente; todo o grande espectáculo real se esvaece diante da seducção d'essa comedia concentrada, viva, colorida; vemos pela primeira vêz, tão nitido, documentado e novo, aquillo que toda a vida nos passou diante. Ha aqui uma visão extraordinariamente clara, segura, minuciosa, firme e san; e um bom humôr, uma galhardia, um en-

train, uma agilidade de maneiras que se communica ao nosso espirito. As qualidades da sua observação são as qualidades do seu estilo, de um ritmo perfeito, da cadencia mais apropriada, do declive mais suave para quem passeia naquellas páginas. Vistes a vida lisboeta? Não vistes ainda; ides vê-la agora, alegremente, ciceroneado por quem a viu em todas as minucias e com a maior acuidade. O escritôr olha para o passado; e, como era natural, como era lógico, vê com saudade tudo que havia de pitoresco, local, caracteristico, apagar-se sob a tintura uniformizadôra do *progresso*. Ai das interessantes cousas do passado! Paciencia; ao menos revivem pela arte: ahi tendes o omnibus antigo e as suas aventuras, a feira e o seu teatro, o baile campestre, a repartição, a criada, o andadôr das almas, a capelista, o saloio e a filarmónica. Do proprio livro de Alfredo Mesquita se pode dizêr que, além de muitas outras, tem todas as qualidades da melhor das filarmónicas, da mais perfeita, da mais artistica, da que mais arrasta o apreciadôr a segui-la pelo caminho. — e que «*é incrível* (como elle diz das nossas) pelo que ha ahi de obediencia ao almiré, de sentimento do compasso, de afinação e variado repertorio».

E a proposito de filarmónicas, conhecem os leitôres aquella historia do filarmónico completamente surdo que tocava de ouvido? Da **Critica Literária em Portugal**, de Fidelino de Figueiredo sae como conclusão que um elemento entre nós tem a historia literária sistematicamente esquecido: esse elemento é a propria literatura, são as obras literárias. Perfeitamente surda a toda a obra literária, a historia critica nem por isso deixaria de tocar perfeitamente bem, e de ouvido, o seu complicado instrumento.

Toda a religião tem porém os seus herejes; e Fidelino de Figueiredo é um hereje do sistema, como brilhantemente o provou no artigo sobre Garrett que os *Serões* de janeiro publicaram. Este segundo volume da sua *Biblioteca de estudos historicos nacionaes* é um trabalho digno da maior attenção, — e do maior applauso, — e do maior estimulo.

O ponto de partida da organização da *Biblioteca* pareceu-nos perfeitamente justo: orientação e sistematização da vida na-

cional pelo prescrutar da nação sobre si mesma, pelo conhecimento do proprio caracter, do proprio organismo, dos elementos vitaes que em nós temos e d'aquelles que o



FIDELINO DE FIGUEIREDO

estudo provar que nos faltam. O conhecimento historico fornecerá essa ossatura sobre que devem assentar os liames moraes, a centralização das energias, o plano de trabalho, a unificação dos esforços, o ideal commum.

Se a idéa primeira nos parece muito justa, a realização do plano annuncia-se desde já um pouco dispersiva. Compreende-se a inclusão do presente estudo sobre a critica literária portugêsa, e ainda mais o exame da literatura em geral, dada a influencia social das obras literárias; mas o proximo volume annuciado, — *A critica literária como sciencia* — que poderá sêr valiosissimo em si mesmo, surje como um accidente desenvolvido de mais na *Biblioteca*, visto que parecendo uma introduccção metodologica ao estudo da literatura, o autôr o fará seguir de um trabalho nitidamente sociologico e historico: *A época da Renascença em Portugal*, que tratará, não da literatura, mas da *sociedade* portugêsa da época. A literatura pois, no plano do autôr, está sem sabêr o papel que lhe compete: se o de instrumento e objecto fundamental de investigação (como em Taine, *Literatura inglêsa*) se o de simples elemento accidental e subsidiario. Não se distingue, realmente, sequencia logica nas varias partes.

Dizemos isto para prevenir o sr. Figueiredo e esclarecêr os seus intuitos. Leremos

os seus livros cada um como um todo em si; e com o maior apreço, ainda que elles fujam completamente ao plano da *Biblioteca*, desde o momento que sejam tão bons como a *Critica literária em Portugal*.

Nesta obra mostra o autôr que é capaz de vêr com nitidêz, método, ligação e perfeita intelligencia, — coisas já de si bem raras: sob todos esses pontos de vista o prefacio e o ultimo capitulo são particularmente admiraveis. Mas por todo o livro o escritôr arrancou fôgo das suas pedras, mostrando uma attenção sempre viva e sempre aguda.

Com muita pena não escrevemos, (dada a indole da nossa revista) um longo artigo sobre o seu trabalho: — porque superiormente o merece. Sirvam estas poucas linhas para lhe significar o interesse, a attenção, e a admiração com que o lemos, — e para lhe agradecêr o ter-nos proporcionado, no decurso de um mês, duas leituras do valôr do artigo sobre Garrett e do livro sobre a *Critica literária em Portugal*.

No campo puramente scientifico dá-nos o sr. Ramos da Costa umas claras e meto-
Noções geraes de Oceanografia, trabalho de indole vulgarizadôra e pratica, escrito com o grande sabêr, a solidez, a competencia que todos os profissionaes se habituaram a admirar na sua serie de publicações, já bem longa, sobre as sciencias relativas á navegação, hidrografia, astronomia, oceanografia.

Das revistas e publicações periodicas destacaremos a **Limia** e a **Agua**, pelo requinte artistico e pela superior collaboração.



RAMOS DA COSTA





Curiosidades do tempo

As relações anglo-germanicas

Qual é a causa da desconfiança constante entre a Inglaterra e a Alemanha?

Ou, por outra, quem são os principaes responsáveis d'esse estado dos espiritos?

D'ambos os lados teem deligenciado os homens mais eminentes apagar de vez essa latente animosidade; o imperador em mais de uma occasião procurou accentuar a expressão do seu apreço pelos inglêses e pelas instituições inglêsas. A imprensa de mais nome e consideração nos dois paizes esforçou-se nos ultimos annos por destruir quaesquer malentendidos. Os resultados não correspondem porém á insistencia e ao valor d'estas tentativas. Attribute-se a culpa principalmente aos

políticos, que se servem como arma de discussão da supremacia naval da Allemanha e dos seus métodos de expansão commercial.



UM INVENTÔR AO CHANCELER:

— Um cadeado melhór que o de Bulow para O impedir de falar.

(Fischiatho.)



A POLICIA PRUSSIANA:

— Ha algum ainda que peça protecção?!

(Wahre Jacob.)

Do lado da Allemanha nota-se muito mais geral cuidado e boa diplomacia no sentido de se manterem as mais amigaveis relações. O chanceler Herr von Bethmann Hollveg disse no Reichstag que «quanto ás negociações com a

Inglaterra e as negociações sobre a limitação dos armamentos navaes, tinha a accentuar o facto de que o governo britânico repetidamente exprimira a idéa de que o fixar por accordo a força naval tenderia apreciavelmente a tranquilizar as relações internacionaes. Já a Inglaterra emitira essa opinião na conferencia da Haya, e desde essa época várias vezes tornou a levantar a questão, sem comtudo apresentar propostas que nos dessem aso a uma acceitação ou recusa definitiva. Concorramos com a Gran-Bretanha no desejo de evitar rivalidades com respeito aos armamentos; mas nos *pourparlers* (conduzidos num espirito de amizade mútua) que se deram de tempos a tempos, mantivemos sempre a idéa de que é uma aberta e franca discussão, seguida por um ajuste relativo aos interesses económicos e politicos de ambas as partes, o mais seguro meio de apartar desconfianças de qualquer especie com respeito á força comparativa das duas Potencias no mar ou em terra. A continuação de troca de vistas franca e voluntária em todas as questões relativas a este assumpto é em si mesma uma garantia de intenções amistosas de ambas as partes, e conduzirá lentamente mas seguramente á remoção da desconfiança que infelizmente se tem feito sentir,—não, por certo, da parte dos governos, mas na opinião publica dos dois países».

O instituto feminino de direito pratico

A mulher está naturalmente em condições de inferioridade na lucta social pela vida. Em grande parte essa má situação vem da sua ignorancia dos direitos

que a lei actualmente lhe outorga. E' no terreno juridico que essa ignorancia mais a prejudica, e por isso o *Instituto feminino de direito pratico*, de Paris, abriu este inverno uma serie de conferencias sobre o nascimento, a educação, o casamento, as heranças, os bens, etc., afim de instruir as mulheres sobre a extensão dos seus direitos.

A ideografia chinesa

chinês. O conde Okuma é um dos chefes d'este movimento. Preconiza o emprego dos caracteres romanos e com muitos outros reclama o abandono da escrita simbolica. Os hieroglyphos já não são da nossa epoca, dizem elle. Pode-se ser discípulo de Confucio, apreciar a literatura chinesa, sem se ficar para sempre condemnado á adopção servil da ideografia. Ha quem tema que esta mudança de sistema de escrita traga como consequencia uma modificação nas ideas; mas a ideografia não é condição indispensavel para a manutenção do espirito nacional. Romanizando a escrita, o Japão modernizar-se-á e tornará mais facil o estudo das principaes linguas europeias. De resto os proprios europeus que usa-

vam uma escrita especial, como os Allemães, adoptam os caracteres communs aos Ingêleses, Francêses, Italianos, etc. Os Russos por sua



O imperador da Coréa gosará das mesmas prerogativas que o Micado. (Allusões á annexação da Coréa).

(Kladderadatsch.)

vez farão provavelmente o mesmo. Os Japoneses, que não hesitam diante de nenhum progresso, não tardarão muito a realizar este. (Do *Chin Bukuyô*.)

A transformação da China

Importantissimos acontecimentos se vão desenrolando na China. Em 1913 a China, a inabalavel, a imutavel, a antiquissima China dos mandarins e dos rabichos terá a sua Constituição, presenciará a reunião de duas Camaras parlamentares!

A iniciativa d'essa formidavel transformação partiu das provincias, onde em outubro de 1909 se reuniram as assembleas consultivas locais. Os seus delegados vieram a Pequim e redigiram uma primeira supplica ao trono, que foi apresentada, e rejeitada, em principios de 1910.

Rejeitada a supplica, os delegados não desanimaram, não se impacientaram, não barafustaram. «Apresentaremos segunda supplica»—decidiram placidamente.

E apresentaram. E foi tambem rejeitada. E então os delegados retiraram para as suas provincias, deixando em Pequim successores encarregados de apresentarem terceira supplica. E a essa, se tivesse a mesma sorte, seguir-se-ia quarta, e quinta, e sexta...

Nisto sobreveio a annexação da Coréa, que

alarmou os estudantes do Pet-chi-li e os chinezes das provincias mandchús, onde se teme a intervenção japoneza. Varios delegados do He-Long-Quiang e da provincia de Gerim chegaram á capital em outubro e entenderam-se com os estudantes. Os espiritos excitaram-se. Houve reuniões emocionantes em que os assistentes se cortaram os dedos em sinal de sacrificio. No dia seguinte a uma d'essas reuniões os delegados da Mandchuria e uma turbamulta com estudiantada á frente invadem a Casa dos Representantes. Na maior exaltação, queriam alguns dar a estes o exemplo do sacrificio, mutilando-se a si mesmos, cortando os braços e ás pernas. Uma parte da assemblea conseguiu desarmar os exaltados. O sangue man-



A Russia e o Japão preparam-se para esquarterar no Leviatão chinês.

(*Kladderadatch.*)

(*N. da R.:* Esses preparativos tiveram porém como consequencia o despertar o Leviatão. V. o nosso artigo.)

chou os papeis esparsos, inclusivamente a terceira supplica ao trono, já redigida.

Os Representantes decidiram-se então a ir ao palacio. O regente estava no palacio da Corte, inacessivel sem sua ordem formal. Pois bem: elles, representantes, ficariam até que o Regente voltasse. Por fim o principe Su, ministro do interiôr e amigo dos progressistas, chegou propondo ir elle proprio levar a supplica ao palacio interdito e trazer a resposta. No dia seguinte de manhan soube-se que o principe vira o Regente, e que este decidira submeter a questão á Assembleia consultiva ou Senado.

Este reuniu. Foi lida a supplica ensanguentada. E, *sem que se pronunciasse um só discurso,*

o presidente propôs á votação por sentados e levantados a seguinte pergunta: O Senado é da opinião que se dê ou se não se dê satisfação á supplica apresentada? Quasi todos os membros se levantaram, approvando. Foi por toda a cidade um grito de entusiasmo. Os principes mandchus e mongoes, os altos funcionarios dos ministerios e os senadôres das provincias concordaram em favôr da Constituição e do Parlamento. Em um édito imperial fixou para 1913 o estabelecimento das garantias constitucionaes, das eleições geraes, e a convocação do Senado e da Camara dos deputados. «Esta demora de 3 annos, diz o édito, motivada pelos preparativos necessarios, foi maduramente reflectida e definitivamente fixada para bem do Imperio, e não será reduzida. Compete agora aos funcionarios e ao povo o prepararem-se, cada um na sua esfera, a adaptarem-se á nova ordem de coisas. Contamos que os resultados favoraveis não tardarão a encher de alegria os manes do imperadôr Quang-Su e a satisfazêr o povo.»

Effectivamente, o imperadôr Quang-Su havia preparado um plano constitucional, que o actual soberano tem cumprido religiosamente desde a sua accessão ao trono.

A revolução, completamente pacifica e cheia de sensatez da parte de todos, faz, e com motivo, o orgulho dos chinezes. «E' aqui, diz a *Revue jaune*, que se mostra o alto grau de cultura das classes medias e superiores da China. Esses letrados, esses notaveis, esses commerciantes, ás vezes apresentados como bárbaros, teem horrôr ao sangue. São capacissimos de se sacrificar pelo pais, certamente, mas o sacrificio de outrem arranca-lhes lágrimas.»

Este grande movimento chinês foi iniciado ha uns quinze annos pela tentativa reformadora do imperadôr Quang-Su e do seu collaboradôr Cam-Iu-Ué, que imaginaram transformar o imperio em alguns mêses. Como sempre, essa tentativa de transformação radical e rápida não deu bom resultado.

O sistema adoptado agora para levar a nação á prática das liberdades modernas é verdadeiramente admirável de tino, de alta intelligencia, de espirito pratico, de perfeita comprehensão da marcha real evolutiva dos fenómenos sociaes. Quando se pretende apresrar os acontecimentos, succede sempre que o organismo social resiste, e a queda é fatal. O governo chinês quer levar a nação pelo caminho de uma lenta preparação politica. Para exercitar o povo, cria provisoriamente assembleas puramente consultivas. A China, pais de estudantes e letrados, entra na escola da liberdade e da constituição.

Uma prescripção curiosa é a de têr a Assembleia simplesmente três meses de sessões por anno. Porquê? Porque muito tempo disponível incita á preguiça, ás longas sessões malbaratadas, ás vans discussões formalistas. Os três mêses obrigarão a Assembleia a tratar praticamente, decidida e rectamente os negocios. «Nada de tempo perdido, diz com toda a

razão a *Revue jaune*, nada de discursos inúteis, nada de retórica vazia, nada de baixa politica, nada de palhaçadas ou de sessões tumultuosas. Quantas nações do Occidente deveriam adoptar os três meses parlamentares! Ha muito bom-senso na China!» E ha.

Os jardins d'infancia em França

Procura-se introduzir em França, nas condições actuaes dos quadros universitarios d'aquelle pais, os *Kindergarten*, segundo o método de Froebel.

Referimo-nos no mês passado á *Union familiale* de M.^lle Gahéry (p. 71), onde o sistema é



FROEBEL

adoptado. Na Allemanha, na Suissa, em Inglaterra, está elle largamente espalhado.

Entre nós as tentativas abortaram.

Na occasião do centenario de Froebel houve uma celebração no Palacio de Cristal por ini-

ciativa da *Sociedade de Instrucção do Porto* e particularmente do seu secretario, o sr. Joaquim de Vasconcellos, e de sua esposa, a erudita escritora sr.^a D. Carolina Michaëlis, que em Berlim estudára a fundo a teoria e pratica do *Jardim da infancia*. Propôs-se então que fossem enviadas ao estrangeiro algumas senhoras de forte dedicação para estudarem o sistema. Lisboa celebrou tambem o centenario de Froebel. Em sessão camararia o vereador Teofilo Ferreira apresentou um projecto de construcção de um *chalet* para escola Froebel no jardim da Estrella. A escola inaugurou-se effectivamente em 21 de abril de 1882, mas a tentativa naufragou, como as outras.

O método é uma educação da criança fundada sobre a sua verdadeira naturêza e em conformidade com o seu fim: a educação fisica, intellectual e moral da criança pelo jogo. A palavra «jogo» comprehende aqui a gymnastica, as rodas, a jardinagem, o desenho, o canto, os exercicios de comparação, etc. Esta educação faz-se ao ar livre, no jardim, e não exige a immobilidade das crianças. Em França, como dissemos, a idea vae ganhando terreno; as applicações tentadas em Paris tiveram grande exito, e vão-se abrir cursos especiaes para formar professôres de *Kindergarten*.

Morreu ha pouco Mrs. Baker Eddy, a fundadora da seita dos *Christian Scientists*. Foi uma das mais curiosas figuras do misticismo contemporaneo. A seita dos

Scientists reuniu perto de um milhão de adeptos e fundou 660 igrejas na America. Foi em 1875 que Mrs. Eddy publicou a sua primeira obra, de que chegaram a ser tirados 250.000 exemplares ao preço de cinco mil réis cada um. Em 1883 criou o *Jornal da sciencia christian*. Os *scientistas christãos* ensinam que o espirito é omnipotente, que a materia não é nada, que não existe erro, pecado, doença, fadiga, morte. A doença, segundo a doutrina, é puramente subjectiva, e bastam para a cura a fé e a oração. De resto, bastantes adeptos morreram victimas da sua crença, por se não terem valido da medicina, e varios processos por isso foram intentados aos *scientistas*. O centro da seita é em Boston, onde foi construida a catedral.

Vida na arte e nas letras

Uma obra unica

Foram offerecidos ha pouco ao Papa os dois primeiros volumes de uma obra unica, que custou perto de 200 contos a estabelecer. E' o começo da historia da Igreja Catolica nos Estados-Unidos. Mais de mil escritôres americanos collaboraram no texto, que é illustrado de magnificos desenhos. As encadernações, de grande belleza, custaram, por si sós, 5 contos.

As fontes de Tolstoi

Continuam a apparecer numerosos estudos sobre Tolstoi nas revistas estrangeiras. São muito interessantes os que se referem á evolução das suas ideas e ás grandes influencias que nelle actuaram, merecendo registro especial uma carta que ha cinco annos Tolstoi escreveu a M. Bernardo Bouvier, professor em Genebra e presidente da Sociedade Jean-Jacques-Rousseau. «Rousseau, diz ahí Tolstoi, foi meu mestre desde a idade de 15 annos. Rousseau e o Evangelho foram as duas grandes e beneficas influencias da minha vida.»

A casa de Balzac

A casa de Balzac, essa, fôra já transformada em museu e inaugurada em julho. Todas as recordações do grande romancista tinham sido reunidas na pequena casa da rua Raynouard onde durante muito tempo viveu e trabalhou o autor da *Comedia humana*.

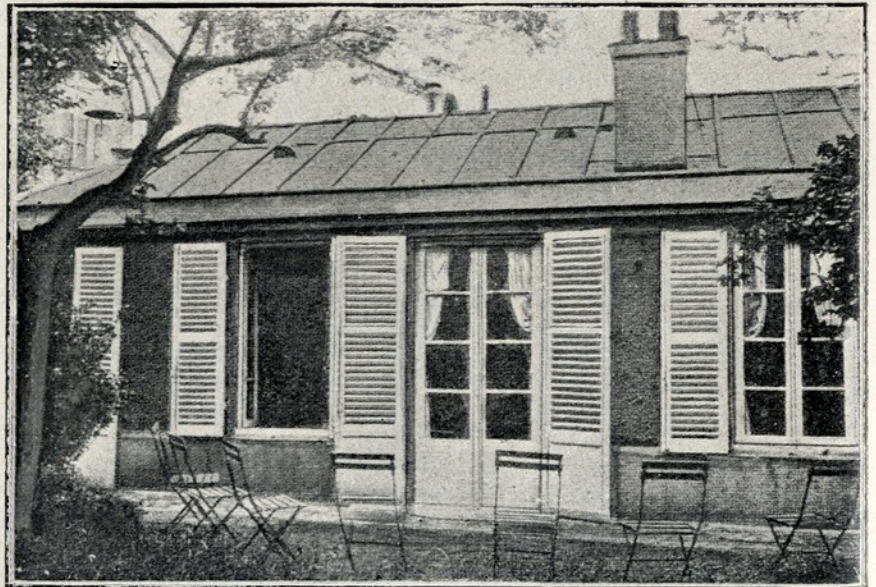
Infelizmente, a casa não pudêra ser comprada pelos amigos de Balzac; e como faltasse o dinheiro, o proprietario recorreu aos tribunaes. Foi concedido porém um praso de três mēses antes de se levar a effeito o despejo, o que deu tempo a apparecer o salvador da situação na pessoa do editor de uma nova edição das obras de Balzac, João Gillequin, que pagou as rendas em atraso. Para evitar a repetição da difficuldade, comprou ainda cinco mil bilhetes de socio da obra, que se propõe distribuir pelos primeiros cinco mil subscritores da nova edição.

Wagner e Bizet

Ha muito que os curiosos haviam notado uma analogia extraordinaria entre uma passagem de Bizet e o *leitmotiv* da morte de Isolda, em Wagner. O *Tristão e Isolda* é de 1865; ora, o tema principal, que se encontra no preludio, no segundo duetto e na frase da morte de Isolda, acha-se numa passagem da *Carmen*, de 1875 (*C'est moi qui Vai tuée, Ah! Carmen, ma Carmen adorée!*) O mais curioso é que Nietzsche um dia, para atacar Wagner, declarou trocar toda a obra de Wagner por essa passagem da *Carmen*, que é construida identicamente ao tema do compositor atacado. Resta a duvida se teria havido encontro casual entre os dois musicos, ou reminiscencia inconsciente em Bizet.

A casa de Sully Prudhomme

No dia 17 de dezembro proximo passado foi aberta a casa onde morou Sully Prudhomme, em Paris, aos seus amigos e admiradores. O grande poeta residia ahí só no inverno: chegado o verão partia para Chatenay com sua irman. O que feriu sobremaneira as atenções foi a extraordinaria simplicidade e modestia de todos os quartos, o reduzido da decoração, que se resumia a retratos pelas paredes. No gabinete de trabalho, sobre a mesa, algumas estatuetas de gesso, entre as quaes os bustos de Descartes e de Pascal. Os visitantes eram recebidos pelo poeta Augusto Dorchain e sua mulher, por Albert-Emile Sorel e Henry Gerbault.



A CASA DE BALZAC

Vida na Sciencia

O petroleo solidificado

Ha já quem pretenda ter descoberto o petroleo solidificado. Trata-se de um romaico, Gogu Constantinescu. O petroleo ordinario fica pelo seu processo com a apparencia do sabão transparente. O petroleo solido pode ser accêso com um fosforo, mas não explude, e facilmente se apaga. Podem atirar-se pedaços ao fogo sem perigo.

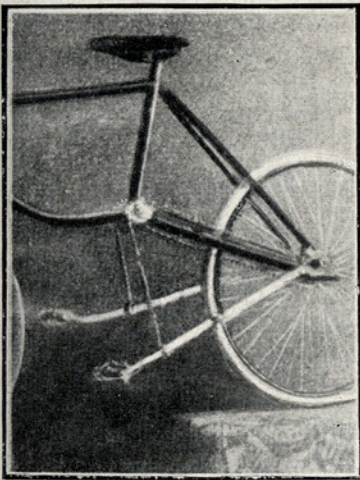
Já perto de Londres se fizeram com perfeito exito algumas pequenas experiencias em automoveis. A principal vantagem do petroleo solido que Constantinescu proclama é o durar três vezes mais que o ordinario.

Aperfeiçoamento na bicicleta

Um austriaco aperfeiçoou a bicicleta no sentido de poupar uma grande parte do esforço do ciclista. Dois longos braços e uma cadeia movem-se

combinados com roldanas, de maneira que o ciclista não gira com os pés circularmente, mas só verticalmente, abaixo e acima, o que á muito menos fatigante que o sistema antigo. Por essa razão, e pela disposição espécial dos braços, é assegurada uma eçonomia de 50 por cento no esforço, ou um ganho de 50 por cento na velocidade. Estes calculos do inventor provaram exactos em experiencias práticas.

Os pés firmam-se em pedaes dispostos no extremo de dois longos braços, ou alavancas, como dissemos; uma cadeia simples liga os dois braços, passando em cima por duas rol-

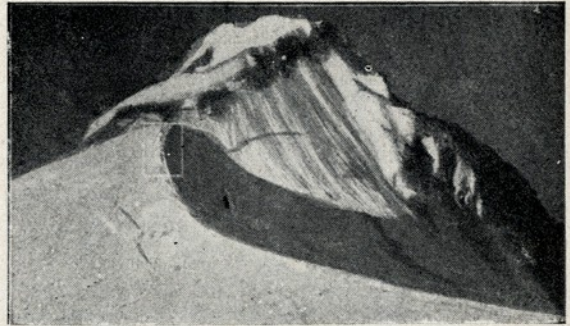


danas e depois descendo até ao eixo da roda traseira. No cubo ha um dispositivo pelo qual primeiro um e depois o outro movimento dos

pés fazem ambos rodar a roda para diante. O ciclista pode alterar o grau de transmissão á vontade, de grande para pequena velocidade, e mover as duas alavancas ou braços mais ou menos, até quanto o permite o comprimento da cadeia.

O novo melhoramento da telefotografia

A telefotografia recebeu ha pouco um grande melhoramento. A telefotografia, como se sabe, é a arte de fotografar objectos a grande distancia, por meio de uma combinação do telescopio e da camara. O que geralmente se tinha usado para esse



fim era uma teleobjectiva, addicionada a uma camara ordinaria. Este sistema satisfazia razoavelmente quando se tratasse de fotografar construcções, paisagens, etc.; porem não servia para tirar instantaneos, por sêr a teleobjectiva demasiado fraca, isto é, absorver muita luz nas varias lentes que a constituíam.

Na nova invenção faz-se uso de uma simples lente de grande distancia focal, e os raios luminosos são duas vezes reflectidos na camara por meio d'espelhos. Se tivéssemos de aplicar lentes d'essa especie a uma camara ordinaria, teriamos de a fazer enorme, e o seu peso seria tal que tornaria a camara impossivel de se deslocar. Com a nova disposição é possível reduzir o tamanho da camara a menos de $\frac{1}{3}$ do que seria necessario d'outra maneira. D'esta forma uma camara de 40 centimetros basta para uma lente de $1^m,20$ de distancia focal.

As applicações de uma tal camara telefotografica são variadissimas e incluem todos os casos de camaras em que ordinariamente se não podem tomar instantaneos. A falta de luminosidade de teleobjectiva ordinaria não pode sêr contestada, desde que ella nos fornece uma ampliação da imagem ordinaria e não uma vista grande em si mesma, o que torna impo sível o tirar instantaneos.

Com o novo invento obteem-se instantaneos perfeitos com extrema facilidade, sendo tal a

nitidez do negativo que é possível uma ampliação até 10 diâmetros.

Agora um reporter pode seguir um alpinista em todos os seus mais perigosos passos, confortavelmente installado na varanda do hotel. Nas nossas duas illustrações, a primeira vista é a tirada com a camara ordinaria (a fotografia está na gravura reduzida a metade); a segunda representa a mesma vista tirada com a nova camara (reduzida na gravura de $\frac{1}{4}$).

Um official do exercito pode observar e registrar posições e movimentos importantes; passa a sêr possível fotografar um balão muito alto, reconhecendo-se os passageiros. O scienista fixará numa chapa sensível os fenomenos físicos visíveis no extremo horisonte, como as miragens, e os que não podemos observar de perto sem perigo, como erupções vulcanicas, objectos situados em altas montanhas, etc.

Com o novo invento tambem será possível ao official de marinha conseguir a representa-



ção de navios muito distantes, tomar de longe boas vistas da costa, fotografar um barco afastado cujos tripulantes sejam indistinguíveis a olho nu. Utilizando o aparelho com os seus espelhos e uma lente de curto focco, podem fazer-se ampliações directas e obter-se microfotografias collocando o objecto a fotografar á distancia de 10 ou 20 centímetros da lente. Isto é de grande valor, por exemplo, para o scienista que quer explicar aos seus discipulos certas funcções da vida animal e vegetal, e que fica assim apto a tirar quantas provas desejar de uma chapa fotografica d'essa especie.

Grandioso trabalho de irrigação

Trata-se de um immenso sifão que levará agua da represa desviadora sob o leito do rio Colorado, da California para o Arizona.

Este sifão tem um diâmetro interior de 4^m,20, devendo descer a uma profundidade de 45 metros. Um tunnel correrá 30^m abaixo do leito do rio, e o volume da agua que será assim conduzido por baixo do Colorado igualará o de um verdadeiro rio. A abertura do sifão do lado de California será 60 centímetros mais alta que do lado de Arizona, de maneira que a agua correrá com a velocidade de 2^m,4 por segundo.

O problema da melhor iluminação artificial

Segundo o Dr. Fortin a solução do problema da iluminação ideal seria obter por síntese a luz natural por meios artificiaes. A luz natural é caracterizada pela sua riqueza em raios azues e pela luz diffusa. A luz solar é diffusa, mostrou-o Tyndall, pelas finas particulas suspensas na atmosfera. Se não fosse a existencia d'essas particulas o ceu apparecer-nos-ia provavelmente negro, e os objectos iluminados pelo sol apresentariam zonas alternadamente demasiado brilhantes e demasiado escuras. Tal mundo seria muito fatigante para os olhos obrigados a vêr objectos de brilho tão variado.

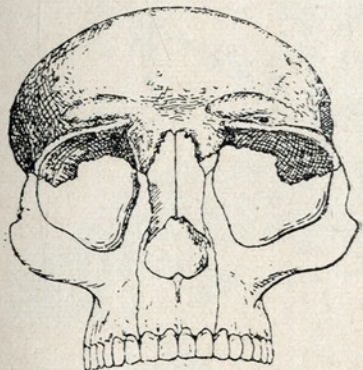
Além d'isso, como dissémos, a luz solar diverge da maioria das luzes artificiaes pela sua riqueza em raios azues de grande comprimento d'onda. O Dr. Fortin não concorda com aquelles que nos querem fazer crêr que a luz azul nos é nociva: diz que toda a natureza contraria essa opinião. O ceu é azul, azul o mar; em parte alguma encontrareis grandes massas vermelhas. A luz solar contem raios ultra-violetas, mas os emittidos pelas luzes artificiaes são largamente interceptados pelos vidros que frequentemente protegem a luz. Fortin assegura mesmo ter trabalhado por longos periodos com a lampada de vapor de mercurio, sem o menor mal, e observa que os fotografos não podem trabalhar muito tempo com a luz vermelha. Conseguiu obter a luz ideal rodeando três lampadas d'incandescencia Edison com um tubo espiral de vapor de mercurio. Esta combinação é perfeitamente satisfatoria. Está fechada num globo que mistura a luz da lampada d'incandescencia, muito rica em raios vermelhos, com a do vapor de mercurio rica em raios azues. O resultado é uma quasi perfeita síntese da luz solar.

De resto, o *British Medical Journal* não concorda com a opinião de Fortin sobre a innocuidade da luz azul. Os que trabalham com a lampada de vapor de mercurio soffrem de graves opthalmias electricas, a menos que protejam os olhos com vidros amarelos. A exposição excessiva á luz solar tem tambem influencia deleteria sobre os individuos louros que não são protegidos por uma pelle pigmentada contra acção dos raios ultra-violetas. Tanto assim que se affirma tenderem a desaparecer as familias louros nos tropicos. A luz do azeite é muito pobre em raios ultra-violetas, sendo porem a melhor para os estudiosos.

Um novo pitecantropo

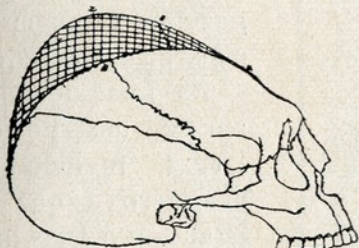
Segundo o dr. Florentino Ameghino a descoberta do *Diprhomomo plutensis* resolve com muita probabilidade a questão tão debatida da descendencia do homem. Combinada com outras recentemente feitas, principalmente a do crâneo do homem dos Pampas, esta descoberta esclareceria, segundo a opinião d'esse antropólogo, todo o

problema da arvore genealogica da especie humana. Para fazer uma ideia da epoca geologica a que pertence o diprothomo, basta lembrar que foi encontrado a 32 metros sob os pampas, a mais de 1:000 kilometros da Cordilheira, e que desde essa epoca aos nossos dias



CRANEO DO DIPROTHOMO
RESTAURADO

muitas faunas se succederam. A calote craneana do diprothomo é actualmente a mais antiga conhecida como provindo do craneo de um verdadeiro antepassado do homem. O craneo do diprothomo apresenta uma dolicocefalia notavel mas não extrema; visto de frente, o



COMPARAÇÃO DO CRANEO DO
DIPROTHOMO COM O DO HO-
MEM DOS PAMPAS

nariz é direito, as orbitas grandes como as dos negros do novo-mundo. Dentes octogonos, prognatismo accentuado. O craneo tem pouco desenvolvimento na região posterior.

O homem dos Pampas forma a transição do diprothomo ao homem propriamente dito.

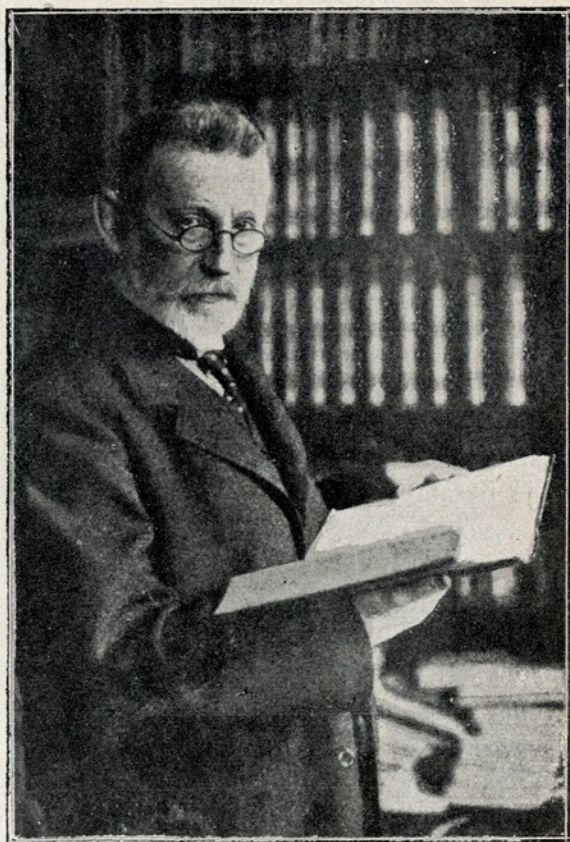
Posto que fosse ha muito conhecido entre os medicos, o nome do professor Paulo Ehrlich só se espalhou pelo grande publico quando elle recebeu o premio

O professor Paulo Ehrlich

Nobel para as pesquisas medicas, em 1908, e no anno seguinte foi concedido ao seu Instituto uma grossa pensão pelo Instituto Rockefeller de New-York. A mais larga celebridade alcançou-a porém agora com a descoberta do especifico que parece ser o remedio positivo da sifilis. O medicamento chama-se dioxidia-

mido-arsenobenzol, mas como é o numero 606 de determinada serie, d'ahi lhe proveio o nome vulgar de «606».

E' curioso notar que as mais imaginarias teorias, longe de merecerem o desdem de tantos pseudo-sabios empiristas, até sob o ponto de vista estreitamente pratico são um degrau de partida indispensavel, muitas vezes, ao avanço nos dominios da pura investigação; e estudando a sciencia na realidade viva do scientista vê-se bem que grande papel representa a imaginação nas resquizas experimentaes. Na chimica de hoje muitas teorias ha, sustentadas pelos que as propuzeram, sem conseguirem universal acceitação. Um sabio propõe a teoria e depois, assistido por cooperadores, trabalha por a espalhar e basear em dados experimentaes. Claro que da validade da teoria não depende a incontestabilidade dos factos em que o autor a baseia, nem a das innumeras descobertas accidentaes que faz nascer o estudo da ideia principal. Estas observações applicam-se perfeitamente á obra de Ehrlich. Este reconhece bem o que deve á extraordinaria imaginação de que é dotado, e á qual chama «imaginação chimica». A sua grande originalidade reside principalmente no facto de não hesitar



O PROFESSOR PAULO EHRLICH

em desenvolver experimentalmente as mais fantasticas ideias; diz que nos seus exitos o acaso tem uma grande parte, e que nada deve ser considerado ridiculo ou imprestavel sem que se tenha provado que realmente assim é.



O nosso seculo xx, verá sem duvida, em questão de *toilettes*, as maiores fantasias que a caprichosa moda poderá inventar.

Dizem nos centros da moda que grandes novidades nos estão reservadas.

O Oriente parece ser a fonte inexgotavel onde os arbitros das elegancias se inspiram para as novas confecções, copiando, já as mangas largas, as faixas de grande laço, os kimonos, em summa, um pouco da *toilette* da mulher japoneza, já os atavios de tecidos recamados de pedrarias, as tunicas de genero puramente oriental. O proprio *entravé*, não teria tido a sua origem no vestuario de alguma *moussmé*, por tal forma cingida no seu kimono que é obrigada ao passo miudinho e leve?

Os estylos Imperio e Directorio continuam sempre em voga, com tendencia a persistir, pois que os tecidos molles hoje empregados, se prestam para essa forma, como tunicas ca-



hindo direitas, sem pronunciar as formas do corpo, mas dando á mulher toda a linha de extrema elegancia. Os vestidos de noute, de tulle, setim ou crepe de china, *voilés* de gaze, continuam sendo a mais completa novidade.

As saias tendem a tornar-se um pouco mais largas, fugindo assim ao exaggero a que iam chegando, e á mais incommoda das fantasias. Os *tailleurs*, sempre indispensaveis para *toilette* de passeio, continuam a ter as saias bastante curtas, e os casacos de tal forma justos nas ancas, que parecem adherir á saia. Transparece cada vez mais a preocupação de tudo subordinar á linha. Por isso se vêem menos detalhes, menos enfeites laboriosamente executados, e por isso tambem cresce a voga dos botões como adorno, e os largos galões da mesma côr da *toilette*. Em vez dos simples rebuços que até aqui mais se usavam, predominam os gran-

des cabeções e grandes virados, genero Directorio, e outros de gola á marinheira, descendo bastante nas costas, sendo estes os mais modernos. Para a proxima primavera teremos lindos modelos de *tailleurs* de setim; posto que já tivessesmo visto alguns no principio deste inverno, consta-nos que voltarão com grande successo.



primôres, de tão variadas formas, e de umas proporções taes, que lembram almofadas onde consoladôramente se escondem niveas mãosinhas.

Os chapéus apresentam uma tal variedade de feitos e de enfeites, que não será difficil satisfazer todos os gostos.

Desde a mais simples toque apenas guardada com um *panache* preso por um *cabochon*, ao grande chapéu *flamon*, de ricas plumas, temos visto modelos de requintado gosto. As rendas de Veneza ou de Chantilly envoltas em pelle, tulle ou velludo são do mais bello effeito e como novidade nos chapéus de *toilette*. Toda a mulher deve esmerar o seu gosto na escolha de um chapéu. Dizem os verdadeiros entendedores, que, no bom gosto de um chapéu, e no apuro do calçado, está toda a linha e toda a arte de bem vestir. O chapéu deve estar em harmonia com o fisico, com as linhas do rosto, e deve-se procurar sempre a côr que vá bem ao tom da pelle. Se ás louras convem o branco, o azul e o verde, côres estas que requerem uma carnação rosada, as morenas poderão tirar partido nas côres vermelhas, amarelladas, que ficam maravilhosamente em uns cabellos pretos. Escolher de preferencia os tulles, as gazes e os chapéus pretos que se prestam a todas as carnações.

Os penteados

A moda nos penteados, comquanto se mantenha a mesma na linha geral, acaba de soffrer uma pequena modificação. A harmonia geral do penteado não variou, mas o facto tornou-se em todo o caso motivo de reparo, visto que indica o começo de uma tendencia que alvorece.



A arte do penteado representa na esthetica da mulher um papel preponderante. Não ha *toilette*, por mais distincta e elegante que seja, que possa compensar uma falta de bom gosto e de esmero no penteado.

De resto, a sarja, o cheviote e o panno serão tecidos sempre empregados para *troupeurs*.

O frio tem-nos incommodado por tal forma que as pelles e sobretudo os regalos tem sido a nota predominante deste inverno. N'um conjuncto de pelles, rendas, velludos e gazes, temos visto neste artigo, verdadeiros

A alegria de vêr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE**.

A «cuia» postiça que se collocava no alto da cabeça, passou completamente de moda, sendo substituída por grossos *boucles*, que dão sem duvida alguma á cabeça uma linha muito mais graciosa, fazendo lembrar os penteados que usavam as lindas mulheres da antiga Grecia.



Dos simples penteados usados nos nossos dias, vamos saindo por evolução, e chegaremos aos grandes toucados das nossas avós. Os penteados de estilo estão em voga, como por exemplo o estilo Imperio, com tiras de galão atravessando a testa.

As parisienses estão procurando copiar os modelos de penteados das mais celebres mulheres de diferentes épocas. Tal o penteado Récamier com «bouclettes» emoldurando o rosto, formando o monete tambem em *boucles*, como se penteava a linda mulher cuja formosura foi universalmente conhecida.



O penteado grego, muito em voga, é igualmente composto de bandós ondulados, e com o monete tambem formado de *boucles* saindo da nuca, guarnecido em volta com fios de perolas. N'esta ordem de idéas, mil fantasias são adoptadas. Os largos galões, as flores, as plumas, *aigrettes*, tudo são

confeções usadas para theatros ou *soirée*. Para meninas bastante novas os *boucles* guarnecendo o rosto lembram as deliciosas figurinhas do seculo XVIII.



De todos os modelos que apresentamos ás nossas leitoras, a nenhum dariamos preferencia, sem conhecermos o perfil gentil de cada uma, pois que o essencial da arte e do bom gosto é cada um procurar o penteado mais adequado á sua fisionomia.

Receitas uteis

Eis aqui, queridas leitoras, uma excelente receita que interessa toda a mulher que procura os segredos da *toilette*. Tonifica, embranquece e limpa maravilhosamente a pelle, quando applicada com regularidade, e em pouco tempo obtereis uma pelle fina, branca e assetinada. Apoderae-vos d'um bom limão, bem maduro e sem defeito. Tire-lhe a casca, n'uma pequena parte em que forneça uma circumferencia do tamanho de uma moeda de 10 réis. Fazei-lhe um buraco enchendo-o de assucar Candi, tornando a fecha-lo com a casca que se lhe tirou. Feita esta operação, assae o limão sobre cinzas quentes. Pela abertura já feita, podereis tirar-lhe o summo gota a gota, embeber n'elle um bocado de linho fino, ou um pouco de algodão hidrophilo, friccionando a cara, rapida mas fortemente. Fazei estas fricções de baixo para cima; cuidado não molestar a pelle.